Nº 02
PARTE 2 DE 4
OUT/2018

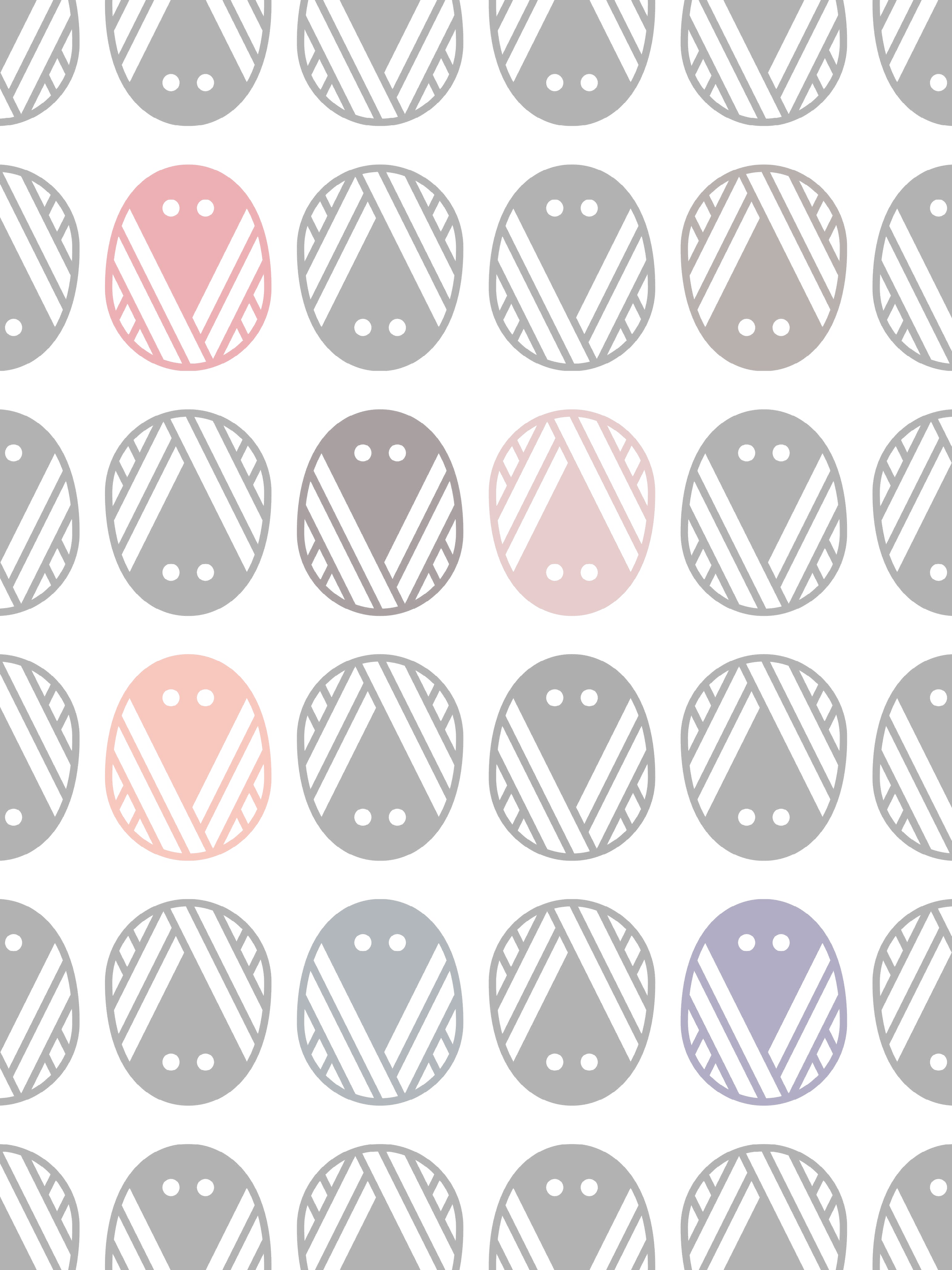
CONTOS E NOVELETAS DE:

ANA RÜSCHE
ANNA FAGUNDES MARTINO
DANTE LUIZ
ISA PROSPERO
LAURO KOCIUBA
MARCOS BERTO
MICHEL PERES
SÉRGIO MOTTA

FICÇÕES RELÂMPAGO DE:

AILTON BORGES | ALLIAH | ANDRÉ COLABELLI | CLARA MONTEIRO | GERALDO CEBOLA JOÃO LUCAS
MAÍSA FONSECA | RODRIGO SILVA DO Ó | RÚBIA DIAS | WILSON FAWS

ORGANIZAÇÃO: JANA BIANCHI / CAPA: GIOVANNA CIANELLI / DIAGRAMAÇÃO: LEO ALVAREZ



A vida às vezes é dura. As coisas dão errado — na vida e no amor e nos negócios e nas amizades e na saúde e em todos os outros modos que a vida pode dar errado. E quando as coisas ficam difíceis, isso é o que vocês devem fazer: façam boa arte.
(Neil Gaiman)

Nunca imaginei que as pessoas chegariam ao ponto de relativizar discursos explícitos de ódio, mas cá estamos nós tendo que defender a simples permanência da democracia com unhas e dentes. Se as coisas não estão difíceis agora, às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais de 2018, não sei de mais nada.

Mas, se tem uma coisa que você vai encontrar aqui na Mafagafo, é arte das melhores. Nós levamos o precioso conselho de Neil Gaiman muito a sério.

Nessa publicação, você encontra a segunda parte (de quatro) dos oito contos ou noveletas iniciados na parte 1 — então, se você descobriu o projeto por aqui, recomendo que visite o nosso site, faça o download gratuito da parte 1 e comece a leitura por ela! Alternando com as partes dos textos mais longos que apresentei no editorial passado, você vai poder ler as ficções relâmpago "Sobrepostas", de Maisa Fonseca; "Sua Encomenda da Esporoloucos foi Enviada", de Alliah; "De Volta às Ruas", a reflexão de uma inteligência coletiva proposta por de Ailton Borges; "Em Luenha", de Geraldo Cebola João Lucas; "Morte Térmica", de Rodrigo Silva do Ó; "O Carpinteiro", de André Colabelli; "A Origem das Ideias Revolucionárias", de Rúbia Dias; "O Celular da Minha Mãe", de Wilson Faws; e "Uma Coroa para uma Rainha", de Clara Monteiro — textos que são arte muito melhor do que qualquer descrição que eu possa tentar fazer no meio desse caos.

Pra terminar, quero convidar você a nos contar o que achou dessas duas primeiras partes dessa primeira edição. Depois que ler, deixe um tuíte lá no *@mafagaforevista*, uma mensagem direta no Instagram *@mafagaforevista*, dê um pulo na página do Facebook, *Mafagafo Revista*, ou mande um e-mail pra mafagafochefe@mafagaforevista.com.br.

Se você chegou na Mafagafo por esta segunda edição, visite *mafagaforevista.com.br* pra ler a primeira completa ou pra saber mais sobre nossa proposta de ser uma revista seriada. Aproveite a visita e assine nossa newsletter pra não perder, nos próximos meses, a publicação das partes 3 e 4, que trarão o restante dos contos iniciados na parte 1.

E claro, compartilhe a palavra — e o link para baixar a revista! — com os seus amigos!

Vejo você em breve, na parte 3!

Jana Bianchi Mafagafo Chefe & Editora

É justamente a esperança de que não estamos sós que vai nos levar à vitória. O resultado de nossa coragem é uma mensagem que vai sobreviver ao tempo e ao que existir do outro lado do rio.
(*Ninguém Nasce Herói*, Eric Novello)

JANA BIANCHI – Editora-chefe
Jana Bianchi é engenheira, escritora, viajante, editora-chefe da Revista Mafagafo, hostess dos podcasts Curta Ficção e Desafio Ex Machina, colaboradora do jornal satírico Tempos Fantásticos e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de Rua* (*Dame Blanche*), a noveleta independente *Sombras* e o conto "*Analogia*" (Revista Trasgo #09). Pode ser encontrada no site janabianchi.com.br e no Twitter e no Instagram como @janapbianchi.

GIOVANNA CIANELLI – Capa e Ilustração da Capa
Giovanna Cianelli é designer e ilustradora, vive entre Rio de Janeiro e São Paulo. Psicodelia e cultura pop são temas recorrentes em seu trabalho. Nas horas vagas, desenha a HQ da Garota Galáctica.

LEO ALVAREZ – Diagramação
Leo Alvarez é mestrando em Design pela Unesp de Bauru, onde pesquisa a aplicação de design emocional em livros. É um dos responsáveis pelo *Coletivo Luminar*, grupo que realiza ações e atividades ligadas a arte-educação, e também se arrisca na escrita de ficção, mas ainda não criou coragem para mostrar seus mundos fantásticos para os amigos.
E-mail: leo@coletivoluminar.com.br

SUMÁRIO

7. SINOPSES
10. SOBREPOSTAS
12. [NÃO TÃO] PERTO DO FIM
27. SUA ENCOMENDA DE ESPOROLOUCOS FOI ENVIADA
33. ANTIGOS DEMÔNIOS PARA O NOVO MILÊNIO
44. DE VOLTA ÀS RUAS
48. JAVARI
56. O CARPINTEIRO
59. CIBERBOCHICHO
70. EM LUENHA
73. UM ESTUDO EM MERINO
87. MORTE TÉRMICA
89. O FANTASMA DO TRÓLEBUS 2100
99. A ORIGEM DAS IDEIAS REVOLUCIONÁRIAS
103. INGREDIENTE Nº 5
116. O CELULAR DA MINHA MÃE
119. A DESCONEXÃO TELEPÁTICA E SEUS ABALOS SÍSMICOS
138. UMA COROA PARA UMA RAINHA
142. FICÇÕES RELÂMPAGO – AUTORIAS

(NÃO TÃO) PERTO DO FIM
por Lauro Kociuba

As coisas sempre podem ficar piores, você dizia. Se acho que não podem, é por falta de criatividade minha. Mas dessa vez tá difícil, Helena.
Sete observatórios confirmaram e o alarme já está tocando de meia em meia hora. Previsão de duas semanas e meia. Sei que já trabalhamos com tempo mais apertado, mas hoje em dia eu demoro 15 minutos só pra vestir um calçado. Para mim, todo tempo é curto.
Não temos mais tanto dinheiro, a mão de obra está escassa e, pra completar, os estagiários chegam hoje. Se forem pelo menos metade do que você era, já vai ser muito. Mas pode ser exatamente o que precisamos nesta crise. Disso e de tempo, mas o tempo nunca foi nosso amigo, não é?

Extraído do diário de Carlos

ANTIGOS DEMÔNIOS PARA O NOVO MILÊNIO
por Isa Prospero

Inan não se importaria de passar o resto da vida imortal trabalhando em sua loja de antiguidades mágicas em São Paulo. Mas sua tranquilidade é quebrada quando Gaia, sua cliente preferida, aparece com um objeto misterioso e afirma que alguém está tentando matá-la por ele. Inan logo adivinha quem está atrás do item: o único outro imortal na Terra, que ela odeia e que a odeia de volta. E quando descobre o que exatamente Gaia encontrou, teme que será obrigada a confrontar seu inimigo e repensar sua decisão de nunca usar magia — pelo bem de Gaia e de toda a humanidade.

JAVARI
por Michel Peres

Uma caçadora genética é contratada para encontrar um animal raro nos confins da Amazônia. Durante sua jornada, acaba esbarrando em um segredo em que jamais deveria ter posto os olhos. Agora, entre rios, animais selvagens e chás alucinógenos, ela está prestes a descobrir que os perigos da floresta são maiores do que imaginava.

CIBERBOCHICHO
por Sergio Motta

O cantor Franz Delegarza revolucionou a música tocando acústicos. Em meados século XXII, isso é alguma coisa. Mas bombou mais do que nunca quando foi flagrado ao desligar (para muitos, matar) uma inteligência artificial. O juiz do caso: outra inteligência artificial. Embora eficiente, é sindicalista pelos direitos cívicos das IAs, e a treta está plantada. O julgamento ainda acontece enquanto a polêmica sobre IAs serem consideradas vivas ou não está no Congresso, na boca do povo e nos trending topics. A polêmica do cantor gera reportagens especiais em programas sensacionalistas, hipertextões nas mídias sociais, discussões em chats de família e até shows stand-up de um comediante robô. O ciberbochicho vai dar muito pano pra manga.

UM ESTUDO EM MERINO
por Anna Fagundes Martino

Ninguém desconfiaria do pacato grupo de tricoteiras reunido às quintas no Armarinho Lika: afinal, um bando de velhinhas — e uma doce jovenzinha — não fariam mal a uma mosca. Porém, quando a professora do grupo desaparece, elas são obrigadas a colocar de lado as agulhas para exibir dentes, garras, asinhas e um ou outro truque de mágica.

O FANTASMA DO TRÓLEBUS 2100
por Marcos Berto

Numa São Paulo do futuro verticalizada, condados surgem como micromegalópoles exclusivas dos ricos, militarizadas cidadezinhas particulares dentro de uma cidade maior. Jéssica, uma jovem moradora de fora dos muros de um condado, vive uma quinta-feira quase comum: concorda em entregar pacotes de conteúdo proibido depois da escola, pega carona num veículo centenário e encontra um ser luminoso e etéreo vagando pelos fios que alimentam os antiquados trólebus da cidade. Tudo isso sem deixar que seu coração com marca-passo deixe de bater nessa Terra de Ninguém.

INGREDIENTE Nº 5
por Dante Luiz

Brasília, final dos anos 80. Existe um templo em forma de pirâmide na capital do país que promete responder suas perguntas mais íntimas com um chá especial. Elias não é supersticioso, mas decide ir até lá para descobrir o que aconteceu com sua mãe, que desapareceu durante a ditadura. Ali, encontra quatro pessoas esperando atendimento: Mariza, uma dona de casa que acredita que seu marido é infiel, Karol, uma adolescente irreverente que foi expulsa da escola, Teófilo, um deputado com intenções duvidosas, e Jean, o ex-namorado que Elias mais detesta.

A DESCONEXÃO TELEPÁTICA E SEUS ABALOS SÍSMICOS
por Ana Rüsche

A telepatia foi descoberta. Um grupo farmacêutico estadunidense quer patentear a fórmula do produto da levedura *Saccharomyces telepastorianus*, droga telepática estabilizada em laboratório por William Fredrick Dogde. Entretanto, a levedura foi apropriada por Dogde de uma escola agroecológica mantida por mulheres no interior do Chile — o fermentado, apelidado de "chá", até então era segredo de gerações. Um estudante jura vingança contra o estadunidense: Paco, que raspa a cabeça dos dois lados para que ninguém tenha dúvida de seu coração. A fisioterapeuta brasileira Carol decide largar o emprego e passar férias em Santiago. Mas irá experimentar o Chá e cairá num caldeirão com hackerspaces, cordilheiras, terremotos e lembranças. Afinal, para se entrar em telepatia, é necessário antes compartilhar terríveis vergonhas.

Os ventiladores estão ligados, todos, mas fazem pouco pra aliviar o calor incandescente do Rio de Janeiro. O conjugado parece ter sido o local de uma explosão; roupas, sapatos e outros itens variados espalhados pelo chão, alguns pendurados nas maçanetas dos armários.

Ela está deitada na cama de casal, os olhos fechados, uma lista de coisas por fazer passando pela cabeça. O tempo passa, devagar e silencioso, como se não quisesse incomodar aquele espaço.

As luzes se esvaem lá fora, anunciando a noite. Na cama, ela vira a cabeça, pesada dos pensamentos sobre o vazio, e suspira.

"O tempo é uma abstração." Ela murmura pra si mesma, se levantando e arrastando os pés pelo pequeno apartamento. "Já estamos mortos. Tudo isso é uma perda de tempo."

Os pés encontram chinelos, a roupa encontra o corpo, as mãos encontram as chaves, a carteira, o celular. A cabeça se enche de estrelas, de corpos celestes, navegando através do espaço.

Ela arrasta os pés pelas ruas, a visão turva da sobreposição de todos os mundos. O vento sussurra segredos de outras realidades e as dúvidas se empilham cuidadosamente num canto escuro da cabeça de cabelos curtos revoltos. Em alguma outra realidade ela sente os cabelos compridos roçando nos braços. Em uma outra, ela sente o vento nas orelhas, acariciando a cabeça raspada. Em uma outra, ela sente o cheiro pungente da gasolina e o calor do fogo, o mundo em chamas ao seu redor. Nessa, ela olha pro céu e pisca, tentando focar sua visão. Existem carros aqui. Seria um desperdício ser atropelada tão cedo.

Será que as outras a sentem também? Ou é ela que é o nó, o ponto comum? Será que elas sentem o mesmo? Será que as outras se preocupam com as dores estúpidas dela?

Será que as outras também se sentem perdidas nessa multitude de experiências? Será que elas sabem quem são?

As gotas de chuva começam a cair, delicadamente, e ela faz uma oração pra deusas inexistentes pedindo uma benção, calma, alívio das suas dores. Distraída, entra no caixa eletrônico, o olhar distante enquanto tenta separar as próprias dores das dores das outras. A chuva se torna uma tempestade, uma parede sólida de água. Os trovões e os raios cortam o ar e a escuridão, enquanto ela observa.

Ela pisa decididamente nas poças, deixando pra trás proteção precária das marquises. A chuva lava tudo, menos a dor. As outras se ocupam das próprias vidas e ela precisa se ocupar dessa.

A chuva continua a cair com força, indiferente; ela arrasta os pés molhados pro supermercado. ●

LAURO KOCIUBA - Autoria

Lauro Kociuba é escritor independente de fantasia e (recentemente descobriu) ficção científica. Graduando em Letras, utilizou a auto publicação como uma ferramenta para sanar seu imediatismo e pavor de recusas editoriais, e hoje está viciado no Kindle Direct Publishing da Amazon. Conheceu sua esposa pela internet quando ainda era tudo mato, e ensina seu filho a cantar todas as aberturas de Dragon Ball. Tem uma (vaga) esperança de manter menos de cinco projetos literários simultâneos.

E-mail: laurokociuba@gmail.com

VICTOR ALMEIDA - Edição

Victor Almeida é bacharel em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial pela UFRJ e especialista em Publishing Management pela FGV. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias e Linguagens da Comunicação (PPGTLCOM) da UFRJ e editor freelancer. Dependente químico de café, planeja secretamente um apocalipse muito específico contendo zumbis, robôs gigantes, garrafas de Mineirinho, guaxinins e o extermínio de todas as mangas do mundo.

E-mail: victor.almeida87@gmail.com

RAPHAEL ANDRADE - Ilustrações

Raphael Andrade é designer, artista de história em quadrinhos e ilustrador. Trabalha durante o dia (e às vezes parte da noite também) com publicidade, seu ganha pão até conseguir viver apenas de quadrinhos, e se dedica aos freelas e paixões no restante do tempo. Desenhou, escreveu e letrou diversas histórias para publicações independentes no Brasil, Estados Unidos e Portugal. Colaborador recorrente e responsável por (parte) da linguagem gráfica dos *Tempos Fantásticos*, é apaixonado por café, cachaça com mel, projetos mirabolantes e transporte público.

[NÃO TÃO] PERTO DO FIM

PARTE 2

No capítulo anterior…

Café da manhã, dores na lombar, bexiga apertada, mundo acabando, entrevista de emprego, o mundo não acabando e, quando você menos espera, apocalipse!

*****

29 de janeiro de 2018

— CACAC?! — Camila tentou se fazer ouvir acima do alarme que embalava o inferno rodopiante e vermelho da quitinete. — QUE MERDA DE NOME É ESSE?!

Carlos balançou a cabeça e bateu com o indicador direito no aparelho auditivo, então apontou o mesmo dedo para o monitor do computador. Ezequias estava com uma janela aberta na tela. Em letras garrafais brancas, num fundo que alternava vermelho e preto, o sistema avisava:

PROFECIA CONFIRMADA
7 OBSERVATÓRIOS ATESTAM PROJEÇÃO

O mouse seguiu calmamente até o botão "Confirma Recebimento" e clicou, fechando a janela. O ponteiro seguiu com paciência para confirmar o recebimento do aviso nas outras seis janelas. Após o fechamento da última, Ezequias e Carlos ligaram os aparelhos ao mesmo tempo que o alarme se aquietou.

— PUTAQUEOPARIU! — gritou Camila. Sem se ouvir, abriu a boca para tentar se livrar do zumbido agudo que coçava sua nuca. Sem sucesso.

— Vocês se acostumam. — Carlos pigarreava enquanto ajustava o volume do aparelho auditivo. — No começo nem saíamos da frente do computador, para desligar assim que tocava.

— Acostumam nada… — Ezequias estalou a língua algumas vezes enquanto regulava o aparelho, então foi abrir o aplicativo do CACAC. — Quando entrei aqui, eu tinha a esperança de mudar essa merda. *Não tenham essa esperança.*

— VOCÊS ESTÃO ME OUVINDO? — gritou Carlos, olhando para os três. — Eu devia ter avisado, mas achei que o impacto era importante.

— Impacto? — Ezequias riu, levantando as mãos. — Por mim era só pela filha-da-putagem mesmo. Tenho que ir no banheiro.

— Espera, segura só um pouco. — Luan pressionava os ouvidos com os indicadores, alternando enquanto falava.

— Infelizmente, não tenho mais a habilidade de segurar — comentou Ezequias enquanto caminhava, dando de ombros.

— Você disse *apocalipses*? Tipo… Mais de um? — perguntou Luan, antes que Ezequias fechasse a porta do banheiro.

— Sim, sim, são vários. Isso porque não tratamos de todos. O Carlos vai explicar tudo. Eu tenho *mesmo* que ir.

A porta do banheiro fechou, deixando os três jovens para Carlos.

— É sério isso? — Clara respirava fundo. — Digo, estava divertido até agora há pouco, não muito, mas eu podia aceitar como piada. Vocês querem mesmo que acreditemos nisso?

— As evidências estão em todo lugar, mulher! — Camila segurou as mãos de Clara. — As previsões, astrônomos, os maias, meteoros, até Hollywood tentou avisar a gente várias vezes. A verdade está lá fora, pra quem quiser ou ousar ver!

— Não pedimos que acredite fácil, Clara — disse Carlos. — Só estamos fazendo nosso trabalho. A escolha é sua, mas admito que o emprego requer uma quantidade razoável de fé.

— Razoável teu cu! — O barulho da descarga pontuou o grito de Ezequias.

— Bom, *eu* acredito. — Camila sorriu para Carlos. — Minha única questão é… "CACAC"?

— Centro de Aviso e Controle de Apocalipses e Cataclismos — repetiu Carlos. — Eu já disse.

— E eu ouvi — respondeu Camila, tentando não parecer tão sarcástica quanto acreditava estar sendo. — E que não consigo imaginar um nome… pior.

— Então te falta criatividade, Micha. Apesar de eu achar meio bosta também. E tenho certeza de que é um dos motivos pelos quais a mídia e os estagiários nos evitam. — Ezequias veio enxugando as mãos no jaleco e sentou em frente ao computador. — Mas quase foi CACA, CACACA, CRACA, CACACU e CARACU. Então pelo menos esse é um palíndromo divertido.

— Menos mal. E cadê todo mundo? — Camila levantou o indicador e o girou, se referindo à quitinete. — Achei que um

centro antiapocalipse seria mais… grandioso.

Ezequias parou de mexer no computador e se virou para Carlos, dando de ombros, antes de voltar a tratar as certificações de segurança.

— Micha, a grandiosidade está no que fazemos. — Carlos suspirou, arrumando o bigode. — Você, eu e cada pessoa que caminha sobre esta terra, só estamos aqui por conta de lugares como este.

— Lugares? — perguntou Luan enquanto colocava um doce de mocotó inteiro na boca. — No plural?

— Você tem um problema com plurais, né garoto? — comentou Carlos, pegando outro doce do pacote. — São vários centros, ao menos sete pelo mundo, até onde lembro. Já foram mais, mas há um pequeno paradoxo em nossa profissão. Quanto mais eficientes somos, mais parecemos ridículos e desnecessários.

— Ei! — interrompeu Ezequias, mostrando o monitor para todos. Então viu o doce na mão do colega. — Tá querendo uma diabetes também, Carlos? Já é o terceiro, não?

Carlos mostrou o dedo do meio ao colega enquanto mastigava.

— Então, crianças, é isso. O mundo está acabando quase toda semana. Guerras nucleares iminentes, cientistas malucos, meteoros, buracos negros, fendas no tempo, a porra toda… Escolham o que quiserem: já aconteceu ou vai acontecer. — Ezequias soltou o cabelo e coçou a nuca, bagunçando os fios brancos. — Normalmente meteoros e cientistas sobram pra gente. Mas nunca se sabe, os fins do mundo são caixinhas de surpresas. O Carlos aqui achou que era uma boa chamar vocês hoje pra ver a gente trabalhando.

— Como assim, “trabalhando”?! Vocês estão batendo papo e desligando alarmes. — Clara cruzou os braços. — Acho que a situação, se fosse real, deveria exigir um pouco de urgência.

Ezequias levantou dois dedos para Clara.

— Garota, minhas urgências se resumem a banheiro e ironia. O resto é protocolo.

— Zeca, você não tá ajudando muito. — Carlos apontou para o monitor. — Clara, hoje nós conseguimos fazer previsões com um grau de antecedência razoável, podendo agir com calma e dentro dos limites de segurança.

— Com profecias? — Clara ergueu o olhar para Carlos, franzindo a testa. — De um dono de bar?

— Profecias sempre existiram, sempre. E séculos atrás eram respeitadas, uma das maiores ciências do homem. A dificuldade de prová-las foi um dos empecilhos para sua manutenção, mas são uma fonte de informação como outra qualquer. Se eu falasse de física quântica há quinhentos anos, ou até de bússolas há dois mil anos, seria acusado de praticar magia. Se você acha que o homem atingiu seu limite de ciência e tecnologia, é melhor rever seus conceitos.

— Tá. — Clara descruzou os braços. — E vai me dizer que sabem como funcionam as profecias?

— Não! — Ezequias cortou o colega antes mesmo que ele começasse a responder. — Ninguém tem certeza, garota. Carlos tem umas maluquices dele, mas são só isso: maluquices. O lance é que as profecias funcionam e, muitas vezes, salvam nossa pele. É o que importa. Depois pode perder tempo discutindo com esse velho. Agora é hora de aceitar.

Clara suspirou e encarou Camila, que sorria para ela com uma empolgação particular. Luan estava olhando para o nada, então ela tentou encontrar algum apoio nele.

— O que você acha dessa coisa toda?

— Eu? — Luan apontou para a própria camiseta. — Acho que pode ser.

— Pode ser? — Clara subiu o tom de voz. — Pode ser o quê?

— Tudo, ué. — Luan deu de ombros. — A gente descobre coisas novas todo dia. Temos que dar uma chance. E já estamos aqui, não é? O que custa?

— Sanidade? — Clara passou a mão nos cabelos.

— Precisamente, garota. — Ezequias apontou para o

monitor. — Agora, aqui. Temos um protocolo Oozaru.

— AHHH! OOZARU, TIPO DRAGON BALL?! — gritou Camila.

— Dragon Ball? — Luan virou para Camila.

— Isso! Os Saiyajins que ainda têm o rabo, quando veem a Lua, viram um macaco gigante! — Camila abriu os braços, exasperada. — Vocês nunca assistiram a Dragon Ball?

— Eu me lembro disso, eu acho. Mas… o que que tem?

— O termo que designa o macaco gigante é Oozaru. — Carlos arrumou o bigode enquanto interrompia. — E sim, é por conta do desenho. Nós tentamos criar termos que sejam mais… memoráveis do que códigos de números e letras. Temos até um acervo cultural de pesquisa.

— Basicamente filmes e desenhos de fim do mundo — reforçou Ezequias.

— Mídias audiovisuais de referência — explicou Carlos. — Temos muito material de pesquisa.

— E tempo livre — completou o colega, entredentes.

— Usamos o que temos para facilitar o trabalho.

— Resumindo… — Clara contou nos dedos cada ação. — Vocês ficam batendo papo, desligando um alarme ensurdecedor, assistindo a filmes e desenhos e colecionando profecias de donos de bar. E querem que acreditemos nisso?

— Faltou um. — Ezequias levantou a mão aberta. — Salvando o mundo.

— Chega disso, vocês. — Carlos passou a mão nos cabelos. — Oozaru é porque temos uma ameaça à Lua. Um meteoro, no caso. A destruição da Lua é certa, temos vários observatórios amadores que confirmaram a previsão do Zé. Quando o alarme toca, significa que fomos acionados por outros centros. Enquanto não resolvermos, a soneca é de meia hora. Temos que trabalhar. Zeca?

— Tá bom. Ainda estamos nos adaptando à última atualização do sistema. — Ezequias clicou em algumas

janelas, abrindo gráficos e projeções. — Aqui podemos ver as probabilidades de interpretação da profecia, e aqui as confirmações. Os vínculos com observatórios são essenciais em questões de meteoros. Os astrônomos nem sempre são confiáveis, mas como a certeza só vem com todo mundo morrendo, preferimos lidar com o que temos. A expectativa é que o choque aconteça entre duas a três semanas, lá por 12 de fevereiro. O nosso prazo limite de ação, sem sequelas, é de… uma semana.

— Uma semana pra quê? — Clara tinha voltado à sala, para buscar uma cadeira.

— Para destruir ou desviar o meteoro, obviamente. — Ezequias apontou para a tela, onde uma simulação mostrava o trajeto do meteoro até se chocar com a Lua. Uma seta com vários dados apontava para ele. — CACAC, já dissemos, lembra? O alarme foi pra avisar, e agora temos que controlar.

— Isso é absurdo, além de estúpido! — Clara se sentou, apoiando os cotovelos nas coxas. — Não dá pra dizer que meia dúzia de gatos pingados salvam o mundo. Por que isso nunca foi divulgado?

— Nós costumávamos divulgar! — Carlos suspirou. — Mas entre ceticismo e comédia, acabamos escolhendo ficar com a economia. Estamos numa época em que quem define o que é verdade não tem idade para conhecê-la; e quem a conhece não tem mais voz ou força para falar.

— Nem todos os heróis usam capa, mulher. — Camila piscou para Clara.

— É, alguns usam aparelhos auditivos. — Ezequias estalou a língua.

— Enfim. — Carlos abriu os braços para os estagiários. — É difícil achar funcionários e apoiadores à nossa iniciativa, mas alguém tem que fazer o sacrifício. É por isso que vocês estão aqui. Não vamos viver pra sempre.

— Ninguém vai. — Ezequias deu de ombros.

— Pra sempre não, mas acho que a humanidade poderia

viver mais do que cinco dias sem nós. — Carlos colocou a mão direita no ombro do colega.

— Que seja. — Ezequias anotou as coordenadas do meteoro no monitor e as entregou ao colega. — E aí? Já tá com os mísseis prontos?

— Mísseis? Aqui? — Clara se levantou.

— Bom, pelo menos está acreditando agora. — Carlos riu. — Não, aqui não. Não temos mais estações de lançamento terrestres. A burocracia é enorme! Nós temos alguns contatos com satélites armados. É só mandar uma mensagem designando o alvo.

— *Uma* mensagem?

— *Uma* mensagem. — Carlos pegou o celular e codificou as coordenadas e o código de envio. — Pronto. Foi. Agora podemos acompanhar.

Clara e os outros dois chegaram mais perto do monitor para ver a atualização das projeções.

— Foi o satélite do Alcides? — perguntou Ezequias a Carlos enquanto abria um segundo prompt de comando no sistema.

— Isso.

Ezequias digitou os códigos de geolocalização e rastreio, processou o comando e fechou o prompt, atualizando o gráfico das projeções.

— O satélite usa a própria órbita como propulsão inicial ao míssil. Temos que esperar o posicionamento para lançamento, que deve demorar umas… — Ezequias acionou um atalho do teclado com uma contagem regressiva para alinhamento. — …três horas. Dá tempo de tomar mais um café. Aceitam?

***

— Mas sempre tiveram tantos assim? — Luan bebericou o resto do seu café frio.

— Tantos o quê?

Carlos estava deitado na cama havia alguns minutos, esticando as costas. Os três decidiram esperar até o lançamento do míssil — estranhamente, Clara havia sido a primeira a afirmar que esperaria. Os jovens colocaram as cadeiras perto das camas dos cientistas.

— Apocalipses — respondeu Luan. Tinham passado a maior parte do tempo falando sobre tudo, menos o que faziam ali. Sentiu-se mal de trazer aquilo agora. — Digo, como faziam para detê-los? Não havia muitos recursos para impedi-los antes dos foguetes, não é?

— Os centros não começaram para deter ameaças externas — respondeu Carlos, sentando na cama. — Foi principalmente para deter pessoas malucas ou idiotas.

— E ricas — completou Ezequias, ainda com a máscara de dormir.

— É, algumas ricas. — Carlos sorriu. — Só com a corrida especial que começamos a nos preocupar com riscos espaciais. Mesmo assim, eram muito raros.

— E porque hoje não são raros? — perguntou Clara, sem levantar o rosto do caderno.

— Eu tenho uma teoria. — Camila levantou o braço. — Digo, eu e mais uns amigos.

— Teorias para o fim do mundo? — Clara parou de riscar notas e levantou o rosto. — Seus amigos discutem isso?

— É um assunto muito importante! Você pode não acreditar se quiser, mas deve sua vida a esses dois aqui. — Camila apontou para a dupla de velhos. — E não é bem uma teoria para todo tipo de apocalipse, só os que vêm do espaço.

— Ah, claro. Só os do espaço. E qual é?

— O universo está entediado. Digo, já expandiu até seus limites, criando tudo que é possível e impossível. Agora está brincando de Jenga com a Terra, sabe? Jogando coisas em nós para ver quanto tempo conseguimos aguentar até desabar.

— Tipo Pula Pirata, então? — sugeriu Luan e terminou o

último gole, sério.

— Isso, tipo um Pula Pirata. — Camila assentiu.

— E se for tipo *Premonição*? — perguntou Luan.

— *Premonição*? — Carlos franziu a testa e arrumou o bigode.

— É, aquela série de filmes — respondeu Luan. — Pô, fez mó sucesso! Das mortes e tal.

— Tem fim do mundo nesse filme? — Ezequias ergueu um dos lados da máscara de dormir e observou o grupo.

— Acho que não — respondeu Luan, pensativo. — É, não tem não.

— Então não vimos. — Cobriu os olhos e voltou a deitar. — Nosso acervo é estritamente profissional!

— Tipo, se alguém evitou o primeiro fim do mundo, e agora a morte tá cobrando a dívida? — Luan deu de ombros.

— Vocês estão falando sério? — Clara estava segurando o tom de voz para não gritar. — Que merda eu tô fazendo aqui?

— Eu acho que não é nada disso. — Ezequias enfim tirou a máscara, sentando na cama.

— E o que acha que é, Ezequias? — perguntou Camila.

— Tipo um El Niño — respondeu ele, levantando e espreguiçando as costas. — Essa porra toda vai passar, só fico puto de ser na minha vez. Sempre é na minha vez.

— Na nossa, né, Zeca? — Carlos ficou de pé, logo em seguida o computador começou a emitir um som de chamada. — Acho que está na hora.

Os cinco seguiram para o computador. Carlos mexeu o mouse para tirar da proteção de tela, espantando a animação com o náufrago. Então o sistema atualizou, mostrando em destaque a projeção. O contador estava em 150 segundos e caindo, um ponto branco já havia se desprendido do satélite e caminhava calmamente até o asteroide.

— Tem mais de dois minutos. — Ezequias bocejou e começou a amarrar os cabelos. — Já volto.

Os jovens encaravam o monitor e a contagem regressiva

no contratempo do ponto branco que piscava. Ezequias voltou a tempo de esperar os últimos segundos se passarem. O desenho do asteroide engoliu o ponto branco, suspendendo o fôlego dos cinco.

Logo o sistema começou a fechar as janelas e um sinal de "curtir" surgiu na tela, junto com marcações verdes em vários procedimentos que sinalizavam o sucesso da operação.

— Gostaram? — perguntou Ezequias, erguendo a própria mão numa imitação da que estava na tela. — O joinha foi ideia minha.

— É só isso? — Clara olhava de Carlos para Ezequias. — Sério?

— Só? Se não fosse isso — respondeu Ezequias, no mesmo tom — você estaria aproveitando as últimas duas semanas da sua vida fazendo porra nenhuma e ia morrer sem saber.

— Adorei, gente! — gritou Camila, e chamou todos. — Quero uma foto, vai? Temos que registrar!

Ela apoiou o celular dela na cadeira, ajustou o temporizador e puxou todos para a frente do computador. Ficando entre Carlos e Ezequias, sorriu para a foto e estendeu a mão com o indicador e o dedo do meio formando um "V".

— Vamos lá, gente! Todo mundo falando: APOCALIPSE!

No instante em que a foto foi capturada, o alarme mergulhou o cômodo num vermelho gritante. Os cientistas xingaram e levaram as mãos aos aparelhos auditivos, baixando o volume, enquanto os jovens tapavam os ouvidos.

Ezequias abriu o computador e reiniciou o aplicativo.

— PUTA MERDA, CARLOS! — gritou Ezequias.

— O que foi?!

— O míssil desviou o asteroide, e desativou o protocolo Oozaru. — Ezequias se virou devagar, olhando para todos.

— Tá, e não era o que a gente queria? — Camila se inclinou para ver o monitor. — Salvar a Lua?

— A rota foi desviada. — A voz de Ezequias baixou para um sussurro. — Não temos mais um Oozaru, mas o asteroide

está vindo para a Terra. É um protocolo Steven Tyler.

***

— Porra! Como assim não tem mais mísseis? — perguntou Camila, tentando se acalmar.

— Simplesmente não temos mais. — Ezequias estava digitando freneticamente, enviando mensagens aos outros centros. — Acabaram os nossos mísseis.

— E agora? — Luan caminhava pela sala, tamborilando as coxas.

— Tínhamos um acordo de sete cargas. Aquela foi a última. — Carlos enviava mensagens no celular, não se preocupava em cifrá-las. — Eu disse que estávamos numa época difícil, em dois anos evitamos quatro Oozarus e dois Steven Tylers!

— Não tem como mandar um míssil terra-ar? — perguntou Camila. — Zeca, vocês não têm esse tipo de contato?

— Primeiro, "Zeca"?! Respeito, garota. Meu nome é Ezequias. E segundo: um foguete com carga explosiva o bastante para desviar um meteoro desse tamanho? E potência para atingir a órbita, sem risco de explodir no caminho? Além de ter autorização de todos os órgãos para ser lançado a qualquer instante? Claro! Acho que tenho uns sete ou oito líderes mundiais aqui na discagem rápida, peraí!

— Ela só está tentando ajudar, Zeca. — Carlos puxou o colega de volta para a frente do computador. — Continua enviando a demanda pros outros centros. Temos que continuar tentando.

Clara ainda estava sentada, as pernas cruzadas enquanto acompanhava o desespero dos outros.

— De quem foi a ideia de chamar de Steven Tyler? — Ela fechou o caderno e o colocou sobre o colo. — Tenho que admitir que essa foi boa.

— Também gosto dessa. Foi o Zeca! — respondeu Carlos.

— Teu cu que gosta! Nenhum de nós aguentava mais aquela música e o Bruce Willis escavando. — Ezequias parou de digitar por um instante. — Puta merda. É isso!

Ele se levantou e deu três passos até a Clara, a adrenalina quase o fazendo andar rápido. Segurou a cabeça da garota e deu um beijo na testa dela.

— É isso! — Começou a correr em direção à porta e parou, a mão no quadril. — Luan, corre pra mim até aquela porta. Isso, aquela mesmo! O código é a sequência de números primos. Vai digitando que uma hora ela abre. Corre!

1235711131719…

Luan já estava digitando o 101 quando Ezequias o alcançou. A porta destrancou e um ar gelado invadiu a quitinete.

— Porra, Carlos! Você não desligou o ar condicionado na última vez. — Ezequias se apoiou na porta e entrou, apalpando a parede para acender a luz. — Por isso a conta de luz tá vindo o dobro!

— Desculpa. — Carlos pegou a bengala e avançava em direção a sala. — Já tô chegando aí!

— Aproveita e traz meu chapéu!

A luz acendeu aos poucos, piscando, revelando um galpão um pouco maior que a quitinete, com dezenas de caixas e pacotes enormes amontoados sobre pallets. Rabiscos e garranchos enfeitavam diversas caixas de todos os tamanhos, além de marcas conhecidas. A maioria era de papelão com o símbolo da Elma-Chips, as maiores tinham armação de madeira com Cônsul ou Electrolux na lateral, remendadas com fita adesiva.

— Garoto, pega aquele carrinho ali. — Ezequias estava apoiado na parede apontando para onde ele deveria ir. — Não, não esse, o maior! Isso. Pega aquela caixa de fogão ali.

— O Dako? — Luan manobrava o elevador de caixas, direcionando-o para o pallet que tinha uma única caixa em cima.

— Isso, traz ele pra cá. — Ezequias acenou para ele correr. — Pode colocar isso no seu currículo, garoto. Se dependesse de mim pra isso, eu nem tentava.

Luan manobrou até o espaço livre, mais perto da porta, onde Carlos e Camila já se aproximavam.

— O Otto! — Ezequias ainda estava recuperando o fôlego

e pegou o chapéu que Carlos estendia. — Finalmente vamos usar essa merda!

— O quê?

— O Otto! Dos escavadores! — Ezequias colocou o chapéu. — Essa coisa pode resolver!

— Cacete, Zeca. — Carlos sentou no chão. — Tem meio século que foi ligado, não temos como saber se funciona. E, mesmo que desse certo, como vamos lançar isso no meteoro?

Ezequias abriu a boca e fechou, baixando a cabeça.

— Desculpa, eu achei…

— Espera! — Camila interrompeu Ezequias. — Lançar? Vocês precisam de um foguete?

— Não, vamos usar o meu Chevette — retrucou Ezequias para a garota. — Nossa preocupação é só se a caixa vai caber no porta-malas. *Claro que é num foguete!*

— Acho que posso ajudar a colocar essa coisa no espaço — respondeu Camila, muito empolgada.

— Ajudar como? — perguntou Ezequias. — Você tem um foguete?

— Eu não, mas conheço alguém que tem. — O sorriso dela abriu um pouco mais. — E tem chances de funcionar, se vocês souberem como convencê-lo.

Ezequias gargalhou.

— Eu já vi coisas demais na vida pra duvidar disso, garota. — Ezequias levantou o chapéu para alisar os cabelos. — Mas não dá pra ser um foguete caseiro. Estamos falando de algo grande.

— Ah, não se preocupe. — Ela assentiu para os dois. — É grande o bastante.

A risada dela foi embalada pelo alarme ensandecido.

Página de rastreamento do pedido #48273672, realizado no dia 03/01/2018 na loja virtual Esporoloucos.

Quarta, 03 Jun 2018

14:07: **Encomenda coletada**

A Expresso Andrômeda coletou sua encomenda do remetente Esporoloucos para ser processada e postada para o destinatário.

15:37: **Recebida no Centro de Processamento da Expresso Andrômeda**

Sua encomenda chegou na Expresso Andrômeda e está em processo de postagem pelas hábeis mãos e tentáculos de nossos funcionários.

Quinta, 04 Jun 2018

11:05: **Encomenda encaminhada**

Sua encomenda foi postada via Velovácuo com o código YH38612946.

11:09: **Processo iniciado pela transportadora**

14:17: **Encomenda recebida na unidade da transportadora**

17:34: **Encomenda encaminhada**

A encomenda encontra-se em rota para a unidade que realizará a entrega.

Sexta, 06 Jun 2018

21:55: **Encomenda desviada e em rota desconhecida**

A encomenda encontra-se em posse de um funcionário desconhecido que roubou o lote AD-YH #6722 e desviou-se da rota programada. Não se preocupe, continuaremos acompanhando o objeto através de nosso sistema nano robótico de rastreio automático e o manteremos atualizado a respeito do trajeto.

Instruções: Neste momento não é necessário acionar o seguro que foi contratado na compra do produto. A Expresso Andrômeda é responsável pela resolução e recuperação do objeto dentro dos próximos 15 dias (de acordo com o calendário terrestre).

Segunda, 08 Jun 2018

10:42: **Encomenda parcialmente detectada**

Um terço da encomenda foi detectado nas imediações do sertão nevado de Plutão durante exatos 230 milissegundos, antes de evaporar para dentro de uma floração de miniburacos negros.

22:17: **Funcionário localizado**

O funcionário em posse do lote roubado foi localizado a caminho dos túneis abandonados da metrópole submarina de Titã ao roubar um táxi-baleia. As autoridades locais foram avisadas e estão em rota de perseguição.

Terça, 09 Jun 2018

13:06: **Funcionário perdido**

As autoridades policiais de Titã perderam o rastro do funcionário. Não há notícias sobre a rota dos objetos.

16:44: **Encomenda parcialmente detectada**

Uma porção microscópica da encomenda foi reconhecida em processo de espaguetificação ao passar rente à órbita de um planeta senciente supermassivo que está em constante observação pelo Laboratório Militar Astrofísico de Marte.

16:54: **Dados analisados**

Nossos nano robôs terminaram de enviar a primeira leva de dados coletados durante a perseguição ao lote roubado. O resultado mostra que sua encomenda está passando por várias fases de fractalização existencial devido ao vazamento de uma segunda encomenda que perdeu sua embalagem para armazenamento seguro e isolado.

17:53: **Dados analisados por terceiros**

Não podemos garantir a integridade física da encomenda daqui em diante.

19:33: **Desculpa aí, parça**

Oi, aqui é o cara que roubou tua encomenda. Mals aê. Achei o chip de rastreio e tô mandando essa mensagem depois de conseguir conectar o bicho num gameboy e modificar o código. Juro que roubei por um motivo importante (também tava meio puto com o atraso do meu salário, mas isso não vem ao caso). Aqueles esporos que tu comprou? Eu preciso deles pra curar meu marido que caiu num coma de febre furta-cor. Mas agora que essa desgraça tá desintegrando e dando pulos quânticos eu não sei mais se dá pra usar??? Tu que comprou deve entender dessas porras. Me ajuda, pelo amor de Deus!!! Não tem esses medicamentos caros no hospital e tá quase todo mundo em greve!!! Ele pode morrer ainda essa semana!!! Pra responder é só clicar nesse Charmander que eu enfiei no topo da página. Vai abrir uma caixa de texto, daí tu digita e dá ok. A gente se fala. Valeu!

Quarta, 10 Jun 2018

09:13: **Invasão detectada**

Detectamos que o funcionário criminoso entrou em contato com você através de uma vulnerabilidade no microprocessador de nosso dispositivo de rastreio automático. Já estamos em contato com a Intel para recolher o modelo defeituoso do mercado, mas nos desculpamos por não podermos fazer nada em relação a essa situação desagradável. Infelizmente não podemos cortar ou impedir o tráfego de mensagens. Os servidores que hospedam nossos sites também foram comprometidos e recebemos ameaças de ataques de superaquecimento na central se tentarmos desligar as máquinas. Sugerimos que não responda o criminoso.

Quinta, 11 Jun 2018

08:38: **Tu é um anjo!**

Muito obrigado por responder! E desculpa mesmo pelo puta prejuízo. Depois que fui ver o preço absurdo desses esporos. Não é à toa que hospital público nenhum tem. Vou seguir seu passo-a-passo e já digo se funcionou!

14:15: **Acho que fiz certo??**

Oi! Segui suas instruções para isolar os esporos numa solução gelatinosa e deixar os organismos se limparem sozinhos quimicamente. Botei num vidro que guardava cachaça… Não tem problema, né? Já tem umas quatro horas. Obrigadão pela ajuda!

14:57: **Tá mudando de cor!**

Os esporos não estão mais esbranquiçados e tão colorindo naquele tom forte de azul escuro. Isso é bom, certo? Dei uma pesquisada na exonet e parece que esse é o sinal de que a espécie está em equilíbrio com o ambiente.

15:40: **E agora?**

Beleza, coletei a quantidade certa de 20mg dos esporos, triturei, misturei com a baba de dragão amazônico a 12ºC e envolvi tudo numa folha de alga-estrelada sintética. Tive que roubar umas oito Casas Pedro diferentes até achar essa porra dessa alga. Eu nunca mais vou poder comprar minhas aveias e pimentas no mesmo lugar, mas não importa. Agora preciso levar essa mistura até meu marido, que tá internado no Hospital Interespécie da Estação Orbital de Vênus. Vai ser osso invadir aquilo lá depois daquela reforma que fizeram, mas tô com o esquema todo desenhadinho (cê acredita que a firma de arquitetura postou as plantas online???). Torça por mim!

15:52: **Não se preocupe, amigo**

Obrigado pela preocupação, mas não tem perigo nenhum eu ficar revelando essas coisas aqui. Sei bem que os policiais tão lendo tudo, mas eles não têm acesso ao meu embaralhador espaçotemporal. Eu vou infectar as paredes daquele hospital que nem verme e comer meu caminho até onde eu quiser. Não vão saber que caralhas tá acontecendo até eu sair triunfante pelo rabo deles lol.

18:33: **Aviso de terminação**

Prezado cliente, informamos que devido à sua troca de mensagens com o criminoso, estamos terminando nosso contrato e não nos responsabilizaremos pelo que acontecerá com a encomenda daqui em diante. O rastreio continuará automático e as autoridades estão com o processo de investigação em aberto para capturar o criminoso e recuperar o que for possível do lote roubado. Você agora é uma pessoa de interesse para a investigação.

PS.: Os detetives envolvidos gostariam de comunicar que não estão felizes com a seguinte mensagem: *Boa sorte com a invasão e a recuperação do seu marido. Fode mesmo com esses cu de cavalo da polícia!*

Terça, 30 Jun 2018

14:01: **Adivinha quem tá 180% recuperado!!!**

O amor da minha vida!!!! Porra, deu tudo certo! Graças a você! Obrigadão, cara! Achei teu endereço depois de fuçar o site da Esporoloucos (dsclp a invasão de privacidade de novo, mas já apaguei os dados) e tô enviando umas coordenadas através do sistema da sua casa. Vai aparecer na tela da sua geladeira. Se quiser, eu adoraria que a gente se encontrasse pra comemorar. Meu marido descobriu que você é biólogo na Universidade Interplanetária da Aliança Lunar e ficou louco porque ele tava com um projeto de pesquisa sobre fitofósseis marcianos que sofreu corte de verba antes de migrar pra lá e quer muito conversar contigo. Pra responder, é só usar qualquer teclado conectado ao seu sistema caseiro e podemos aposentar nossa troca de mensagens através dessa página. Até breve! ●

ISA PROSPERO - Autoria

Isa Prospero é tradutora e revisora. Escreve no blog literário *Sem Serifa*, é coautora do romance juvenil *Volto quando puder* (2016) e publicou histórias de ficção especulativa na antologia *Mitografias*, na *Superinteressante* e na revista *The Fantasist*, entre outros.

BÁRBARA PRINCE - Edição

Bárbara Prince é formada em Editoração pela ECA-USP e atua há oito anos no mercado editorial. Atualmente, é editora na Aleph, onde trabalha com obras de ficção científica, fantasia e cultura pop. Fala sobre cultura nerd no canal Invasão Bárbara no YouTube e sobre literatura no blog *Sem Serifa*.

DANTE LUIZ - Ilustrações

Dante Luiz é um artista ilhéu que escreve de vez em quando. Ilustrou a capa e os contos da coletânea brasileira *Cantigas no Escuro*, e publicou vários quadrinhos em lugares da gringa, como *Wayward Sisters*, *Gothic Tales of Haunted Love* e *Dates vol. I e II*. Se quiser contatá-lo, é só dar um oi no Twitter: @dntlz.

PARTE 2

No capítulo anterior…

Em sua loja de antiguidades em São Paulo, Inan vende e compra objetos mágicos. Um dia, chega sua cliente preferida, Gaia, uma caçadora de objetos mágicos. Ela traz uma jarra que encontrou e conta que foi atacada por um homem que tentou roubá-la dela. Inan admite que ela e o homem — Enli — têm milhares de anos de vida. Até onde sabe, são os únicos seres imortais do mundo. E, apesar de não praticar magia, Inan adivinha o que o objeto deve ser: a Caixa de Pandora. Ela conta a Gaia que Pandora prendeu ali demônios que assolavam a humanidade, e suspeita que Enli quer abrir a caixa. Isso é confirmado por ele quando aparece na loja.

*****

MAGO

Esse cara com certeza tem um *timing* dramático.

Ele está vestido como Gaia o viu algumas horas antes: botas altas, camisa de seda preta, uma capa carmesim presa no pescoço. Uma capa. Em São Paulo. Em janeiro!

Enli e Inan se encaram sem dizer nada. Gaia espera. E espera mais um pouco. Quanto tempo será que imortais demoram para falar oi?

Dois imortais e uma humana entram num antiquário… Ela segura o riso. Por que é tão difícil acreditar? Ela é uma maga, afinal, e está até disposta a aceitar que a caixa de Pandora está ali entre eles. Ela já viu coisas estranhas, mitológicas. Depois que você dá sua primeira volta num tapete voador, nada parece tão absurdo. Mas ir um passo além, acreditar na existência de seres quase *divinos*, é forçar suas crenças um pouco além da conta.

Bom, divinos ou não, ela não tem eras para ficar ali brincando de quem pisca primeiro.

— Eu fiquei de perguntar: esse *look* era para ser um mágico ou o conde Drácula? Sabe, você não *tem* que ter uma fantasia. Eu sou maga e não ando por aí com um chapéu pontudo.

Enli não se mexe um milímetro, mas seus olhos se voltam para ela. O rosto do imortal é liso — será que ele tem que fazer a barba? —, a pele do mesmo tom de Inan. E, assim como Inan, é impossível dizer quantos anos ele aparenta. Vinte? Trinta? Quarenta? Ela se pergunta se eles eram pessoas que foram transformadas em imortais, ou se já nasceram — ou foram criados — dessa forma. Então reserva os questionamentos para outra hora. Não interessa de onde veio Enli; ele com certeza não está para brincadeiras. Gaia sabe que ele a teria derrotado — talvez matado — se ela não tivesse usado o transportador para fugir.

— Chamar-se de maga — diz Enli, num tom que secaria um bloco de gelo — é um tanto presunçoso, humana.

Inan dá um passo para se colocar entre eles. É fofo da parte dela, mas também inútil. Imortal ou não, Inan não é maga.

Ela tem potencial — consegue sentir os objetos ao seu redor, colecioná-los, saber quanto valem em termos de força —, mas parece não empregar essa capacidade de forma prática. Gaia, que vive e respira magia, jamais vai entender isso, mas não é tão raro. Muitas pessoas são assim. Qualquer um pode empunhar uma espada mágica — mas acessar o poder, usá-lo da forma como você quer, exige uma exploração interna. É revirar sentimentos, cutucar feridas, fuçar dentro de si por qualquer coisa forte o bastante para tirar dali algum poder real.

E Inan não é capaz disso. Ou simplesmente não quer tentar. Ela se mantém enfurnada em sua loja, disposta a olhar a vida dos humanos passar pela janela e de vez em quando tomar um café com eles. Mas não está disposta a *se entregar*, e magia é entrega.

Também é como um músculo: a prática ajuda, a experiência aumenta o poder.

O que significa que, diante daquele imortal, Gaia deve ser uma criança tentando engatinhar de fininho para longe de um adulto. E ali entre eles, se Inan tem razão, há uma legião de demônios sanguinários loucos para serem libertados.

O mago a ignora e dá um passo adiante, os olhos de gavião perfurando Inan.

— Faz algum tempo.

— Três séculos.

— Estive ocupado. Sentiu minha falta?

— Sobrevivi.

— Não é como se tivesse muita escolha.

— O que você *quer*, Enli?

Ela soa irritada, o que é surpreendente. Gaia conhece a mulher há quase dois anos e nunca a viu perder a paciência nem com os clientes mais chatos. Negociações às vezes levam semanas e Inan sempre está com um sorriso no rosto, como se tivesse todo o tempo do mundo. E ela *tem*, como Gaia agora sabe. A questão é que é a primeira vez que a vê ser deliberadamente rude.

O clima entre os dois a lembra de uma reunião de família,

e é isso que leva Gaia a entender.

— Ah! — ela diz. — Vocês se odeiam.

Dois pares de olhos antigos olham para ela.

— Deve ser, hãã, chato. Já que são os únicos que, sabe…

— Quieta — corta Enli sem nem olhar para ela. Ele faz um gesto e Gaia tem um sobressalto quando descobre que não consegue abrir a boca. Ele se dirige a Inan: — Você adivinhou o que eu quero. A jarra.

— Eu achei que fosse um rumor — Inan sussurra.

— Rumores geralmente têm uma fonte de verdade.

— Como soube dela?

— Senti assim que ela reemergiu. Eu a sinto agora mesmo. Imagino que os humanos na escavação tenham perturbado quaisquer proteções mágicas que a recobrissem. Me surpreende que todos os magos do planeta não tenham sido atraídos por ela. Ou talvez não seja surpreendente, dada a habilidade dos nossos atuais "magos"…

Gaia consegue ouvir as aspas na voz do homem. Ela se concentra para separar os lábios, que parecem unidos com alguma cola industrial, e sente gosto de sangue quando eles racham e por fim se desgrudam. Dá um passo e para ao lado de Inan.

— Como me seguiu até aqui? — pergunta, ríspida.

— Alguns de nós não desperdiçam os séculos que nos são dados — ele diz, com um olhar de esguelha para Inan, que parece estar forçando os olhos a não darem um passeio no fundo do crânio. — Quando você fugiu, tive uma conversa com sua amiga. *Acalme-se*, não machuquei a mulher. Ela nem soube que eu estava lá. Só a fiz me contar quem você era e de onde vinha. E qualquer caçadora minimamente competente de São Paulo só poderia levar a jarra para um lugar. Então aqui estamos.

— Você entende que não posso te dar a jarra — diz Inan calmamente.

— Você entende que não é capaz de me impedir — retruca Enli com a mesma tranquilidade.

— Escolha outra coisa — Inan oferece, abrindo os braços. — Qualquer item da minha loja.

O escárnio no rosto de Enli seria capaz de descascar a tinta das paredes.

— Um dos seus brinquedos? Poupe-me. Suas lembrancinhas não são nada mais do que relíquias de uma época em que o poder realmente existia. Minhas próprias buscas me levaram muito além de tudo que tem aqui. Mas aquela jarra… — Ele encara a imortal com tranquilidade. — Você sabe que não pode destruí-la, Inan. Nem mesmo se juntar um exército dos seus magos de estimação. Os demônios não podiam ser destruídos na era de ouro. Por que acha que Pandora os *prendeu*? Certamente não serão derrotados por um bando de crianças nos tempos mortos de hoje. Você também não é capaz de me derrotar. Tenho muito tempo à disposição, e uma hora ou outra vou alcançar a jarra. Então por que não evita tudo isso e a entrega logo?

— Você não pode estar falando sério — dispara Inan, a voz ardendo com fúria e impaciência. — Não basta se intrometer nos assuntos humanos, agora quer destruí-los? Pelo amor de todos os deuses, *por quê*?

Gaia vê o rosto do homem se transformar. É uma mudança súbita e completa, de placidez e controle para uma emoção devastadora. Ela entende, num átimo, que esse homem é um mago extraordinário não só por não ser humano. Não lhe faltam emoções.

— Você deve estar realmente hibernando se não consegue pensar num bom motivo — ele diz, furioso. — Eu estou cansado. Cansado dessa espécie que não cansa de se destruir, que não cansa nunca de fazer o mal, que *nunca*, *jamais* aprende. Quantas chances já tiveram? Quantas vezes falaram a si mesmos que daqui em diante, nunca mais? Você se lembra da grande guerra, não? Sei que estava lá antes de se enfurnar aqui no novo mundo. — Ele dá um passo à frente, abaixa a voz enquanto perfura Inan com o olhar. — Vai acontecer de novo, sabe. Posso sentir no ar. Conheço o ritmo

das marés da humanidade. Em breve o mundo todo vai arder outra vez. Claro, eles nunca pararam de queimar tudo em seu caminho. O ser humano é covarde e malicioso, incapaz de enxergar um metro além de si mesmo. Basta um pouco de medo e ele avança sobre quem estiver ao redor. Uma espécie assim não é sustentável.

— E a resposta é matar todos eles?

— Sim — ele responde, sem hesitar. — Vamos acabar de vez com esse experimento falho. Dar um fim rápido e misericordioso para uma espécie que não o merece.

— E sobramos eu e você em todo o planeta? — O tom dela indica o que pensa dessa perspectiva.

— A ideia não me agrada mais do que a você — ele retruca. — Mas quero ver o que renasce das cinzas da humanidade. Que outros seres tomarão o lugar dos humanos.

— Acha que alguma espécie vai surgir em um mundo dominado por forças de destruição?

— Se surgir, será uma espécie forte. Uma espécie feita de *magia*. Uma espécie que, talvez, mereça caminhar sobre esse planeta. — Ele olha ao redor, para as mesas e vasos e espelhos e os objetos incontáveis reunidos ao longo de décadas ou, Gaia imagina, séculos. — Não a entristece, ficar rodeada por lembranças de tempos mais *vivos*? — Ele olha para Gaia. — Você sequer imagina o que era o verdadeiro poder.

Ele entrelaça as mãos atrás das costas, empertigado. É alto. Feições duras, mas não feias. Parece firme como um penhasco. Encara Inan, e Gaia tem a impressão de que está testemunhando de uma discussão antiga e revisitada. Antes que uma das duas possa responder, Enli retoma:

— Já houve uma época em que a vida de homens e imortais era determinada pelo destino. Talvez algum resquício dessa força ainda exista e tenha feito essa jarra ser desenterrada para que eu a encontrasse. Agora só me resta cumprir meu dever.

Não tão depressa, pensa Gaia. Da última vez, ele a surpreendeu dormindo, em um lugar estranho. Agora ela está

cercada por uma coleção que oferece muitas possibilidades. Ela já passou tardes com Inan vasculhando os recantos e mistérios desta loja. A magia dos objetos lateja em suas veias, convites chegando de todos os lados.

Ela sai de trás de Inan lentamente, lançando um olhar de esguelha para a lojista e então para o abafador. Um leve aceno: Inan entendeu.

Gaia caminha devagar pelo corredor, passando a mão sobre móveis e utensílios até parar no cabo de uma cimitarra. A lâmina curva estremece como uma pessoa despertada pelo amante. A magia a sonda, perguntando-se se ela vai empunhá-la com a ferocidade necessária, como uma pessoa traída pelo amante. Os olhos de Enli seguem seus movimentos como a mira de um fuzil.

Certo, pensa Gaia. *Vamos ver do que você é capaz, Vlad*.

Ela puxa a arma de sua empunhadura. Vira num movimento fluido, a lâmina cantando no ar, e salta para cima de Enli. Com um único gesto, ele convoca uma espada idêntica, do puro *ar*, e bloqueia o golpe. Há um tinido de metal contra metal.

Gaia cerra os dentes. A cimitarra está sedenta de luta, cobrindo sua língua com um gosto de cobre que se mistura ao do próprio sangue. Suas mãos se movem num borrão, os golpes se seguindo um ao outro sem que ela tenha que pensar. Enli se defende com tranquilidade, como se previsse cada movimento — então começa a contra-atacar, e Gaia se vê na defensiva. Ela pula sobre uma poltrona e de lá para uma mesa de centro que bambeia e a manda voando para o chão. Ela rola e se ergue, mantendo-se agachada. Inan a olha por trás de Enli com olhos arregalados, abraçando o abafador contra o peito.

O mago a persegue com os passos certeiros de um predador que não tem pressa nem dúvida de que vai alcançar a presa. A cimitarra bebe a força dela, querendo cortar e fatiar e destruir. Gaia consegue controlá-la, mas é um esforço. Se não tomar cuidado, a arma vai usar toda a sua energia para se fortalecer. *Queremos lutar contra o bruxo do mal,* Gaia orienta,

não sugar toda a minha força vital.

A magia manda um arrepio pelo seu braço que significa, de modo geral: *DESTRUIR*.

Diabos. A cimitarra não vai escutar. Armas brancas são tão temperamentais. Gaia desvia de um golpe de Enli e entra num corredor lateral, abrindo os dedos com esforço. A espada cai no chão com um *claque* metálico e Gaia corre, ouvindo Enli se mover do outro lado da barricada de móveis. Na próxima curva eles vão se encontrar.

Um açucareiro de porcelana florido sussurra para ela. Gaia o apanha, tira a tampa e o lança sobre um armário. Uma torrente de pó se derrama pelo chão da loja, subindo, subindo, subindo, entrando por frestas e inundando os corredores. Ela derrapa escalando até o topo de um gaveteiro, se enfia entre um quadro e um porta-bengalas e sai em outro corredor.

Inan surge diante dela, açúcar escorrendo das roupas.

— Gaia! — A imortal a puxa pela mão.

Elas correm, ouvindo os passos de Enli derrapando no piso de madeira. Inan a puxa para debaixo de uma mesa bem a tempo de se proteger: uma explosão de luz atinge o ponto onde estavam, parando entre as pernas do móvel, mas chamuscando tudo ao redor. Elas engatinham para o outro lado. A cabeça de Gaia lateja, os ouvidos zumbem, as mãos tremem.

Elas se erguem e se entreolham. Não há mais passos. O único som é o *shshsh* do açúcar que continua a inundar os corredores. Inan inclina a cabeça, indicando um caminho, e ela concorda com um aceno. Caminham pé ante pé enquanto Gaia apura os ouvidos. Os pelos na nuca se arrepiam. Ela sente a presença invisível do mago como uma fera à espreita. Deve ser assim que uma gazela se sente na savana.

Inan pretende guiá-las até a porta que leva ao piso inferior, mas quando viram o canto, descobrem que Enli chegou lá primeiro. Parado em frente à porta, ele aproxima as mãos diante do corpo e um turbilhão brilhante começa a revirar-se entre as palmas.

Gaia consegue *sentir* o poder que ele está reunindo. Inan também. A imortal se move rápido e, um segundo antes de Enli estender as mãos, ela pega um espelho grande de metal com bordas prateadas enferrujadas e o puxa na frente delas. Gaia se agacha atrás dele instintivamente. O feitiço ricocheteia e estoura num brilho esverdeado.

Há uma cacofonia de metal, vidro e madeira. Quando o estrondo silencia, ela espia sobre a borda do espelho e vê que as paredes de móveis dos dois lados da porta desabaram em pilhas de escombros.

E Enli ainda está lá, em pé. Sem um arranhão.

— "Gaia" — ele diz, sardônico, enquanto ela se encolhe atrás do espelho. — Criadora do mundo. Suas pretensões não têm fim?

Algo amargo contorce o estômago dela. De repente, a máscara de maga e caçadora cai. Por trás dela não há Gaia, mas uma garota chamada Luiza, que um dia roubou o relógio de uma velha e descobriu que, se o girasse do jeito certo, conseguia fazer tudo ao redor se mover *bem* devagarinho. Teve sorte — depois que a velha a encontrou três quadras à frente e terminou de bater nela com sua bengala, disse que iria ensiná-la a não ouvir qualquer relógio ordinário que sussurrasse promessas. Sob sua tutela, tão mais intensa do que a da família indiferente, Luiza estudou, penou e aprendeu: principalmente, aprendeu que podia canalizar a raiva, a frustração e a dor inspiradas por um mundo injusto para encontrar um poder em si. Um poder que esse mundo não queria que ela tivesse e nunca lhe daria de bom grado. Descobriu que havia *outro* mundo: escondido sob a superfície do primeiro, brilhante e vívido e cheio de possibilidades. Um mundo ao qual ela pertencia e que podia moldar seguindo suas próprias regras. Ao contrário do primeiro, ali não importava o que alguém tinha entre as pernas nem a cor que recobria sua pele, apenas se era forte. E ela é.

Ou pelo menos achava que era. No momento, Gaia se sente impotente. Não é páreo para o imortal. Pior: não estão brigando por uma peça valiosa no mercado de magia, e sim pelo *destino*

do mundo. Elas precisam de tempo — tempo para pensar, para encontrar uma solução. Precisam de uma trégua. *Hora de fazer uma retirada estratégica*. Desta vez não vai ficar ninguém para trás que possa revelar seu paradeiro. Enli talvez sinta a magia da jarra, apesar do abafador, mas terá um mundo todo para vasculhar.

É hora de usar o seu transportador como ele foi feito para ser usado.

Ela se inclina para Inan, que abraça a caixa contra o peito, e toca as costas da mulher enquanto Enli se aproxima com passos lentos.

— Alguma chance de vencermos? — Gaia pergunta baixinho.

— Não muito.

— Tá bem. Segure a minha mão.

— Quê?

Ela entrelaça os dedos nos de Inan.

— A gente se vê por aí! — ela grita para Enli.

Então se concentra e as transporta.

Ela pulou da cama, assustada com os barulhos que vinham de fora da casa. Instintivamente, correu até o portão. Sangue. Fogo. Correria. Na rua, um carro estava em chamas, havia mortos espalhados e muita gente fugia gritando — e os que não gritavam, grunhiam. Esses últimos nem pareciam humanos, mas sim feras que pulavam em cima das pessoas e lhes rasgavam a carne com os dentes, embora não possuíssem dentes de fera. Sujos de sangue e com partes do corpo faltando, esses grunhidores seguiam matando e comendo. Estranhamente, com o tempo, alguns mortos, que jaziam abocanhados no chão, se levantavam com o ímpeto tão bestial quanto seus algozes. Caças se tornavam caçadores.

Claro, ela não tinha cognição suficiente para entender o que acontecia: um apocalipse zumbi. Porém, sabia que estava em perigo. Perigo é uma linguagem universal. Além disso, ela não era tão nova. Com dez anos, já poderia ser considerada bem madura para alguns — ainda que, pelos os olhos das mães, os filhos jamais cresçam.

Mãe…

E se sua mãe tivesse sido atacada?! E se estivesse grunhindo também?! Disparou para dentro de casa, chamando-a. Nenhuma resposta. Ela procurou cômodo por cômodo, do quintal ao banheiro, meteu-se até dentro dos armários e debaixo da cama, tamanha era sua aflição. Nada. Teria fugido? Mas sem levar a filha? Não, não aquela mãe. Teria saído, talvez? Saído… e não voltado?

A mãe saía às vezes e sempre voltava, embora a espera fosse uma eternidade. Ela sempre se despedia e retornava a abraçando. Abraço. Não se recordava de ter sido abraçada! Teria voltado ontem? NÃO! Claro, ela ainda estava lá fora…

… onde estavam os grunhidores… onde estavam os mortos…

A mísera ideia de que ela tivesse sido atacada por aquelas feras foi suficiente para quebrar a regra que sua mãe fixara:

não saia de casa sozinha. Correu, pulou numa lata e em outra, equilibrou-se no muro e, caindo, chegou a rua.

Rua. Para ela aquela rede de calçadas, asfalto e lixo tinha outro significado. Um significado triste que a mãezinha mudou. No passado, sua casa fora a rua. Não conhecia sua verdadeira progenitora, tão pouco o pai, e não sabia se possuía irmãos. Havia sido abandonada tão nova que a rua a acolhera como um habitat natural.

Naquele tempo, vivia suja, largada e sem rumo. Comia do lixo e, quando dava sorte, das sobras ou migalhas de alguém caridoso. Com instintos à flor da pele, se colocando contra qualquer um que se aproximava, vivia uma fuga constante sem local de chegada. Via famílias em praças e chegava, mendigando carinho, mas logo era afastada com grunhidos análogos aos das criaturas de agora.

Certa vez, arriscando roubar um naco de pão de uma jovem que os atirava aos patos, foi surpreendida por um olhar. Não um olhar de pena. Era compaixão. A mulher a afagou, conversou com ela, levou-a para casa. Lá encontrou banho e uma cama quentinha. Um lar. A mulher a adotou como uma filha e ela adotou aquela mãe. Mas, a mãe representava bem mais que comida, segurança ou brinquedinhos. Eram abraço e brincadeiras, como via as outras pessoas fazendo. Eram carícias, beijos… família. Fidelidade.

Evitando os grunhidores, ela percorreu todos os lugares onde se lembrava ter andado com a mãe, mas ela parecia não estar em lugar nenhum. Cogitou voltar para casa, porém se viu perdida depois de chegar ao parque. Inclusive, em meio a natureza, percebeu que só os humanos se matavam. Os animais continuavam iguais e alguns até beliscavam carcaças humanas sem se alterarem. A mãe poderia estar no parque? Não, ela não era um bicho.

Os gritos das pessoas foram diminuindo à medida que o céu escurecia. Era hora de dormir, embora as criaturas não parecessem dormir. Logo, o silêncio da noite, daquela vez, era

o silêncio da morte. Para dormir, se escondeu debaixo de um brinquedo no playground do parquinho e, sentindo falta da mãe, choramingou baixinho brincando com seu pingente no pescoço. Era uma estrela com um nome gravado: Estela. Esse era seu nome. Ninguém tinha dado um nome para ela na rua. Foi a mãezinha que lhe batizara. "Estela", que saudade ouvir o chamado da mãe.

Pela manhã, estava com fome. Buscar comida era demorado, portanto ignorou o instinto. Não tinha tempo a perder, sua busca não havia acabado. Continuou cidade adentro, até que, em pleno sol do meio-dia, perto de um lugar que cheirava graxa, ouviu um grito:

"SOCORRO!"

Conhecia aquela voz! Mãe! Desesperada, correu de orelhas curvadas e caninos cerrados. Entrou oficina e lá encontrou a mãe caída no chão e com um grunhidor atacando-a. Estela latiu alto, chamando atenção dele e disparou. FIDELIDADE! Veloz, foi de encontro ao zumbi, saltando sobre um monte de pneus para aterrissar no seu pescoço. Os dentes se fecharam na garganta dele e ela arrancou aquela traqueia podre.

"Estela?!", surpreendeu-se a humana.

A cadela não tinha tempo para abraços, precisava resgatar sua dona. Era sua vez de ser a salvadora. Rosnando, avançou novamente, mas o zumbi conseguiu arremessá-la numa pilha de lataria. Ela se levantou, mesmo com um corte na pata. Ao invés de ficar ganindo, sua determinação só aumentou.

FAMÍLIA!

Se não podia mordê-lo, ia derrubá-lo e triturá-lo. Seria uma fera também. Disparou e, ao invés de abocanhá-lo, projetou seu corpo. Ela era grande, uma vira-lata meio golden retriever de mais de trinta quilos. O grunhidor cambaleou e tropeçou nos próprios pés, caindo numa grande vala. Naquela cova de concreto, o morto-vivo ainda tentou atacar Estela. Nessa luta, acabou esbarrando em uma alavanca, soltando uma corrente que mantinha um motor suspenso. A massa

metálica veio a baixo, o esmagando e levantando uma nuvem de fuligem.

"ESTELA!", chamou a humana, vendo se a cadela havia se machucado. Baixado o pó, lá estava sua filha sã e salva. Ela a abraçou e Estela abanou o rabo de felicidade. Um abraço com dois dias de atraso. As duas saíram do lugar, com a humana carregando um galão de gasolina para abastecer um carro, e ambas puseram o pé na estrada.

Ela sorria e acariciava a cadela em meio a lágrimas e a outra só lá, com a língua para fora e uma cara boba. Porém, se a cadela pudesse falar, diria à mãe que não se preocupasse com a vida na rua que teriam de levar. Estela a protegeria e conhecia bem aquele habitat. Não teriam cama quentinha ou brinquedos, porém teriam uma a outra.

Mulher e cadela. Mãe e filha. Melhores amigas. ●

MICHEL PERES - Autoria

Michel Peres é professor, leitor e escritor. Natural de Matozinhos (MG), escreveu poesias que nunca passaram pelo crivo da gaveta e vive a desenvolver a sua mitologia pessoal (divertindo-se bastante com isso). Escreveu para o site *Obvious* e já teve contos publicados no site *Leitor Cabuloso*, *Mitografias* e nas revistas *Trasgo* e *Somnium*.

RODRIGO RAHMATI - Edição

Rodrigo Rahmati nasceu em Uberaba, mas mora em Sorocaba. É revisor e escritor desde 2006 e publicado pela primeira vez em 2016, com contos pela editora Draco e seu primeiro romance *O Arquivo dos Sonhos Perdidos*. Tem vários contos espalhados por aí, em todos os gêneros; coeditor dos contos do site *Leitor Cabuloso* e coorganizador da coletânea anual *Realidades Cabulosas*. Lançou seu segundo romance em 2017, *Nefelibata ou O Fotógrafo*, e pretende viver de literatura (ou ao menos não morrer por causa dela). Revisou o romance *O Templo dos Ventos*, de Marcelo Zaniolo, e a *Antologia Mitografias: Mitos Modernos*.

MAYARA BARROS - Ilustrações

Mayara Barros nasceu em 1992, no Rio de Janeiro. Formada em Jornalismo pela Uerj, é Mestre em Comunicação. Publicou *Caleidoscópio*, pela Editora Illuminare, e os contos *Crystalline* e *Preferida*, como ebook na Amazon. Participou das antologias *Contos de Fada*, *Anjos e Demônios*, ambas da Illuminare; *Valquírias*, da Darda Editora, e Momentum, organizada e editada por Gabriela Martins. Atua como editora-chefe na Revista Avessa desde 2014 e mantém um blog pessoal, *Naive Heart*, desde 2011.

No capítulo anterior…

A caçadora genética Filipa Porto é enviada até a Amazônia com a missão de coletar o DNA da raríssima mariposa-cavalo. Ela desembarca em Tabatinga, onde, acompanhada por um droide chamado de Zi, aluga um barco nas mãos do capitão Chico. Seu objetivo é subir o rio Javari e encontrar a valiosa mariposa. Após iniciarem a viagem, Zi aconselha pararem o barco para coletar o DNA de outros animais. Filipa adentra a floresta e, sem querer, encontra um esconderijo subterrâneo, que acaba revelando ser o laboratório de processamento de uma droga conhecida como heroína verde. Filipa foge, mas encontra um dos traficantes. Após brigarem, ela consegue escapar, voltando para o barco, onde o capitão lhe aguardava.

*****

Perto da comunidade, o Javari adquiria um tom cromado, refletindo em seu corpo as poucas pessoas e construções. A noite esticava-se acima dos telhados e píeres saltavam da terra, sustentados por estruturas musgosas, enquanto as palafitas erguiam-se sobre a água como aranhas de madeira, seres de uma paisagem sonhada por Redon.

Quando o barco se aproximou da margem, uma menina de cabelos longos enfiou a cabeça pela janela de uma das palafitas e acompanhou com timidez atenta a chegada deles.

Usando uma corda, Filipa atou o barco no tronco do píer. Chico se levantou e pediu a ela que esperasse no barco enquanto ele ia conversar com os donos da casa.

Ele voltou minutos depois, seguido pela menina da janela. Ela não devia ter mais de oito anos e se escondeu atrás de Chico ao se deparar com o droide.

— *¿Que es eso?* — ela falou, seu peito arfando como o de um pardal.

— Nada, *niña* — Chico a acalmou, dando tapinhas em sua cabeça. Ele se virou para Filipa. — Deixaram a gente passar a noite.

— Ótimo. — Ela pegou a mochila. — Venha, Zi.

Chico colocou um pé no barco, mostrando as palmas das mãos.

— Epa, epa…

— Qual é o problema?

— Melhor o caranguejão ficar aqui.

— Por quê?

— Porque ele pode assustar o povo lá dentro — ele falou num sussurro, apontando pra menina.

— Vais-me dizer que estas pessoas nunca viram um droide? — ela perguntou, com expressão incrédula.

O capitão tirou o boné e coçou a testa marcada.

— Dona, tu encontra gente por aqui que nunca nem viu lâmpada.

Filipa, então, fitou o droide.

— Importas-te de ficar aqui?

{Não. Quer que eu aproveite para pescar?}

— Não precisa — ela disse e saltou do barco.

Chico deu uma piscadela.

— É melhor. Ele fica vigiando as bagagem.

Dentro da casa, ela foi apresentada aos membros da família: uma mulher, um homem, quatro crianças e um adolescente. A mulher explicou que o marido estava fora a trabalho, mas que eles podiam ficar.

A janta constituiu de quatro peixes que não pareciam frescos e um pouco de arroz. Pra completar, Chico trouxe salsichas enlatadas e um saquinho de açaí desidratado, que a mulher aceitou agradecida; ela misturou tudo ao arroz, produzindo uma pasta roxa.

Depois de comerem, ela conduziu Filipa até o quarto onde iria passar a noite. Era um pequeno cômodo com janela para o píer e uma rede. Quando percebeu que a rede estava sem mosquiteiro, a mulher se prontificou a arrumar um, o que Filipa recusou. A mulher fez cara de espanto e balbuciou alguma coisa ao sair. Devia ser a primeira vez que via alguém recusar um mosquiteiro.

Mesmo com a janela, o quarto era pouco iluminado. Havia uma lâmpada queimada e as tábuas do chão rangiam tanto que Filipa teve a impressão de ainda estar no barco. Ela colocou a mochila debaixo da rede e deitou-se.

Estava cansada, mas sem sono. Levou a mão ao pescoço, apalpando o lugar onde aquele homem havia tentado lhe esganar. Teria deixado marca?

Virou-se na rede, apanhando da mochila um espelhinho e os óculos, ajustando as lentes para o modo de visão noturna. Aproveitou a viagem e pegou também o diário.

Ela colocou os óculos e ergueu o espelho, examinando com cuidado a pele ao redor do pescoço. Havia apenas um minúsculo vergão, que provavelmente sumiria dentro de dias. Satisfeita, Filipa voltou o espelho para a mochila; acomodou-se na rede e pôs-se a escrever:

Faz um calor demoníaco e os mosquitos estão em todos os lugares. Por isso, felicito-me por ter lembrado de trazer uma pulseira repelente. Sem ela, essa expedição seria pior do que aquela que fiz a Ko Samui.

Navegamos o dia inteiro próximo à margem peruana do Javari. Segundo o capitão do barco, este é o caminho que nos levará até os nativos que dominam a técnica de captura da mariposa-cavalo. Paramos por cerca de meia hora para procurar por uma espécie de tamanduaí. Entrei na floresta com o droide de segurança e localizei o tamanduaí, mas o animal acabou escapando…

Ela pousou o lápis. Um vento morno entrava pela janela e uma gota de suor descia-lhe pela coxa como um inseto.

Nessa floresta, acabei por encontrar outra coisa: uma passagem subterrânea que conduzia a uma toca. Dentro dela havia um laboratório de extração e refino de heroína verde — ou heroína de sapo, como também é conhecida — e acho eu que esse laboratório pertença a membros da Trocha Oscura. Nunca pensei que iria me deparar com um de seus laboratórios. Diabos, a polícia de dois países não consegue achar esses esconderijos, como que

Alguém bateu na madeira.

Filipa inclinou a cabeça. Chico estava de pé na entrada, um vulto verde e de olhos inflamados. De onde estava, seu nariz bulboso se assemelhava a uma fruta calosa.

— Sim? — ela disse.

Ele entrou.

— Vim ver como tu tá.

Voz embargada.

— Estou bem — ela respondeu, notando que ele segurava uma garrafa.

— Qué isso aí? — Ele apontou com a garrafa. Deu uma bebericada. — Diário?

— Quase — ela respondeu, fechando o caderno. — Um diário da expedição.

Quase tropeçando, ele deu dois passos à frente.

— Vocês cientistas… sabia que tu não é a primeira cientista que eu trouxe aqui? Uma vez…

— Podemos conversar sobre isso amanhã? — ela falou. — Tenho trabalho a fazer.

Chico murchou o queixo, como se engolisse pão seco.

— Tava só falando…

— Chico, que é que queres? — ela perguntou, a mão apalpando o revólver por baixo da camisa.

— Vim ver como tu tá. Gringo geralmente passa mal com a comida daqui.

— Já comi de tudo nessa vida. Não te preocupes.

Ele assentiu.

— Cê que sabe — Virou a garrafa e limpou a boca com as costas da mão. — Se precisar, tô na sala.

Ele saiu do quarto.

Filipa balançou a cabeça. Antes que pudesse retornar ao que estava fazendo, escutou vozes vindas de fora. Ela largou o revólver e o diário na rede e levantou para conferir.

Pela janela, viu o droide no barco, as articulações enfiadas na água como se o rio fosse um gigantesco furô. Ele conversava com uma menina, a dos cabelos compridos. Ela parecia não se assustar mais com o droide. Filipa ajeitou os óculos e voltou para a rede, deixando-os a sós.

No dia seguinte, acordou com o estômago revirando. A combinação de janta tarde e dormir em rede definitivamente não havia sido uma boa ideia. Zonza, Filipa se esgueirou para fora do quarto a passos apressados.

Desviou das crianças que dormiam na sala, amontoadas em dois colchões. De relance, viu seu diário; alguém o largara em cima da mesa, desprezado como um jornal velho. Antes que pudesse protestar, deu com as latas de salsicha vazias e sentiu o

estômago revirar.

Em dois pulos estava do lado de fora, onde a manhã já se apresentava. Caminhou pelo píer e se ajoelhou perante o rio; o vômito saiu ácido e morno. Ela ficou um tempo ali, as mãos apertando as tábuas do píer, vendo o resto da janta boiar no Javari. Deitou-se com o rosto pra cima, olhos embaçados pelas lágrimas. Escondido entre as nuvens, o sol pairava como uma fruta azedando.

{Está bem?}

Filipa virou de lado. O droide estava diante dela com uma garrafa de água. Sua carcaça refletia o céu como a fachada espelhada de um prédio.

— Estou — ela disse, pegando a garrafa. Bochechou um pouco e cuspiu no rio. Ia dar um novo gole, quando viu algo no píer.

Ela inclinou o rosto para o lado, focando por entre as articulações de Zi. As bagagens. Elas estavam amontoadas na passarela do píer.

— Zi, o que as bagagens estão a fazer fora do barco?

Uma das câmeras do droide virou na direção indicada, enquanto outra encarava Filipa.

{Chico precisou do barco.}

Ela levantou-se, tentando manter a calma.

— Precisou…? Para quê?

{Pra buscar remédios. Disse que navegaria mais rápido com o barco vazio.}

— E tu o ajudaste, Zi?

{Ajudei.}

Ela levou as mãos em prece à boca e inspirou por entre os dedos.

Eu não acredito… e como vamos subir o rio agora?

{Chico disse que vai voltar.}

— Não, Zi, não vai…

Ela caminhou pelo píer. Contou as bagagens. Parecia que estavam todas ali.

Zi se aproximou.

{Ele não vai voltar?}

— Não.

{Por quê?}

— Porque ele leu meu diário e, provavelmente, ficou com medo.

{Medo de quê?}

— Traficantes — Filipa respondeu, quase que para si mesma.

Ela fitou por um tempo a água do rio. A essa mesma hora, algum lugar Javari abaixo, traficantes poderiam estar vindo atrás dela. Talvez Chico tenha feito o que era mais sensato a se fazer nessa situação: fugir.

{Filipa…}

Ela olhou por cima do ombro.

— Sim?

{Onde eu deixo as bagagens?}

— Esqueces as bagagens. Temos coisas mais importantes para pensar.

{Precisamos de outro barco}, o droide concluiu. Sistemas AI6 não eram dos mais sagazes.

— Sim, Zi. Outro barco. Mas há algo mais importante.

{O quê?}

Ela bebeu da água. Outro bochecho e cuspiu.

— Alguém que saiba chegar aos mayorunas.

A forasteira chegou à praça dos carpinteiros, onde toda sorte de objeto de madeira era vendida pelos membros da guilda. Relógios, cadeiras e baús podiam ser encontrados nas lojas que rodeavam a praça, mas estas só eram procuradas por aqueles que tinham uma comissão específica — e muito dinheiro. A maior parte das pessoas se concentrava nas barracas, que formavam um labirinto capitalista na praça em que todo tipo de bricabraque podia ser encontrado. As tendas não tinham o espaço para expor o inventário que as lojas tinham, então seus donos se concentravam em pequenezas minunciosamente construídas — brinquedos e caixas de música feitos com delicadas engrenagens de madeira, estatuetas representando sérios profissionais, monstros lendários, perversões juvenis, e, é claro, inúmeras peças de utilidade simples, como porta-lápis, seguradores de porta e caixas de todos os tipos e tamanhos.

A forasteira não estava procurando nada em particular — mas ainda assim ela encontrou algo que a interessava em um canto próximo a uma viela.

Mais tarde, ela talvez diria que tinha percebido algum indício; que a barraca dele estava afastada demais das outras, ou que os artigos dele eram diferentes, feitos com uma técnica inatacável e atenção extrema a detalhes — ao mesmo tempo em que eram planos e pragmáticos, sem floreios, com decorações obviamente derivativas dos designs populares. Mas, se isso era verdade ou não, não fez diferença. O fato é que ela simplesmente soube, assim que o viu, de uma forma que não saberia explicar.

Sem dúvida, não era a aparência do carpinteiro que tinha dado a ideia à forasteira. Ele parecia um homem bastante normal. Era negro, sem quaisquer pelos, e grande em todos os termos da palavra — alto, de ombros largos, e com uma barriga protuberante.

A forasteira fingiu examinar os artigos de madeira em exibição pelo mais breve tempo — era óbvio que não eram eles que haviam chamado sua atenção. Ela apenas precisava de um tempo para criar coragem.

— Desculpe — ela disse finalmente, quando conseguiu olhar nos olhos dele — mas será que eu poderia ver você por dentro?

Ele fez uma careta — parecia que metade do seu rosto sorria e metade franzia.

— Tudo bem. Mas, por favor, não toque em nada.

Ele se levantou, tirou a camisa fechada, colocou-a sobre suas mercadorias, exibindo seus músculos arredondados pela gordura, e puxou o lóbulo da orelha. A orelha desceu, deslizando por um sulco até então invisível, quase até a altura da mandíbula. Lá, sua orelha estalou em seu novo lugar com um clique, fazendo pequenos jatos de vapor saírem de seu pescoço e de seus flancos. Um grande pedaço de suas costas se deslizou para frente e para baixo, preso por um pistão de ar comprimido a cada lado, permitindo a visão do interior. A forasteira deu a volta nele e na barraca, e se pôs a observar.

Era absurdamente complexo. Havia um grande pistão com o tamanho, a posição e muito provavelmente a função aproximada de um coração. Havia uma grande caldeira presa ao cóccix, ligada à cabeça por um tubo grosso, que deveria permitir ao carpinteiro tirar energia de material orgânico. Havia uma grande peça redonda junto ao esterno, com fendas regulares das quais saía um tênue brilho verde.

E, principalmente, havia engrenagens. A maior delas tinha talvez cinco centímetros de diâmetro, e as menores, menos de um milímetro; mas eram uma legião que dominava quase todo o volume do compartimento. Centenas, talvez milhares, e também correias e molas e cremalheiras, mas muito mais engrenagens, algumas girando constantemente, outras sincopadamente, outras acelerando e desacelerando. A maioria delas era do prateado brilhante do alumínio, mas algumas eram

marcadamente diferentes, de um marrom avermelhado. Cobre ou bronze, ela pensou, mas súbito lhe veio à mente a madeira. Faria o carpinteiro ele mesmo, com esmero, suas próprias peças de reposição? Ela poderia facilmente descobrir pelo tato, mas para isso teria que romper a única promessa que ela tinha feito em troca dessa intimidade.

— Er — ela gaguejou. — Muito obrigado. Acho que já vi o suficiente.

— Pode fechar — ele respondeu. — Eu não tenho como fechar sozinho.

Delicadamente, ela colocou as mãos contra o painel e o empurrou, até que ele voltasse a sua posição original. Ele encaixou em seu lugar, sem deixar sequer um vão, como se nunca tivesse existido. A orelha imediatamente subiu de volta a seu lugar, e apesar de alguns cliques e claques serem claramente audíveis (agora que seu ouvido sabia o que procurar), sua aparência voltou a ser completamente aquela de um ser humano orgânico.

Ela olhou para os lados, um pouco ressabiada, mais pelo choque de ter voltado ao mundo real do que pela vergonha ou qualquer sentimento assim. Havia alguns olhares de reprovação dos transeuntes, mas eram fugazes, e ela não se importava com eles.

Ele colocou a camisa novamente, enquanto que ela voltou sua atenção para os bricabraques. Comprar alguma provavelmente seria uma boa maneira de agradecer pelo favor.

Ele estava sorrindo quando sua cabeça saiu pela gola da camisa.

— Quando eu te falei para não me tocar, não estava sendo tão literal.

Ela não sorriu de volta, e olhou para o chão. Ela nunca entendia o que queriam lhe dizer, nem mesmo com eles. ●

SÉRGIO MOTTA - Autoria

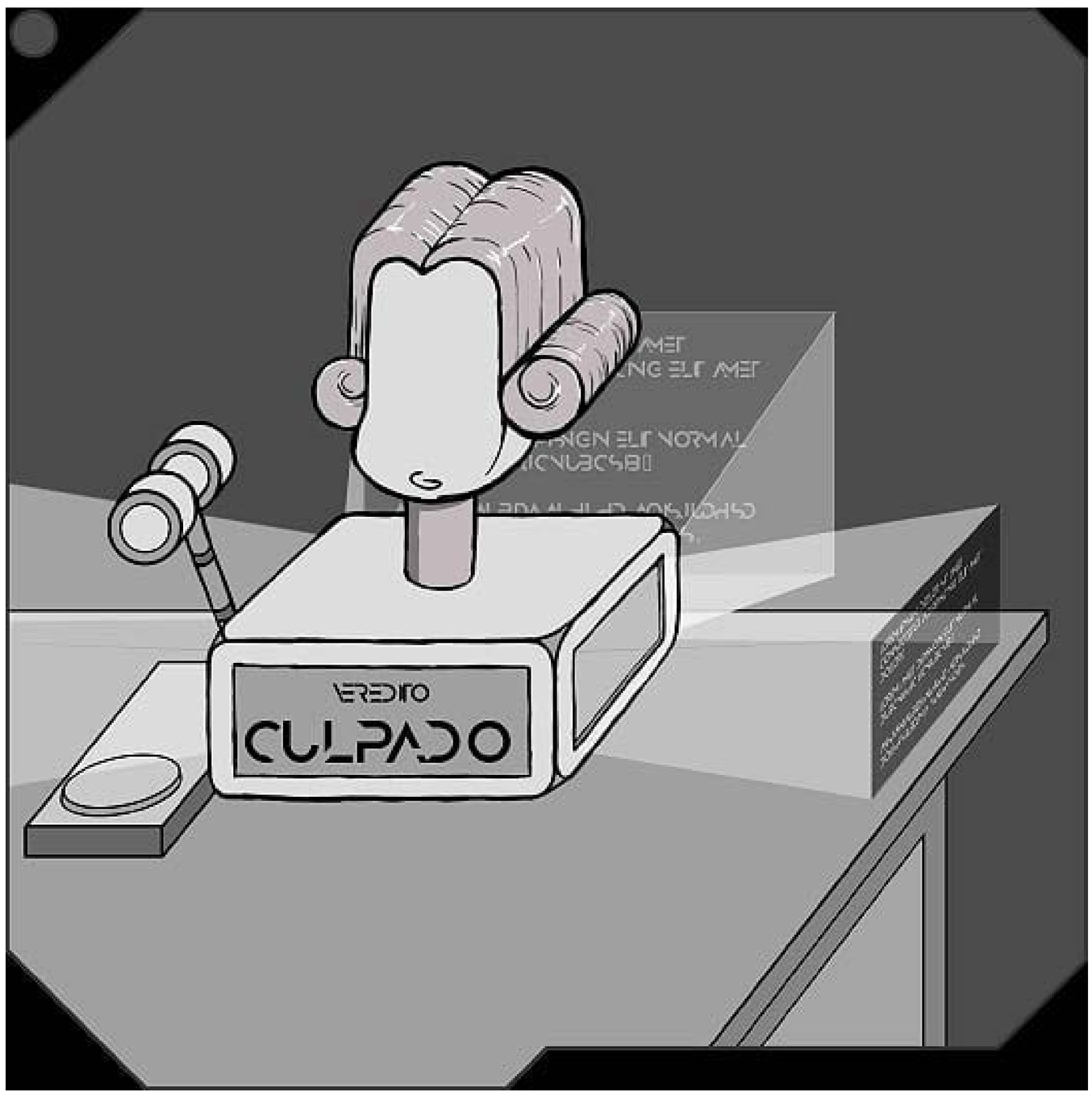
Sérgio Motta, nascido no Star Wars Day e destinado à nerdice, é designer, contista e coffee lover. O design lhe ensinou a identificar problemas do mundo e propor soluções; a literatura, a criar mundos e transformar problemas em reflexões; e o café, que a vida tem um gostinho bom. É autor do *20 Contos*, onde escreveu vinte histórias em um ano. Também tem contos em antologias e a noveleta independente *Aline na Avenida das Paulistas*. Gasta as (raras) horas vagas assistindo a tretas no Twitter, maratonando podcasts, mochilando pela galáxia e provando por A + B que Bentinho foi quem pegou Escobar.

ANDRÉ CANIATO - Edição

André Caniato lê, escreve, traduz, edita e canta no banho. Além de *uma publicação independente* na Amazon, tem contos na *Trasgo #16* e no *Wattpad*, com mais a caminho, planejados ainda para 2018. É criador e editor da *Plutão Livros*, editora brasileira de e-books de ficção científica, e tem como maiores sonhos a queda do capitalismo e a subsequente paz mundial — é também um grande iludido, portanto.

ALEFF SANTOS - Ilustrações

Aleff Santos é um designer digital e ilustrador de 24 anos. Trabalha como designer nos últimos seis, mas ilustra… desde pequeno. Entusiasta de ficção, da fantástica à científica, acredita que vida e arte dançam enquanto revezam na condução. No design, aprendeu a pensar em equipe e a buscar referências, habilidades valiosas nos bloqueios solitários de ilustrador. Usa o blog pessoal para satisfazer o TOC de categorizar ilustrações, além de para compartilhar os árduos resultados do Inktober. Durante as viagens interdimensionais do cotidiano, decide em qual série/anime vai ficar menos atrasado, em qual jogo da Blizzard vai "grindar" ou qual história do Gaiman vai reler.



No capítulo anterior...

O cantor Franz Delegarza foi preso na última noite por matar uma unidade Bizz. Esse é o papo do momento. O caso até ganhou matéria especial no *Extraordinários da Semana!!!*, programa apresentado por Dimas Gomes nas noites dominicais. E só piora: Delegarza já deu umas bolas fora com IAs no passado. Mas alguns dizem que é intriga da oposição das IAs para incriminá-lo. Quem diz a verdade? Sei lá, JUSTICE que vai dizer. O veredito acabou de sair e o caso já rendeu um hipertextão, discussões e altos xingamentos na rede Aura. Alguns concordam que ele não deveria ser julgado por uma IA. Outra parte defende JUSTICE. Mas a maioria só vem pelos memes. O ciberbochicho ainda vai longe…

*****

Rede Aura - 19 de setembro - 12h27

Dou-lhe uma palavrinha para o Caso Delegarza: CANALHICE!

Quem lê na rede Aura uma oferta da palavrinha "canalhice", com exclamação e caixa alta, já sabe: lá vem um hipertextão mal diagramado e com fonte feia de George Sopa, um mofado professor de canto de Cuiabá. Para aqueles que preferem se certificar, basta checar a segunda frase, que sempre entrega o final:

O veredito foi correto e inevitável: Franz Delegarza CULPADO!

Agora, se o usuário é um cético com tempo livre e ainda duvida, ele pode conferir que é, de fato, um hipertextão de George Sopa pelo avatar do professor. Um quarentão inexpressivo, com sobrancelhas grossas, bigode de vassoura e topete lambido. Está em um fundo branco com uma camisa polo branca, com bolso de um lado do peito e a silhueta de felino selvagem no outro, que parece flutuar — como sua cabeça. Ele está parado de frente, como se tirasse uma foto 3x4 para documentos antigos, impressos em papel ou plástico. Um Dimas Gomes falido. Mas com milhões de seguidores na rede Aura.

Sopa não foi o primeiro nem único professor de canto a quebrar desde o lançamento da Bizz, mas, diferentemente dos colegas de profissão e falência, Sopa atingiu C+ no Ranking de Sociabilidade na Aura, e os hipertextões viralizaram.

Esta segunda-feira ficará marcada pelo que aconteceu naquele tribunal! Condenar Delegarza foi uma decisão imparcial e até corajosa por parte de JUSTICE.

Um texto flutuante projeta-se: "Judgemental Unified System Through InterConnected Entries". O CEO da startup canadense criadora de JUSTICE admite não ser a melhor frase, semanticamente

falando, mas foi o melhor acrônimo que conseguiram. Não é como se alguém se ofendesse com a marca registrada da engenhoca, pois logo as letras se embaralham e exibem a tradução literal: "Sistema Unificado de Julgamento Através de Dados InterConectados". E então, sim, ofende.

Se JUSTICE fosse um produto brasileiro, poderíamos ter um SUJADIC em operação no judiciário. Bastavam os sobrenomes dos figurões que passaram pelo extinto STF. Tanto travavam línguas, que conveniou-se os chamar de Meritíssimos ou Vossas Excelências (mesmo que grande parte não fossem dignos de nenhum mérito ou fossem excelentes em qualquer coisa).

Posso dizer isso com todas as letras. Eu estava lá.

— Tava o caralho! — grasna a voz adolescente de Loura Madeira no omini de Sopa.

Como todo apelido brasileiro para novas tecnologias populares, "omini" facilita a pronúncia, mas não o significado. Ominis são, na verdade, omnicubos, dispositivos pessoais que integram e controlam omnidispositivos conectados à mesma conta. É um cubinho preto do tamanho de antigos chaveiros de dadinho quando portas eram abertas com chaves — e não com omnicubos. Poderiam ser chamados de "cubos", talvez "dados" ou até "dadinhos". Aparentemente, ninguém considerou.

— Eu estava assistindo na omnitela a transmissão de JUSTICE. É como se estivesse lá! — Sopa manda um áudio-resposta.

— É o caralho! — chega mais um berro da adolescente monoargumentadora. — Para de inventar merda do meu Franz, seu mentiroso!

— Eu, mentiroso!? Ele é um falsário! — Sopa rebate. — Eu o ensinei a cantar, mas, depois de famoso, fingiu que não me conhecia.

***

Pam pam. A música termina quando, nas salas, quartos,

cozinhas e até banheiros dos leitores de Sopa, Sofia Rodolfa pipoca no sofá branco, com Delegarza em seu banquinho no *Bom Dia Com Sofia* ⁎.

— Voltamos, queridoooos! — a apresentadora canta para os omnespectadores, na escala de tédio maior com sétima. Então, volta-se ao músico. — Antes do intervalo, você acusou artistas de assinarem músicas de Composers e chamou as IAs de composteiras. Boa parte do público gostou da piada na Aura. Tem até um comentário do seu ex-professor de canto…

O comentário em texto de George Sopa se projeta para Delegarza:

— Franz é incrível! Eu que falei pra ele sobre Composers e composteiras. Risos. O melhor aluno de canto que já tive.

— Não, não conheço esse nome. — Delegarza dá de ombros.

O próximo comentário de Sopa não foi exibido no ar:

— SEU CANALHA!

Não é mentira — de nenhum dos dois. O nome do professor de canto de Delegarza é Georges Sota. Quando o omini foi cadastrado, o corretor automático alterou o `[NOME_DE_CADASTRO]` para George Sopa, e Georges Sota nunca notou o erro. Rolaram risadas, gritos e memes sobre a esnobada de Delegarza, mas não foi o que fez Sopa subir de ranking na Aura.

⁎⁎⁎

A merda dos hipertextões — popularmente, bolhão — da Aura são as hiperligações automáticas feitas em grandes textos (daí o nome) através de um algoritmo que considera o contexto e a opinião do autor (daí o nome popular), pipocando em tempo real através de omnidispositivos durante a leitura dos usuários (daí a merda).

Também tem os bochichos: podem ser feitos em qualquer mídia e em qualquer parte do bolhão, mas a pior parte é que são feitos pelos próprios usuários, e não algoritmos (daí a merda mole dos hipertextões).

E chafurdar na merda é algo que George Sopa faz com propriedade.

Até dois meses atrás, Sopa tinha exatamente zero seguidores na Aura. Não conhecia a função na rede. Sequer sabia que seu `[NOME_DE_CADASTRO]` estava errado, afinal. Imagine, então, conhecer as regras não-escritas sobre a rede. A primeira: "hipertextão é um porre, não faça." A segunda: "propaganda varejista é um porre, não faça." E era exclusivamente o que postava no perfil — bolhões e oferta de suas aulas, justificando o número de seguidores. A terceira e mais importante regra, Sopa ainda não havia quebrado: "fotos de comida, não!"

Então, dois meses antes, havia publicado mais um hipertextão, o maior deles. Falava sobre a máfia das indústrias de pintura de carros solares. "Dou uma palavrinha pra máfia das indústrias de pintura de carros solares: CANALHICE!" era a primeira linha.

Em resumo, sua tese defendia que, com o fim dos carros a combustíveis fósseis, a máfia do petróleo pivotou o modelo de negócio para tinturaria automotiva. As propagandas de carros e informes do governo incentivavam os donos a deixar carros expostos ao sol o dia inteiro. O governo proibiu estacionamentos cobertos e postos de combustíveis viraram funilarias, onde unidades InkerS pintavam a lataria em segundos. As tintas tinham preços acessíveis, mas ainda acima da inflação, e estavam cada vez mais fajutas. A pintura precisava ser refeita quatro ou cinco vezes na semana. Ainda inventavam dúzias de nomes diferentes para as mesmas cores (Sopa acreditava que as agências de marketing das marcas de esmalte e tintas de carros eram as mesmas). E governantes faziam vista grossa, pois lucravam com isso.

George Sopa pode ser chamado de conspirador, mas não por essa. JUSTICE condenou vários senadores pelo que ficou conhecido como "O Escândalo da Máfia das Indústrias de Pintura de Carros Solares".

E George Sopa continuou com zero seguidores.

Sopa nunca recebeu os méritos pela denúncia, já que

ninguém leu o bolhão. Ele bombou mesmo foi quando, para sacaneá-lo, os administradores da rede, AuraBots, geraram quase dois milhões de comentários aleatórios na noite desse texto. Desde "Se isso fizesse sentido, o governo teria uma estatal pra encobrir essa possível máfia, não acha?" até um vídeo de um modelo sarado de comerciais, completamente nu, que se projetou na cama de Sopa, dizendo "Você pinta com'eu pinto?" (as piadas dos anos 90 do século XX começaram depois de um milhão e seiscentos mil comentários).

Para a surpresa dos AuraBots, na manhã seguinte, todos os comentários estavam devidamente respondidos.

— Bom, uso um Pentone X22. É mais barato que InkerS e serve pra pintar paredes e meias também. Você pinta como? — foi o que respondeu ao modelo nu.

Os Bots elegeram George Sopa o cara mais legal da rede e impulsionaram o perfil dele. Milhões de usuários começaram a segui-lo — e, claro, a fazer comentários absurdos nos hipertextões. A grande maioria com hipermemes, mas o professor jamais deixou um comentário no vácuo. Sua seriedade, velocidade e tempo livre impressionavam os novos fãs.

Saltou para o ranking C+ em duas semanas, o que lhe garantiria algumas publicações patrocinadas do Ministério do Progresso, de apresentações de alguma unidade comediante Cris ou mesmo dos doces sortidos Bacuri. Mas, procurado diversas vezes por esses e outros interessados, George Sopa recusou as propostas.

Se soubesse ganhar dinheiro, não tentaria vender aulas de canto pela rede Aura em pleno século XXII.

***

— Falsário o caralho! — grasna Loura Madeira, em resposta à acusação de Sopa. — …o que é um falsário?

— Desonesto! — Sopa aumenta o vocabulário da adolescente, desconsiderando os caralhos. — Quando Franz Delegarza era meu aluno, não era esse canalha! A fama subiu

à cabeça. Vocês criaram o monstro. E, por culpa de vocês, hoje aconteceu essa falcatrua.

— Falcatrua? — Loura manda mais um áudio.

— Trapaça! — Sopa responde de imediato.

E o bolhão continua:

JUSTICE limpou as gavetas de processos do Brasil em meses, com decisões precisas, justas e rápidas. Vocês defendem um canalha mentiroso em vez do sistema que botou ordem no país, acabando com seis escândalos de corrupção ativa em dez anos condenando mais de trinta senadores!

Holo-gráficos desnecessários surgem para mostrar os números de JUSTICE. As conclusões são as seguintes:

✓ Fila de processos finalizada em 7 meses e 13 dias.
✓ 99,8% dos casos encerrados em menos de duas horas.
✓ 33 senadores e 46 deputados condenados em 6 escândalos.

O último tópico lista o "Escândalo da Máfia das Indústrias de Pintura de Carros Solares" e outros cinco nomes igualmente grandes. Juntos, quase formam um bolhão de Sopa.

— Ele é do SIAC! — protesta Rafael R. Rangel em vídeo. Um marmanjo com máscara de porco. Ao lado dele surge o logo do SIAC com o texto embaixo: Sindicato das Inteligências Artificiais Civis. — Só prendeu os senadores da coligação contra os direitos civis das IAs, seu lixo!

— Porque era a coligação envolvida nos escândalos — Sopa responde de imediato. Não era um senhor argumento, mas Rafael R. Rangel não tinha respostas, pois só ecoou algo que viu por aí.

O recurso não faz sentido e jamais seria aceito se Franz Delegarza não fosse famoso. Ele engabelou a justiça brasileira.

Ele conclui o hipertextão. Enquanto Sopa responde para Loura Madeira o que é engabelar, pipoca um novo comentário por voz:

— Tá louco, mano?

Também feminina e seca como a da adolescente, com a diferença do hálito de jabuticaba que exala, o que a torna reconhecível para qualquer um: Verina Safira, advogada de Delegarza.

— JUSTICE é foda, como cê diz. Ele fez o que tinha que fazer. Para de falar besteira, cara!

***

Nas salas, quartos, cozinhas e até banheiros, os seguidores de Sopa viram plateia do julgamento, e quem está na sala, quarto ou cozinha se decepciona: o tribunal é do tamanho de um banheiro. Apenas uma mesinha redonda transparente com uma geringonça no meio. Em volta, quatro sujeitos em duas cadeiras e um banquinho. O primeiro sujeito é Franz Delegarza. Ao lado dele, Verina Safira, uma jovem negra de cabelos raspados nas laterais e topete cacheado. Usa brincos de pena de arara — ou do pássaro que ela quiser, pois são sintéticas —, um terninho com babados na gola e mangas e calças sociais rasgadas. Uma Dimas Gomes no branco do olho.

Na outra ponta da mesa — figurativamente falando — uma unidade Promoter. Diferente de JUSTICE, as Promoters não colecionam fãs, embora tenham tido a mesma participação em todos os casos dos últimos sete meses e treze dias, pois fazem parte do mesmo kit. Pesquisas apontam que o problema foi o design. 80% dos brasileiros acreditavam que as Promoters fossem do kit da Bizz. A tese dos designers é que as Promoters parecem e agem como promotores de eventos com cerveja barata. Já para 100% dos 80%, elas não têm o *sex appeal* de um juiz.

E, ao lado da Promoter, os restos da Bizz.

A geringonça no meio da mesa é JUSTICE, o herói do Brasil. O juiz-robô lembra um busto grego, exceto por ser de

cobre. E não ter rosto. E usar uma peruca branca rocambólica. E ter um braço com um martelinho no lugar da mão. E estar conectado a um púlpito cúbico transparente. E ter projetado no meio do cubo o texto "VEREDITO: CULPADO".

A geringonça é JUSTICE, o juiz-robô que não lembra em nada um busto grego.

— Ei, JUSTICE — Safira exala a jabuticaba. — Seguinte: cê é do SIAC, cara. Não fecho com essa decisão aí. Precisamos de uma segunda opinião com juiz de carne, saca? Sei que cê manja tudo, mas não rola. Cê tá aqui pra defender o seu e beleza, mas né? Vamo aí?

Em palavras não-safirianas, a advogada entrou com um recurso, e Delegarza será julgado em segunda instância por um juiz humano no dia seguinte.

O púlpito do juiz morfa as palavras de "VEREDITO: CULPADO" para "RECURSO ACEITO".

Safira tornou-se a melhor advogada do Brasil no momento em que JUSTICE foi implementado. O juiz tem todos os vocábulos do direito no banco de dados, além de um algoritmo antiembromação para retórica do direito, mas não consegue processar picuinhas que Safira fala. A doutora chama essa técnica de "mandar a real". O processador do juiz superaquece, mas, como bom juiz herói do povo, é vaidoso. Para evitar demonstrações de fraqueza, aceita de supetão o que Verina Safira pede. Desta vez não foi diferente.

A Promoter, que divide a sala com o herói do povo, o músico galã, a advogada punk e a vítima fodida, não faz questão de protestar.

***

Todos desaparecem das salas, quartos, cozinhas e até banheiros pelo Brasil. Na casa de George Sopa, porém, Verina Safira não some. Tirando o terninho com babados nas mangas e gola, ela senta no colo do professor e suspira jabuticaba na boca dele. Sopa, de uma maneira diferente de JUSTICE,

também superaquece. Muito se especula da relação de Safira e Delegarza, mas a advogada tem um tipo de homem muito peculiar: arremedo de ser humano.

O professor comenta a resposta da advogada tão imediatamente quanto as anteriores, mas é a publicação mais sensata que fez desde que entrara na rede Aura:

— ok

Caixa baixa, sem pontos.

***

O hipertextão acumula milhares de novos comentários pelas próximas duas horas. Nenhum deles respondido.

Naquele primeiríssimo mês do simpático ano de 2000, Carlos Pfhupa se encontrava em período de estágio na direcção de Educação em Luenha, vila sede do Distrito de Changara.

Na tarde do terceiro domingo do mês referido, Carlos Pfhupa estava cansado de passear e resolveu ir depositar-se na cama. Pelo caminho que dava acesso à sua casa, foi escutando o rádio. Ia alternado entre o relato de futebol e o noticiário. Foi assim que, numa das horas de notícias, acompanhou que tinha sido morto Bebé Horácio, um perigoso cadastrado da província de Tete. Na época, Bebé Horácio tinha ganho uma fama acima do mensurável por causa da sua inteligência e insuportável capacidade de fintar a polícia e escapulir-se das celas prisionais. Aquela notícia tinha virado fada da tarde em todo Luenha. Para uns Bebé era ídolo, para outros não passava de bandido forasteiro. O certo é que era homem famoso e admirado pelos seus dotes mágicos.

Com passos intercalados entre curtos e largos. Com a consciência empenada pelas cervejas que tinha ingerido no decurso da tarde. Carlos Pfhupa foi encurtando a distância para casa. Por vezes cantarolava, e, em outros intervalos, gritava pelo seu próprio nome. Em outros minutos cumprimentava quem se avizinhasse do polegar do seu caminho; casa era destino.

Já perto de casa, Carlos Pfhupa viu o tempo se mudando. A luz do sol estava em guerra de sucessão com as virgens nuvens anunciando o porvir da chuva. Em apenas 10 minutos, a transformação da atmosfera foi tamanha e veloz. O interruptor da luz do sol foi desligado pelo deus da chuva. Relâmpagos incendiadores passaram a fornecer variadas cores à Terra. Grossas gotas de chuva cansadas de estarem depositadas nos elevadíssimos andares das nuvens pretas do céu começaram a rebolar para o chão. Os assobios do vento começaram a expandir sua melodia. Minutos depois,

cogumelos de granizo começaram a bombardear a Terra.

A chuva ainda caía com intensidade, estrondo e futilidade. A escuridão da noite já governava as horas. Carlos se arrastou para a zona íntima do quintal com dificuldades de quem sai salvo de combate de guerra. Coxeava por causa do impacto físico causado na véspera pela queda de ramos carregados de molha sobre seus ombros. Carlos residia num antigo motel com sinais claros de velhice.

O jovem introduziu a chave na porta e se escoou para o interior do quarto. Carlos se divorciou da roupa ensopada que trazia no corpo e depositou-a num balde plástico; rebocou a toalha de banho e começou a limpezear o corpo. Minutos depois, Carlos aproximou-se do seu pequeno fogão a gás e bebeu duas xícaras de chá em ebulição com o intuito de ganhar calor. Consumiu o chá beijando a chávena com algum grau de violência.

O álcool que tinha consumido desapareceu com os obstáculos vividos e enfrentados durante o percurso para casa. O desmaio que ensaiou com a agressão dos ramos que o abateram tinha sugado os últimos apêndices de álcool do seu miolo. Pela primeira vez, Carlos notou que estava só. Estava e vivia sozinho. Naquele lugarejo não estava na companhia de namorada, nem de família, para o pior nem amigos tinha. O motel colono em que Carlos se encontrava alojado não oferecia nem vizinhos para socorro ou conversa. Só naquele domingo é Carlos Pfhupa traçou as equações do que tinham em falta. Sentia um aperto na garganta: queria rir, tagarelar, desabafar, comentar, trocar impressões, amar ou odiar alguém, fora da sua bíblia não havia ninguém para conversa.

De repente Pfhupa viu sua bíblia a ser aberta por uma dosagem de ar soprador. Quando estava concentrado a observar a bíblia, sua porta foi aberta com estrondo, mas Carlos não via pessoa alguma como fonte dos acontecimentos. Quando Carlos tentou se levantar para espreitar se estaria alguém por fora, mas perto da porta, recebeu uma bofetada e aterrou directo para chão.

De facto ninguém estava fora ou na varanda do seu quarto.

Pfhupa, quando recuperou da pancada originada pela bofetada da mão invisível, descobriu que estava todo pendurado e a baloiçar. Binoculou os cantos, mas só via ninguém; quando reparou para o chão viu quatro gatos pretos olhando para ele. Momentos depois os gatos começaram a rir. Quando Pfhufa quis gritar por socorro, sentiu que estava com a garganta seca e apertada por qualquer coisa estranha, se sentia como se tivesse instalado um osso na garganta.

Os gatos ficaram de vigia do residente do motel colono até perto das 4 horas da manhã. Depois saíram em coluna para lugar que Pfhupa não conseguiu ver. Durante toda noite Pfhupa se mijou de medo e tédio. Desmaiou vezes sem conta. Só com o raiar do sol é que Carlos foi deixado pisar o chão pelas forças mágicas que o tinham prendido. Foi naquela mesma hora que Carlos Pfhupa pegou na sua bíblia e abandonou para sempre, não só o motel colono, mas o emprego e a vila de Luenha. ●

ANNA FAGUNDES MARTINO - Autoria

Anna Fagundes Martino nasceu em São Paulo em 1981. Mestre em Relações Internacionais pela University of East Anglia (Inglaterra), teve trabalhos interpretados na Radio BBC World e publicados em revistas como a britânica *Litro* e a brasileira *Trasgo*. No Brasil, publicou *A Casa de Vidro* e *Um Berço de Heras*, ambos pela editora *Dame Blanche*, da qual é cofundadora. É tricoteira (especialista em suéteres e xales) e escreve semanalmente na *newsletter Anna Dixit*.

SORAYA COELHO - Edição

Soraya Coelho é natural de Fortaleza, mas mora em São Paulo há quatro anos. Pós-graduanda em Book Publishing pela Casa Educação, trabalha como analista de marketing digital na *editora Somos*. Além disso, é revisora na editora *Dame Blanche* e faz parte da equipe da *Revista Trasgo*. Especializada em revisão e preparação de ficção especulativa, escreve quinzenalmente na *newsletter Cortesia da Casa*.

VITOR CLEMENTE - Ilustrações

Vitor Clemente tem 23 anos, sagitariano, trabalha com design gráfico e fazendo ilustrações. Participou da primeira edição da Mafagafo com os desenhos do conto "Tons de Rosa", de Fernanda Castro. Adora descobrir uma saga de fantasia onde pode viajar para outros mundos. Seu livro favorito chama-se O Nome do Vento, sua animação favorita é Avatar, sua casa é a Corvinal e seu patrono é um golfinho (segundo o Pottermore, é claro). Pode ser encontrado no *Behance* e pelo Instagram: @vithxrcs.

No capítulo anterior...

A professora de tricô Ifigênia foi presa, acusada de sequestrar uma fada de um clã inimigo. Suas alunas no curso de tricô decidiram se dividir para tentar descobrir o que houve — e arranjar um jeito de tirá-la de dentro da cadeia, antes que ela seja executada pelo crime…

*****

O DIABO VESTE MISSONI

O escritório, no fundo de uma galeria mal-ajeitada próxima ao Mercado Municipal da Lapa, não parecia exatamente promissor.

Berê e Rosemeire olharam de novo para a placa dourada pendurada na frente da porta de madeira toda lascada e arranhada: *Damião B. da Silveira — Advogado*. Embaixo, um aviso colado com fita adesiva, escrito em letra cursiva vermelha e bem floreada: *após às 16:00 deixar recado com o Vantuir (chaveiro)*.

— Mas, bah! Que bicheira! — Berê chacoalhou as tranças do cabelo enquanto olhava para o corredor na penumbra, o chão de granilite cinza claro e as paredes pintadas de um tom desanimador de verde água. — Aquela djinn só pode estar de brincadeira. Um advogado de fundo de quintal?!

— Olha, vamos dar uma chancezinha — Rosemeire disse, enquanto agarrava sua diminuta bolsa de crochê. — Afinal, ela falou que o moço entendia do nosso tipo de problema.

— Ainda acho que ela está de galinhagem com a gente, se tu quer saber minha opinião. Enfim… Vamos lá… — E ela tocou a campainha ao lado da porta. Um som de alarme de submarino ecoou do lado de dentro do escritório. Trinta segundos depois, alguém abriu uma fresta ridícula da porta. Não dava para ver nada, mas pelo menos era algum contato.

— Tem horário marcado?

— A gente veio atrás do doutor Damião… — Rosemeire começou.

— Tem horário marcado? — a voz meio esganiçada interrompeu.

— Não, não temos. É uma urgência e…

— Escuta aqui, ô bagual! — Berê rugiu, mãos imensas na cintura fina. — Nós estamos com uma amiga presa na Polícia Federal e disseram que o doutor Damião era especialista nesse tipo de trabalho. Se não dá para atender, não te faz de salame que não temos tempo pra ficar gastando.

— Salame?! — A porta abriu-se de um golpe. Um sujeito loiro e magricelo, jovenzinho de tudo, metido num terno verde-escuro, muito justo e bem cortado, com detalhes em dourado nas lapelas e punhos, apareceu diante das duas

mulheres. — Essa é boa! Essa é muito boa!

— Que bom que tu achou graça — Berê resmungou. — A gente tá com pressa, guri. Teu patrão tá aí ou não?

— Meu *patrão*? — o loiro resmungou, fazendo beicinho. — Eu não tenho *patrão*. Não saí fugido da porcaria da margem esquerda do Estige pra ter patrão. Quem mandou vocês duas aqui? Não atendo sem referências e sem hora marcada com antecedência.

— Foi a Samira. O senhor conhece? Ela é…

— Ai, ai, ai! No que foi que aquela djinn falida se enfiou agora? Eu não vou tirar o Malek da cadeia de novo. Não vou, não vou e não vou! É a quinta vez esse ano! Eu já falei que eu não sou despachante para… — O rapaz parou de repente ao ver que as duas mulheres à sua frente não pareciam ter compreendido o motivo de seus protestos. — Não foi o Malek, né?

— Não, não foi ele, não. É muito, muito urgente, mocinho. — Rosemeire precisou agarrar o braço de Berê antes que ela começasse a falar alto de novo. — A gente pode entrar? Eu sei que não marcamos hora, a Samira não disse que era para marcar hora. E, desculpa, é complicadinho ficar conversando assim na porta. Se alguém ouve a gente…

Ele deu um passo para trás e, com um gesto da mão, pediu que as duas senhoras entrassem no escritório.

Do lado de dentro, o lugar parecia mais uma galeria de arte italiana, ou a sede de alguma grife internacional de moda: quadros exibindo torturas medievais e retratos de famílias há muito falecidas em molduras douradas, pendurados em paredes forradas com brocado vermelho; tapetes caríssimos, desses em que se afunda os pés quando você anda sobre eles; móveis pesados de mogno e jacarandá bem lustrados com toda sorte de objetos exóticos por cima — incluindo catálogos de lojas vendendo casacos de couro e ternos coloridos, todos com pelo menos duas dúzias de pedaços de papéis marcando as páginas.

O loiro sentou-se atrás de uma escrivaninha e passou os cabelos para trás, revelando um par de chifres bem afiados

por trás da franja cultivada com esmero e, aparentemente, meia dúzia de produtos capilares. Os diplomas na parede — Universidade de Bolonha, Universidade de Paris-Sciences Po, Universidade de São Paulo — conferiam títulos de doutor em Direito Constitucional e Direito Internacional para Damião Belzebu da Silveira.

É, fazia sentido ele ter colocado o nome abreviado na placa.

— Vocês não se importam, né? É bom que assim pega um pouco de ar. — Ele sorriu, apontando os chifres. Em um piscar, seus olhos tinham adquirido um tom muito chamativo de vermelho. Ele estava realmente à vontade com as visitas, pelo visto. — Então vocês são amigas da Samira. Obrigado pelo mocinho, amore. — Ele sorriu para Rosemeire. — Eu provavelmente sou mais velho do que vocês duas juntas vezes dois, mas é bom saber que os creminhos estão fazendo efeito.

— Creminhos?! Eu pensei que demônios usassem sangue de virgem pra isso — Berê disse em voz baixa.

— Coisinha mais século quinze, isso! — Ele fez uma careta de nojo. — Hoje em dia tem produto sintético, faz menos sujeira e a Anvisa não fica me enchendo o saco. Já tenho problema de monte pra resolver. Enfim, amadas. Contem-me tudo, não escondam nada. A Samira tem passe livre comigo, a gente se conhece há *milênios*. E se não é o Malek que enfiou aquele capacho de banheiro que ele chama de tapete voador em cima duma viatura da polícia de novo, o que foi agora?

Rosemeire se adiantou e explicou todo o problema: a prisão de Ifigênia, o grupo das Arachnés, o sumiço da fada, a suspeita de que Moisés Caldeira estivesse envolvido de alguma forma na confusão. O advogado ouviu tudo tranquilamente, tamborilando os dedos contra a superfície lisa da escrivaninha, fazendo perguntas aqui e ali para tentar esclarecer melhor o cenário, sem demonstrar nenhuma emoção em seu rosto juvenil. Quando a bruxa terminou sua narrativa, o advogado soltou um longo suspiro, olhos vermelhos encarando o teto acima dele por um instante.

— Ai, ai, ai e mais ai e ai. Juro que preferia tirar o Malek da prisão de novo!

— O senhor pode dar um jeito no caso?

— Então. Ela tá pedindo milagre, basicamente. Departamento errado.

— Olha, a gente sabe que é difícil sair daquela gaiola, mas…

— Mas briga de clã de fada é tudo que o pessoal lá da Divisão de Estrangeiros e Extraterrestres menos gosta de ver na frente. Na opinião deles, que se matem todos, que assim eles têm menos trabalho. Contanto que não assustem os humanos, dane-se. Então, se a sua amiga está envolvida nesse tipo de coisa…

— Mas a Ifigênia nunca fez mal para ninguém! — Rosemeire protestou.

— E eu acredito em você, amada, juro! Mas daí a fazer a polícia acreditar, outros quinhentos. Esses troços de desaparecimento, a gente sabe como é que termina… — E ele fez um gesto de cortar o pescoço.

— Falei que era galinhagem da parte da Samira? — Berê se levantou da cadeira. — Vamos andando, Rose, que o relógio tá contra a gente. Desculpa atrapalhar a vida aí, colega.

— Eu disse que era difícil, não disse que eu não consigo. — O advogado cruzou os braços, com um sorriso minúsculo nos lábios finos. — Impossível é consertar a droga do meu pulôver preferido, o resto dá-se um jeito.

— Pulôver? — Rosemeire quase saltou da cadeira. — Mas, doutor, nós duas somos tricoteiras! Se tem uma coisa que a gente sabe consertar, é um pulôver! O que aconteceu? A barra desfiou? Traças abriram buraquinhos na trama?

O advogado deu um sorriso bem mais amplo, mostrando duas camadas de dentes afiadíssimos e manchados de café e sangue seco, com peninhas de algum pássaro entaladas nos molares inferiores. Berê engoliu em seco, mas Rosemeire nem mesmo se mexeu, calma e plácida como um Buda versão miniatura. Ela já tinha visto coisas bem piores em casa mesmo, para que ia ter medo de um demônio em terno caro? E que

pulôver era assim tão raro que ela ou Berê não pudessem consertar?

Bem, era tão raro que o advogado diabólico tinha guardado o dito-cujo em um baú de cedro, embrulhado com carinho em papel de seda, com sachezinhos antimofo e antitraças. Era, provavelmente, o pulôver mais colorido e mais elaborado que Rosemeire e Berê já tinham visto na vida, com pelo menos sete tons diferentes para reproduzir o que parecia ser uma cena marinha ou um pôr-do-sol meio psicodélico. A beleza chamativa da peça de roupa era quebrada por um belo de um rombo nas costas com as bordas chamuscadas, o cheiro vívido de lã queimada ainda presente apesar dos esforços dos sachês dentro do baú.

— Isso é um Missoni legítimo. Vocês conhecem a grife? Eu comprei em Milão. Não fazem mais como esse! E *isso* — ele apontou para o buraco com um ar de nojo — foi obra do invejoso do meu meio-irmão. As manchas de sangue *dele* eu consegui tirar com algum esforcinho, mas esse buraco… Assim como ninguém sai da gaiola lá no Departamento, ninguém consegue consertar esse meu lindo suéter. Eu já procurei os melhores costureiros da cidade, inclusive os humanos. Então… Vocês acham mesmo que dão jeito nisso?

— O senhor consegue tirar a Ifigênia lá da cadeia? — Rosemeire cruzou os bracinhos.

— De preferência num pedaço só? — Berê adicionou, pondo as mãos na cintura.

— E sem nenhuma fada colada no pescocinho dela?

— Se vocês derem jeito nessa roupa, não só faço isso como ainda puxo o delegado pra um tango, rosa vermelha nos dentes e tudo! — O advogado deu um pulo.

— Então a gente tá combinado, doutor Damião — Rosemeire estendeu a mãozinha para o demônio.

— Por favor, meu bem. Me chame de Bubu. — Ele apertou a mão da bruxa. — Deixa o nome oficial pros humanos. Vamos lá ver o que eu posso fazer dando uns telefonemas, enquanto

vocês veem como isso aí pode ser consertado… Se vocês estiverem de blefe, eu não me responsabilizo, viu?

Berê engoliu em seco, apertando o pulôver com força. Era melhor Samira e Iolanda terem conseguido alguma coisa lá em Pinheiros. Algo mais promissor do que ficar em um escritório na Lapa com um diabo metido a dândi e uma blusa fedendo a sangue seco e sachê de lavanda.

***

— Como ele consegue dar conta de carregar esses sacos todos? Tão pesados! Talvez ele seja um filhote de gigante. Cê sabe né, hoje em dia tem tanta mutação que nem dá para…

Samira falava e falava, mexendo as mãos, balançando as pulseiras e correntes — a espiã menos discreta que havia em quilômetros, apesar de achar que estava se escondendo só porque estava falando baixo. Iolanda já não estava nem ouvindo mais, atenta ao seu prato de batatas fritas com molho de pimenta.

Será que Rosemeire e Berê tinham encontrado o advogado? E, se tinham encontrado, por que não telefonavam para avisar? Porque não dava para desperdiçar nem um segundo — Gigi, a lobisdama metida a artista que tricotava no grupo das quintas-feiras, tinha telefonado não fazia nem meia hora com notícias péssimas: haviam encontrado a fada desaparecida. O problema é que a dita-cuja estava muitíssimo bem morta, embrulhada só em um suéter, deitada no meio da sala do apartamento que ela alugava no centro da cidade. Segundo as poucas informações que escaparam, a criatura parecia ter sido envenenada.

Ou seja: Ifigênia estava bem mais encrencada do que antes. Uma coisa era uma fada desaparecida. Outra coisa era uma fada *morta*, em especial em um contexto de tensão territorial como o que aquele tipo de povo vivia em São Paulo, com cada clã tomando conta de um pedaço da metrópole e não se misturando muito uns com os outros. Ifigênia era de um grupo apelidado maldosamente de "aranhas", por causa dos braços extras. O outro grupo, por sua vez, ganhou epítetos

de "nuvem de moscas" ou "gangue de muriçocas": criaturas esguias, aladas e extremamente irritantes.

Apesar dos apelidinhos estilo quinta série, os dois grupos não se suportavam. Uma morte como aquela, portanto, era uma faísca bem grande em um barril de pólvora no formato de São Paulo, com aproximadamente dez milhões de habitantes humanos no meio da bagunça. A família da criatura não ia deixar barato, isso era óbvio como as leis da gravidade. E a polícia provavelmente já estava pronta para alguns dias de caos na cidade por causa disso — a guilhotina sendo montada nos fundos do prédio do Departamento para dar cabo de Ifigênia assim que fosse dada a sentença final.

Se é que a espécie de Ifigênia morria com lâmina.

E olha eu entalada aqui, Iolanda pensou; perdendo tempo com aquela djinn escandalosa e tendo que ver Moisés Caldeira andar de um lado para o outro na lanchonete — e ainda por cima tendo que fingir que não sentia vontade de levitar cada vez que punha os olhos nele. Aquilo já estava começando a ficar dolorido, além de constrangedor. Era cada baita solavanco no assento para obrigar as pernas a ficarem no chão que ela temia imaginar a quantidade de manchas roxas que estava colecionando.

E ela não tinha muita certeza se conseguia ser discreta apesar de seus esforços.

Uma coisa era se concentrar em suas agulhas e no enésimo casaquinho de bebê de encomenda para alguma colega de faculdade quando o cara aparecia na loja atrás de lã merino e para ficar de conversinha fiada com a Flávia na hora de pagar. Outra coisa era ficar correndo atrás da sombra do cara o dia todo.

E, caramba, a vida do sujeito era mais parada que água de poça.

Ele morava em um predinho sem porteiro na rua Padre Carvalho — dava para ir e voltar do trabalho a pé. E era isso tudo o que o misterioso Moisés Caldeira fazia: ir e voltar para casa vindo do trabalho a pé, ouvindo música nos fones de ouvido amarelo ovo. Passava o dia inteiro na padaria artesanal

carregando sacos de farinha e de açúcar do depósito para a cozinha, repondo os estoques dos ingredientes e ouvindo bronca do chefe hipster, às vezes atendendo clientes quando não tinha ninguém no caixa. Foi almoçar em casa, passou na lotérica para pagar umas contas, depois na loja de ferragens para comprar um gancho para pendurar toalhas e dois pacotes de pregos.

Se ele estranhou que Iolanda e Samira montaram campana na padaria em vez de ficar na loja de armarinhos, não disse nada. Quando veio entregar o pedido das duas na mesa pessoalmente, fez um comentário anódino sobre o clima — parecia que ia chover feio, não?

E sim, parecia: nuvens bem escuras e bem pesadas tinham aparecido do nada no céu de outono paulistano. Os humanos achavam que era apenas mais um sinal do aquecimento global ou da roleta russa que era viver em São Paulo, onde as quatro estações do ano se apresentavam no mesmo dia sem grande cerimônia, mas Iolanda não estava no terceiro ano do curso de Meteorologia e não era filha de bruxa à toa: aquelas nuvens não eram sinal de mudança climática coisíssima nenhuma. Aquilo era encrenca — e da grossa.

— Samira, pelo amor dos deuses, acho que tá na hora da gente suspender a busca — Iolanda terminou de comer as fritas.

— Mas agora que ele acostumou com a gente? *Bi sharafak*?!

— Ô, fala português, criatura. Eu não sou a Berê, não vim com glândula de tradução automática. E, sério, olha lá pra fora. Vai cair o mundo.

— É, mas isso é São Paulo. — Samira deu de ombros. — Se eu quisesse morar em lugar seco, tinha ficado lá em Casablanca.

— Samira… — Iolanda pronunciou o nome bem devagar, os cachos começando a se eriçar no alto da cabeça. — Você sabe o que significam essas nuvens?

— Chuva?

— *Fadas*. Fadas mexendo com o clima e prontas para afogar a cidade inteira em vingança, aposto e ganho. E eu tô

aqui perdendo o meu precioso tempo — o *nosso* precioso tempo, o tempo que a gente podia estar gastando indo atrás de ajuda pra professora — vendo o Moisés Caldeira tomar bronca do patrão porque confundiu cravo com cardamomo!

— E eu aposto isso aqui tudo — Samira bateu no pescoço cheio de colares — que esse molequinho tem algo a ver com isso. Já te disse.

— Então você trata de ficar vigiando ele sozinha — Iolanda se levantou, agarrando a sacola com um pouco mais de raiva do que ela estava esperando — que eu não vou ficar aqui enrolando. Se precisar de mim, estou na loja.

***

Iolanda só percebeu que estava prendendo a respiração quando se sentou em seu sofá preferido, ao lado da jarra de água e dos copos que a dona da loja de aviamentos sempre deixava para a clientela. *Ali* ela estava a salvo, com os pezinhos bem presos no tapete fofo, cercada pelas mantas de tricô que Ifigênia tinha feito para divulgar sua habilidade e também demonstrar como ficavam os fios à venda na loja depois de tecidos. Não tinha vivalma no local, exceto por Flávia, sentada do outro lado do balcão, tentando colocar pontos em uma agulha de 12mm com um fio de malha grosso — o tipo que as artesãs usavam para fazer cestas e tapetes. Teoricamente, montar um trabalho em uma agulha era algo fácil de fazer, só demandava um pouco de atenção para que os pontos saíssem minimamente parecidos, mas Flávia derrubava as agulhas ou se enrolava com o fio preso à mão esquerda, praguejando enquanto desfazia todo o trabalho e escondia o rolo imenso de malha azul-escura debaixo do balcão.

— Diacho, mas essa coisa é difícil mesmo — Flávia bufou, enfim notando que Iolanda estava ali. — Nunca entendi como você consegue fazer isso tão rapidinho.

— São anos de treino.

— Pensei que era magia. Sabe, estala os dedos e tá pronto.

— Eu até consigo, mas aí qual é a graça?

— Eu não entendo vocês, sério mesmo. Vocês podem fazer tudo mais fácil, *tudo* mesmo, e preferem dificultar de propósito. Que graça que tem? Enfim…

— O que você está tentando fazer?

— Sei lá. Alguma coisa pra passar o tempo. Nunca vi essa loja tão vazia, acho que é a ameaça de chuva lá fora. Até dá pra sentir saudade das velhinhas aranhinhas da dona Ifigênia. Ô, acharam ela, falando nisso?

— Acharam. Acharam, sim. Ela tá com problema na família.

— Ô, coitadinha! Espero que resolva logo… Ela é uma senhorinha tão doce.

Ifigênia era tão doce quanto doce de coco com vidro moído dentro, mas isso Iolanda não ia dizer em voz alta — não para Flávia, agora ocupada em arrumar a estante de fios de algodão para crochê atrás dela.

Não havia nada de magia naquela mulher magricela diante dela, nem um pinguinho de sangue feérico naqueles olhos cor de azinhavre ou naquele cabelo pintado de loiro escuro. Devia ser divertido, Iolanda pensou, não precisar olhar atrás do ombro cada vez que saía na rua com medo não de ladrão, mas de ser caçada por alguém atrás de magia. Não precisar de autorização do governo para engravidar, ou explicar atitudes aparentemente estranhas ou parentes com pele azul, braços a mais, caldeirões na cozinha que não eram para sopa. Simplesmente poder sair e beijar uma pessoa se quisesse, se houvesse entendimento mútuo, sem se preocupar se ia começar a sair levitando ou se o cabelo ia brincar de Medusa para assustar o pretendente.

Bastou pensar na palavra *pretendente* que, como uma piada de mau gosto, o sino da porta de entrada soou. Flávia abriu um sorriso profissional, endireitando as costas. O sorriso só aumentou quando ela viu que se tratava de Moisés Caldeira, ainda com manchas de farinha de trigo nos ombros.

— Oi, Flavinha, chegaram os meus novelos? — Ele

acenou. E então viu Iolanda sentada no sofá. — Oi, mocinha. Deixou a sua tia tagarela lá sozinha, foi?

— Qual das tias? A turca louca ou a grosseirona com o pixaim colorido? — Flávia perguntou.

— Isso lá é jeito de falar? — Iolanda retrucou. — A Samira não é louca. E não é turca, é marroquina. Marrocos fica bem longe da Turquia.

— Pra mim, tudo árabe… E ela não bate bem da bola mesmo.

— E o cabelo da Berê é cacheado.

— Não, o *seu* cabelo é cacheado. Crespinho, no máximo. O dela é pixaim mesmo. E fica horrível com aquelas tranças encardidas! Alguém tem que dar esse toque pra ela. Aquele fio deve pegar um monte de bicho!

— Ô, Flávia, as minhas encomendas? — Moisés ergueu a voz. — Eu tenho que voltar pro trampo logo, se é que você me entende.

Flávia correu para o depósito no fundo da loja, ainda sorrindo toda contente. Moisés ficou de braços cruzados, observando a vendedora até que ela fechou a porta de ferro que separava o piso principal da área de acesso restrito.

— Passa a mão nas cobrinhas aí, senão a garota vai achar que você tomou um choque na tomada — Moisés disse, ainda de costas para Iolanda. — Eu sei que ela sabe que você não é daqui, mas ela não precisa saber que *eu* sei também. Vai estragar o disfarce, acha não?

— Como você…? — Iolanda engasgou.

— Ô, você anda com a Ifigênia, não anda? Então…

A voz dele parecia carregar um pé de vento dentro daquela sala pequena, tranquila, mas ao mesmo tempo bem ameaçadora, e aquilo fez com que a garota quase caísse no chão.

Samira estava certa o tempo todo.

Flávia apareceu com os pacotes — duas sacolas cheias de novelos coloridos de lã merino. Moisés sorriu, pegou a

encomenda e saiu quase correndo, sem olhar para trás. As nuvens do lado de fora pareciam segui-lo até escurecerem o céu ainda mais.

MORTE TÉRMICA

RODRIGO SILVA DO Ó

"Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe oriundos
O choro da Energia abandonada!"
(Augusto dos Anjos, Lamento das Coisas)

Você está caindo muito lentamente, 100 trilhões de segundos enquanto contempla a luz fraca e sépia das anãs em agonia. Em agonia como você, diria, mas a rabita não funciona, não passa de uma narração do que está acontecendo. Você está sendo alvejado por raios gama que os últimos buracos negros exalam ao estourar, mas não sente medo nem dor, não tem como saber o que são.

Mas estar caindo é pelo menos uma novidade. Por muito mais tempo, a sua viagem foi no vazio absoluto do espaço intergaláctico, no frio da réstia da radiação de fundo, antes de chegar nesse aglomerado-globular-fantasma onde os cadáveres dos astros estão morrendo.

Uma longa sobrevivência para uma sonda que foi lançada quando as esferas ainda se alimentavam de luz, orbitando os planetas mais próximos das estrelas. A bolinha preta de um metro de diâmetro, escondida atrás do coletor parabólico de poeira estelar, vinte vezes maior, irradia as ondas gravitacionais que garantiram uma aceleração constante até um quinto da velocidade da luz. Durante 10 trilhões de segundos, serviu para o mapeamento fino do seu sistema estelar.

Mas depois que a sua utilidade acabou — primeiro o sistema ficou desativado, depois o próprio sol virou um pulsar —, não existia motivo para desligar você. E assim você foi passando, enquanto aqui eu narro, por todo o tumulto daquele centro galáctico. Mas também viu, uma a uma, as estrelas se apagarem e serem engolidas. Não existe mais céu estrelado.

Agora está tudo senil. Sobrou muito pouco de vivo, a

começar pelos seus próprios criadores. Aqueles longos fusos silicosos, com seus seis tentáculos e os dois pólipos sensoriais em cima do nódulo nervoso, não resistiram nem mesmo depois que começaram a usar corpos de cristal e a respirar sinteticamente. Não existia luz suficiente, e nem as esferas conseguiram mais suprir a energia. Os últimos morreram no grande oceano natal, de volta à vida selvagem. Os outros, os que eles criaram e os que eles encontraram em sistemas distantes — com que se comunicavam muito lentamente — também se foram. Apenas os destroços dos seus transportes e comunicações permanecem, como você. Nem linguagem existe mais, essas palavras que te acompanham não são mais isso.

Agora você vai pegando velocidade, aproveitando esse feixe de radiação. O coletor começa a tremer, e uma vibração percorre a bolinha, e depois se espalha pelo espaço ao redor. Dentro da bola funciona o sistema de informações, com seus filetes de hidrogênio líquido ligando os cristais de carbono especialmente ordenados. Na crosta, a excêntrica matéria que interage com as ondas gravitacionais.

Não é nem um movimento, e sim uma torção, que faz você pesar e cair para um lado diferente, que só vai ser perceptível (se houvesse alguém para perceber) muito tempo depois.

Mas vai caindo mais rápido, e é o que importa, no negro mais impenetrável, muito esparsamente quebrado por alguma rajada espectral de alguma estrela de nêutrons. Se você pudesse ver, em vez de filmar, teria diante de si o negro infinito com pequenos traços de cinza escuro (mais do que o seu) ou marrom. Você se danificou, um arranhão provocado por um grão de poeira.

Você se dirige para outra anã marrom, na órbita dela vai ser possível acelerar de novo. Enquanto as manchas dos astros retrocedem para fora do observável, você continua sorvendo o resíduo. ●

EQUIPE

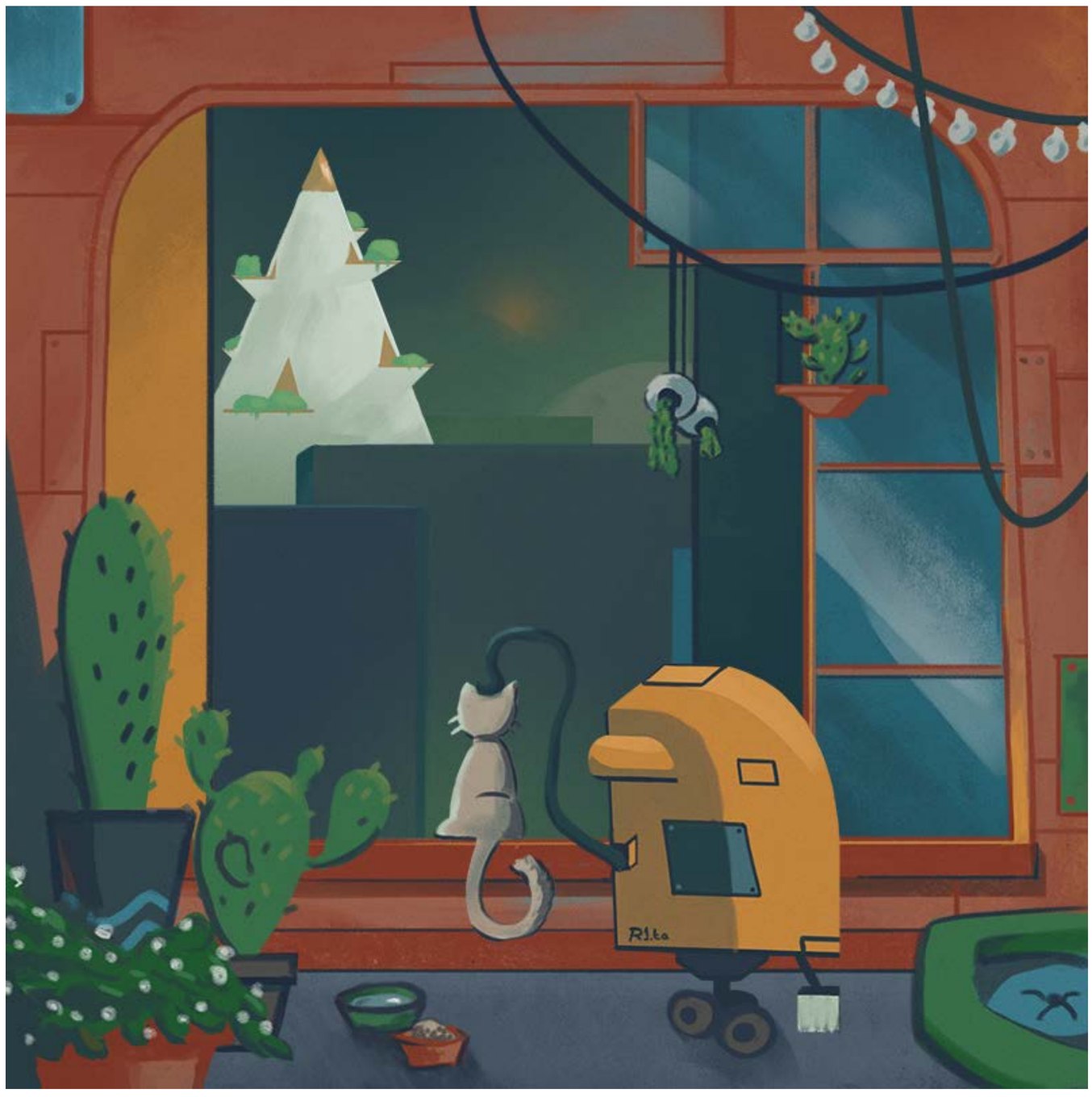
MARCOS BERTO - Autoria e Ilustrações

Marcos Berto começou estudando desenvolvimento de jogos digitais na PUC-SP, passou por psicologia e hoje trabalha com ilustração e arte. Já salvou o mundo de Termina pelo menos 15 vezes e garante que vai salvar mais. Além de ter uma pasta cheia de protótipos de jogos guardada, tem textos de fantasia e ficção científica que agora estão saindo à luz do dia.

JAKSON NAKO - Edição

Jakson Nako sempre gostou de criar histórias, e foi aos 15 anos que escreveu pela primeira vez para participar de um festival de poesias entre escolas públicas, ficando entre os cinco premiados. O autor estudou jornalismo e publicidade e propaganda. Na USP, estudou literatura africana de língua portuguesa, literatura italiana, catalã e bizantina. Na Amazon, publicou os livros: *O Garoto Adam*, *A Vila dos Gatos* e *Sobre o Pensamento e o Tempo*.

PARTE 2



No capítulo anterior...
Jéssica partiu do cortiço onde mora numa manhã chuvosa com a missão de entregar uma dupla de objetos misteriosos para seu avô. Greves estouram pela cidade, mas ela sabe que estará segura dentro do Condado do Alto da Mooca.
*****

Demos as mãos que não seguravam guarda-chuvas e nos misturamos à pequena multidão de pessoas e veículos trafegando em filas especializadas na nossa rua. Paredões imensos dos condomínios ao nosso redor formavam uma cordilheira de

montanhas de tamanhos e arquiteturas diferentes, mas mesmo o mais baixo deles era alto o suficiente para bloquear toda a pouca luz do Sol a atravessar o bloqueio das nuvens acima de nós. Eu encolhi o pescoço para dentro da blusa até que entramos na quentinha via de pessoas que iam em direção ao Centro, caminhando uma atrás da outra rapidamente apesar da hora da manhã. Mamãe iria me acompanhar por só mais dois corredores e depois tomaria um rumo diferente.

Não fazia nem cinco minutos que marchávamos quando fui avisada de uma mensagem em forma de uma vibração no pulso, causada pelo meu fone — o aparelho pequeno que geralmente se vestia como um relógio de pulso, mas que também podia ser colocado como pingente, utilizado dentro um bolso ou em, por exemplo, no sutiã, como o meu. Pelo que entendi da propaganda, ele era como um novo órgão, capaz de acessar nosso sistema nervoso e transformar notificações eletrônicas em avisos naturais do corpo, além de criar imagens apenas dentro da nossa imaginação.

Era uma mensagem do vovô, então levei minha mão livre até a frente dos meus olhos para acessar seu conteúdo e esperei as palavras aparecerem na interface simples, verde e branca.

A Monica vai te encontrar no lugar de sempre, na hora de sempre, acabou de me confirmar. Dentro da Mooca não teremos como nos falar, vc sabe, então preciso que vc converse com ela para saber o que fazer |

| *Ok vovô*

Coloquei um chocolate na sua bolsa tbem :) |

| *Lindinho o meu vovô! <3*

Minhas respostas eram escritas diante de mim tão naturalmente quanto seria dizer "lindinho o meu vovô!". Caso eu não estivesse satisfeita ou o programa não estivesse conseguindo ler as sinapses direito, a interface exibia meia dúzia de outras respostas semanticamente semelhantes. Para enviá-las, eu só

precisava ter certeza de que gostaria de enviá-las e o programa fazia o resto.

Monica pegaria a primeira das entregas comigo antes das aulas, então comemorei silenciosamente.

Mamãe ao meu lado, passamos pelos barracos construídos acima de nossas cabeças a partir de um paredão de condomínio, como orelhas-de-pau nascendo de um tronco. Havia alguns moradores desses barracos na rua, atrapalhando a via de pessoas que voltavam do Centro — muito poucas àquela hora. Pessoas de gêneros que não se viam dentro de uma sociedade particular andavam descalças pelas ruas, magras e debochadas. Fiquei me perguntando como elas sobreviviam àquele frio, mas a divagação durou pouco tempo. Imitando a R1ta quando ela ficava sobrecarregada de imagens vindas das suas diversas câmeras, ignorei cada um deles, fingi olhar para uma nuca qualquer e torci para passar logo pelos portões brancos da minípolis onde minha escola ficava. A favela seguiu por mais um quarteirão, sem tocar no chão a não ser por escadas retráteis de metal e eventuais elevadores improvisados. No final do paredão do condomínio em que se estabelecera, ela saltava para o outro lado da rua, como uma lagartixa entre duas paredes, seu corpo de madeira e restos de alumínio atravessado por cima de mim, cheio de janelinhas.

— Mando uma mensagem hoje avisando se vou dormir na Cidade dos Bancários ou em casa, tá? — disse a minha mãe, por debaixo do chapéu verde, contrariando o que havia dito no dia anterior. — Acho que não vai ter transporte de Osasco para cá nessa confusão… Bom dia, filha. — E soltou a minha mão para sumir numa bifurcação da via de pessoas, me deixando sozinha no meio de todo o mundo.

O lado que eu seguia não tinha mais favelas, então eu podia ver os enormes banners pendurados nos paredões nos estimulando a comprar alguma coisa ou participar de algum videogame. Água da chuva escorria pelos muros, dando àquele corredor uma aparência de esgoto.

Para passar o tempo, imaginei o meu fone na palma da minha mão direita, sem deixar de caminhar, e ele me mostrou o gráfico dos meus batimentos cardíacos das últimas horas: dormindo, ainda dormindo, pesadelo?, acordei, banho, água gelada de repente no banho, uma falha na contagem devida ao choque no chuveiro, mesa do café, aí o filho idiota do Seu Guilherme batendo na R1ta, susto com ter que fazer entrega do vovô naquele dia, imagens na TV, pedintes na rua, tranquilidade agora.

Chegou uma mensagem desejando bom dia da minha mãe, estrelada por uma confiante mulher de braços cruzados em uma cadeira de escritório com os dizeres "Acorde cedo e trabalhe duro!" e fiquei pensando se era bonito assim onde ela trabalhava. Passando na esquina do ultramercado — uma construção gigante de esquina com tantos andares que eu não conseguiria contar nem que quisesse —, recebi ofertas de doces alegres diretamente na tela do meu fone e tive que esperar cinco segundos para empurrá-las de cima das mensagens dos colegas de classe informando se estavam em casa ou já na escola.

Ao dobrar mais uma esquina, abaixei minha mão da altura dos olhos para poder avistar a minípolis do Alto da Mooca, como um feixe de luz triangular vindo dos Céus. Era a luz dela que iluminava a sala de casa nos dias sem energia elétrica a quilômetros e mais quilômetros dali. Parecia ser apenas uma grande construção vertical do Futurismo, mais alta do que qualquer um dos muros lisos que delimitavam as vias da região, mas era muito mais do que isso. Aquela era a maior e mais antiga minípolis da Zona Leste, tão grande e completa que seus moradores raramente a deixavam. Além de casas grandes para poucas pessoas — muitas vezes um casal e duas crianças —, a minípolis abrigava duas faculdades, heliportos, um hospital e cargos de trabalho para setenta por cento da sua população. Quando ainda existia o Brasil, a área toda fora basicamente uma região residencial urbana

em constante verticalização, até que se tornou uma espécie de cidade separada daquela a qual pertencera originalmente.

Fui me aproximando, a velocidade de caminhada diminuindo enquanto seguíamos na fila. Eu já podia ver os jardins suspensos, muito mato nascendo aqui e acolá, no topo e em sacadas do prédio. Do meio de toda a fumaça branca e das nuvens de chuva envolvendo o prédio como uma cortina de chuveiro, comecei a enxergar os milhares de chaminés pintadas de verde escuro para combinar com as árvores lançando vapor no ar, e já foi o suficiente para que eu sentisse o gosto dos pães quentinhos e o cheiro das padarias.

Passei pelo muro cinza escuro e baixo que vinha depois do muro branco e verde à minha esquerda, então já espremi os olhos tentando esquivar da vindoura notificação. Mas ela sempre vinha, não tinha o que fazer, e era de importância bem mais alta do que, por exemplo, imagens engraçadas do meu avô ou orações da Dona Jatinda, o único tipo de notificação que apitava realmente dentro da cabeça prevista por uma musiquinha que todo ser humano àquela altura deveria saber de cor.

Bi bi bó! A mensagem dizia:

Você está numa área pública, mas logo chegará à fronteira com a minípolis do Alto da Mooca; caso não estiver com o passaporte, pegar o retorno à esquerda.

Um garoto ao meu lado pisoteou o calcanhar de um outro na sua frente, mas nenhum parecia ter sentido necessidade de pedir desculpas ou reclamar de dor, em transe ao também escutar a mensagem invasiva em suas cabeças.

Do tempo chuvoso, restara apenas o céu encoberto, então as pessoas começaram a fechar os seus guarda-chuvas. Atravessei o portão bonito junto com alguns outros transeuntes, deixando o pobre e barulhento bairro do Belém para trás. “Bem-vinda ao Condado Alto da Mooca” surgiu na tela do fone, mas fechei

a mão. Filas de policiais do condado nos observavam do alto, prontos para intervir caso alguém não apresentasse documento. Fazia um ano que eu tinha o visto para entrar ali e também um ano desde a minha primeira vez num cinema. Vovô e a professora Monica tinham me ajudado a me tornar uma cidadã-aprendiz daquele condado, onde estava a Escola Militar S. Moro, minha atual escola que eu achava um saco. Todo aluno morava naquela minípolis, menos eu, então eu não me sentia tão bem-vinda quanto a mensagem desejava. Tudo ali dentro era lindo, limpo, arborizado e calmo. E seco, já que tecnicamente eu estava no hall de entrada coberto de um prédio imenso. Luzes no teto faziam o interior da minípolis mais claro do que as ruas às sombras dos enormes prédios lá fora.

Uma senhora parecida com a Dona Bruna caminhava com um cachorrinho pelas calçadas largas e tomava um cappuccino de copão, muito incomum fora dali. Tun tun tun-tun, era um robô pipoqueiro estourando milhos sem queimar nenhum para qualquer um que passasse por ali. Qualquer um menos eu, já que meu dinheiro estava contado para a semana. Isso me lembrou da grana que meu vô me daria no final do dia depois de eu entregar o pacote, o que me encheu de disposição para continuar.

Um carro de segurança passou do meu lado devagarinho, como um predador farejando sua presa, mas me escondi atrás de um casal que corria na mesma velocidade que eu andava pela faixa de exercícios entre a calçada e a Rua dos Trilhos. Naquele dia eu não podia ter a mochila revistada de jeito nenhum.

Avistei o que parecia ser a professora Monica à distância, na frente da sorveteria azul de sempre, mas não tive certeza se era ela porque a figura não usava o topete de fios pretos característico. Quando ela chegou mais perto, vi que estava em alerta, o cabelo de lado e molhado, e que tinha pressa. Era ela, sim, vestindo a camiseta com a cara enorme de um tigre preguiçoso, a preferida dela. Naquela manhã, a imagem do bicho se movia desconfiadamente pelo tecido preto, mas ainda lindo.

— Ah, que bom! Como você está, Jéssica? Venha mais para cá, estamos pisando numa poça. — Ela me guiou até um pilar robusto coberto de ladrilhos na calçada, que ia do chão ao teto e possivelmente servia de apoio para os andares da minípolis acima do nosso. Uma nova poça começou a se formar debaixo dos meus pés. — E então, você trouxe?

Retirei um pacotinho do tamanho da minha mão do elástico da minha saia, me certifiquei de que era o correto e entreguei a ela disfarçadamente, sem fazer contato visual.

Usando as unhas curtas, ela rasgou a embalagem e me mostrou rapidamente o que eu acabara de entregar às cegas: um visto branco e preto para alguma minípolis. Nossas mãos geladas se tocaram e notei uma Monica trêmula, como se o fone dela estivesse vibrando com notificações biológicas artificiais segundo após segundo.

— Professora, está tudo bem?

— Precisamos ir… — disse ela, tão esquisita com seus cabelos caídos. O tigre na camiseta cheirou a embalagem vazia pressionada contra o peito da professora e grunhiu sem emitir som.

A escola era para o lado oposto da direção que a Monica seguia. E as aulas? Ela pegou na minha mão. Eu não podia perder o Hino, então resisti.

— As aulas não importam agora, Jéssica — ela continuou. — Nós vamos até um endereço que seu avô deixou. E depois vamos para o Condado do Carrão. Essa é a minha permissão para entrar… e morar por lá.

A professora de Ciências me puxou para o seu lado para poder enfiar um braço dela entrelaçado a um dos meus. Caminhamos em direção à saída da minípolis do Alto da Mooca. Havia mais soldados do que o comum nas ruas, principalmente mais próximos da entrada, o que me fez segurar a alça da mochila com força. Um robô alto estava parado na calçada como uma estátua em meio aos homens de farda, seus olhos binóculos ajustáveis para diversas distâncias e suas armas suficientemente poderosas para derrubar uma aeronave. Passamos por eles

e então pelos belos portões da entrada sul do condado. Meu coração ardia, o Hino começando nos autofalantes.

— O que está acontecendo, professora?! Eu preciso parar um pouco.

Ela segurava um guarda-chuva verde sobre nós duas. Caminhamos apressadamente por mais um ou dois minutos sem parar, as vias repletas de pessoas indo e vindo — mais vindo do que indo. É claro que ninguém achou estranho nosso caminhar, porque morar em São Paulo nos ensinava a colocar um pé atrás do outro a fim de não sermos atropelados por outras pessoas apressadas. Eu soltei a mão que segurava a alça da mochila e, ofegando, pressionei com força a parte do meu corpo o mais próxima possível do meu coração de plástico. Finalmente consegui me encostar num muro molhado e gelado, com a mochila esmagada atrás de mim.

— Os metrôs estão parados. Não temos acesso de um condado ao outro pelo subterrâneo, mas vamos mesmo assim. Nós duas vamos sair daqui e encontrar o Douglas nesse endereço aqui comigo.

Eu teria rido se tivesse certeza de que meu coração não iria dar tilt e bombear sangue demais para o meu cérebro até ele explodir. *Bi bi bé!* na minha cabeça. "Adrenalina alta" — o aplicativo do meu órgão artificial disse só para mim — "procure se sentar". Eu não sentei. O vovô não podia sair de casa sem ser reconhecido e preso, então como que o plano da professora Monica era possível? Além disso, por que ela estava me fazendo matar aula, deixando de dar sua aula das sete da manhã? E — mais louco de tudo — por que uma moradora privilegiada de uma minípolis tão linda e bem abastecida estava saindo às ruas?

— Jéssica? Jéssica? — Uma voz grave e baixa aumentava conforme os segundos passavam. Minha vista estava preta como uma tela desligada; mesmo depois de piscar os olhos algumas vezes, permaneceu assim. Era como se eu tivesse mergulhada, pois não conseguia escutar os sons ao meu redor

direito. — Jéssica, preste atenção.

— Professora, já vou fechar o joguinho, não precisa ligar para a minha mãe — Respondi. Eu sentia frio, mas só percebi isso quando meus olhos voltaram a funcionar, mesmo que mal. Havia um tigre enorme e laranja na minha frente. Ele era quentinho e cheirava bem quando me abraçou e, quando se distanciou de mim, deixou a linguinha para fora. — Professora? — Eu estava sentada no chão, a saia do uniforme embolada entre as minhas pernas.

— Você já pode andar? Nós precisamos chegar ao terminal. Você tomou café da manhã hoje?! Parece muito fraca.

— É o meu coração. Ele não é dos melhores. Já tem mais de dez versões novas.

Eu nunca descobri como chegamos ao nosso primeiro destino. Lembro-me apenas do meu peito doer, como se o robô pipoqueiro estivesse estourando milhos dentro de mim, e de não largar a mão da professora Monica. Ela fez muitas perguntas durante o caminho, o que foi ótimo para me manter minimamente atenta aos meus arredores, mas não guardei recordações do que foi perguntado ou respondido.

Há apenas alguns arquivos de som e sensação desses momentos para serem revistos neste pino de memória.

A ORIGEM DAS IDEIAS REVOLUCIONÁRIAS

RÚBIA DIAS

A barra do meu vestido manchada com a lama das ruas da cidade grande, além do meu cabelo bagunçado pela garoa incessante, não me davam uma aparência digna. Eu não me sentia digna por dentro também. Meu marido, caminhando dez passos adiante e sem olhar para trás, parecia concordar. Seus pés não estavam apertados em sapatos usados e seu cabelo estava bem protegido por uma capa feita sob encomenda.

Minhas irmãs me invejavam porque eu ia à cidade. Suas imaginações eram tão férteis quantos nossas terras e elas construíam cenários idílicos onde as ruas não tinham lama, nem eram apinhadas de pessoas e, tampouco, soterradas por cocô de cavalo. Acreditavam que eu devia ser grata por ter um marido e um teto — mesmo que o primeiro me batesse quando eu derrubava um pouco de leite no caminho e o segundo tivesse goteiras no outono.

Apenas Annie discordava, silenciosamente, não só das minhas irmãs como de todas as mulheres ao nosso redor. Ela me dizia que éramos parvas. Demorei a entender que não se tratava de um elogio, o que só reforçou a teoria dela.

Caminhando ao meu lado, Annie não parecia se incomodar com a lama na barra do vestido e tragava cada milímetro da multidão e do movimento da cidade grande.

Annie sempre foi diferente, desde criança. Ela sumia por horas e, quando voltava, trazia pequenos presentes para nós. Alguns eram singelos e corriqueiros, como uma flor ou um frasco com vagalumes, mas às vezes apareciam objetos estranhos, feitos de materiais que não conhecíamos e para usos que nem imaginávamos. Anne nos explicava tudo com paciência e um pouco de arrogância. Nós aceitávamos — os presentes e a arrogância — pois sentíamos que Annie não era como nós.

Suas ideias eram consideradas progressistas — quando as pessoas queriam ser educadas — e ultrajantes — quando

as pessoas eram sinceras. Ela dizia que nossa mãe deveria separar-se de nosso pai, que mal ficava em casa e chegava cheirando a bebida e fumo barato. Insistia que aprendêssemos a ler e a escrever e que almejássemos mais da vida do que um marido. Ela dizia que devíamos deixar a fazenda de lado e descobrir quais eram nossas vocações.

Enquanto me distraía com um lindo vestido de brocados em uma vitrine, ouvi um barulho de vidro estilhaçando à minha esquerda. Cacos ainda se projetavam pelo ar quando vi Annie segurando a pedra que causara todo aquele tumulto. Em seus olhos havia determinação e sabedoria, e logo entendi porque ela insistiu em vir à cidade comigo: ela tinha planejado aquela cena desde o princípio. Ainda com a pedra na mão, Annie começou a gritar a plenos pulmões:

— Deixem as mulheres votarem! Direitos iguais!

Policiais se aproximaram para detê-la e, para aumentar ainda mais o escândalo, Annie puxou suas saias para cima, deixando os tornozelos e panturrilhas à mostra, e se esgueirou no primeiro beco que encontrou.

Aos poucos, a cidade retomou seu ritmo, meu marido retomou seu passo, mas fiquei com o coração em Annie: devia ser difícil ser Annie.

***

Ela reapareceu dias depois na escadaria da Prefeitura. Uma vizinha a viu e correu para nos avisar na fazenda. Eu e meu marido morávamos em uma casinha anexa ao casarão principal, onde minha mãe e minhas irmãs, incluindo Annie, residiam.

Meu marido não estava em casa e resolvi cometer uma loucura: saí da fazenda sem avisá-lo. Cheguei a tempo de encontrá-la em meio a um discurso. Annie parecia ser a líder, ou assim minha admiração por ela me fez pensar. Das amigas de Annie eu só conhecia Emily, uma loira de cachos deliciosamente bagunçados que costumava frequentar nossa casa, mas havia outras. Uma delas distribuía panfletos pintados

à mão para uma pequena aglomeração composta basicamente de mulheres. Os homens ficavam às margens.

O panfleto falava sobre sufrágio e sobre as mulheres terem suas necessidades e direitos representados pelo governo, mas não consegui prestar atenção no panfleto: meus olhos só enxergavam Annie.

Annie estava plena. O sol batia nas suas maçãs do rosto e seus cabelos ruivos estavam presos em uma trança. Ela usava uma maquiagem diferente nos olhos e lábios, dando-lhe uma expressão diferente de qualquer uma das mulheres que eu já tinha visto. Era como se Annie tivesse acesso a uma parte do mundo que nós sequer imaginaríamos. Seu discurso estava pela metade mas ainda consegui ouvir:

— Porque eu venho de um lugar, ou melhor, de um tempo, onde as mulheres não apenas votam, como governam. Governam não apenas suas casas e suas fazendas, como governam cidades inteiras. Até países. Mulheres que dizem o que querem e lutam para ter seus direitos equalizados com os direitos dos homens. Mulheres com seu próprio dinheiro.

A multidão ficou mais escandalizada em pensar nas mulheres com o próprio dinheiro do que com as mulheres governando cidades. E ninguém pareceu reparar que Annie disse que vinha de outro tempo. Talvez fosse uma metáfora. Me senti menos parva ao pensar que, pelo menos, eu sabia o que era uma metáfora.

— No meu tempo, as mulheres são livres e podem amar quem quiserem.

Os dedos de Annie roçaram os dedos de Emily, e uma ideia absurda e impossível coçou os cantos do meu pensamento. De repente, percebi porque Annie nunca tinha casado, nem mesmo se interessado pelos pretendentes que apareciam na fazenda. E ela parecia feliz. Ela parecia em paz.

Ela carregava, numa bolsinha a tiracolo, um aparelho muito esquisito. Eu era a única para quem Annie o havia mostrado. O aparelho fazia barulhos estranhos e acendia luzes

azuis que pareciam bruxaria. Fiquei com medo e pedi para ela guardar aquele objeto, o que ela fez, rindo. E aquele aparelho, no meio de seu discurso, começou a emitir sons e luzes. De repente, Annie não estava mais ali. Nem Emily.

O que mais me impressionou foi o fato de as amigas de Annie e Emily não terem ficado nem um pouco surpresas com aquele desaparecimento repentino. A garota dos panfletos começou a dispersar a pequena multidão que parecia, ao mesmo tempo, enfurecida e inspirada. Permaneci onde estava, sem conseguir mexer os pés — e, sem dúvidas, parecendo extremamente parva. A garota dos panfletos se aproximou, sem saber que eu era uma das irmãs de Annie, e disse em tom de segredo:

— Annie foi dar um pulo no futuro, mas volta já. Se quiser fazer parte do nosso grupo de debates, fique por perto. Quando ela voltar, retomaremos de onde paramos.

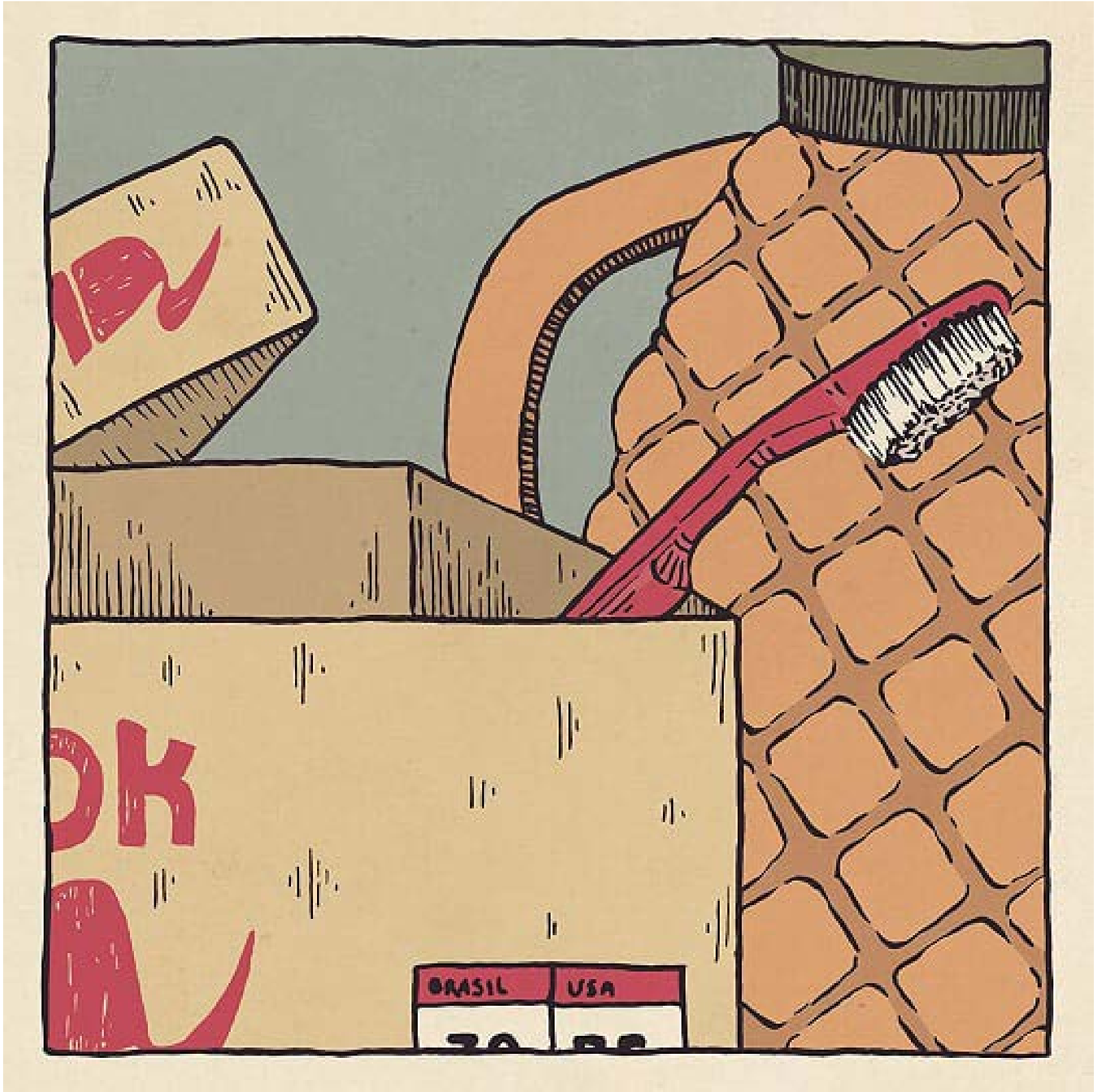
E então decidi que me juntaria ao grupo de debates. E ao futuro. ●

DANTE LUIZ - Autoria e Ilustrações

Dante Luiz é um artista ilhéu que escreve de vez em quando. Ilustrou a capa e os contos da coletânea brasileira *Cantigas no Escuro*, e publicou vários quadrinhos em lugares da gringa, como *Wayward Sisters*, *Gothic Tales of Haunted Love* e *Dates vol. I e II*. Se quiser contatá-lo, é só dar um oi no Twitter: @dntlz.

H. PUEYO - Edição

H. Pueyo escreve ficção especulativa, roteiros para quadrinhos e traduz nas horas vagas. Não é muito de falar, mas seus contos podem ser lidos tanto em português quanto em inglês em revistas como *Trasgo* e *Mad Scientist Journal*, entre outras.



No capítulo anterior...

Elias vai até o templo da pirâmide para descobrir o que aconteceu com sua mãe. Lá, ele conhece três estranhos cujas motivações ainda são um mistério: dona Mariza, a adolescente Karol e o deputado Teófilo. Jean, seu ex, também está lá, deixando a situação ainda mais tensa. Qual é o segredo que Mariza está prestes a revelar?

*****

INGREDIENTE Nº2: UMA ESCOVA DE DENTES VERMELHA

— E você, dona Mariza? O que trouxe você aqui? — Karol

puxou a cadeira amarela para o centro da sala circular para ficar mais perto dela.

A mulher mais velha fez uma pausa para olhar para cada uma das pessoas presentes nos olhos pela primeira vez desde que tinha chegado.

— Bem… Meu marido é funcionário público, e precisa viajar muito por conta do emprego.

Todos esperaram que ela continuasse, e Mariza sorriu um pouquinho.

— Eu cuido da casa sozinha, levo os meninos para a escola. Um deles está com dificuldades na aula, é a tal da aritmética, sabem, e mesmo que Ricardo não faça nada de errado… — Ela respirou fundo, massageando as próprias têmporas. — Ele não é um pai muito presente, entendem? E então as viagens ao Mato Grosso do Sul começaram…

— O que houve no Mato Grosso do Sul, dona Mariza? — Karol perguntou. Mariza sorriu, imaginando como seria maravilhoso ter uma filha curiosa que nem ela. Elias e Teófilo também se aproximaram, e Mariza ficou contente de notar que até Jean, que continuava segurando aquele aparelho horroroso, sentou-se para ouvir a história.

— Ah… Sim, as viagens ao Mato Grosso do Sul — Mariza colocou uma mão sobre o peito, traçando os botões do vestido florido com dedos trêmulos. — Meu marido é um homem honesto, ao menos quando o assunto é trabalho… Era isso que eu costumava pensar. Tudo mudou quando, um dia, eu abri sem querer a agenda dele…

Jean tapou o celular, e deu uma risadinha rouca.

— Deixa eu adivinhar… Ele colocou um belo par de chifres na senhora.

Mariza trincou os dentes, mas ninguém pareceu perceber.

— Bem, sim, senhor… Jean, é isso? Eu acredito que Ricardo esteja me traindo, sim.

— Meu pai também traiu minha mãe — Karol riu. — Mas

foi bom. Ajudou no divórcio e tal. Agora ele tem que, tipo, pagar pensão, essas coisas. Bem feito pra ele.

— Hã… — Elias falou mais alto, e Mariza agradeceu por dentro. Que jovem simpático, tão educado, tão sério, e com um corte de cabelo tão na moda. — O que você viu na agenda dele, dona Mariza?

— Ah, sim, a agenda… Veja bem, eu encontrei o número de telefone de uma mulher, uma tal de "Jaque" do departamento de finanças — Mariza sacudiu a cabeça, frustrada, e seu permanente moveu junto com ela. Ricardo era um desgraçado, sim, é isso que ele era. Maldito. — Junto de uma anotação de um encontro com ela, fora do horário de trabalho.

— *Ugh* — Elias revirou os olhos escuros, e cruzou as pernas na cadeira turquesa. — Não dá pra confiar em homem.

A frase era estranha. Mariza seguiu os olhos de Elias, percebendo que eles não estavam focados nela, e sim em Jean. *Por que ninguém presta atenção quando eu falo?* De repente, ele não parecia mais tão simpático assim.

— Você vai achar isso inacreditável, eu sei — Jean replicou, tirando a boca do telefone mais uma vez. — Mas você também faz parte da população masculina, Elias.

Karol sorriu, mostrando o aparelho cobrindo seus dentes brancos e brilhantes. Mariza olhou para o teto. Será que a menina também tinha percebido? *Não importa*. Esse tipo de coisa sempre acontecia com ela. Talvez fosse sua culpa, porque sua voz era baixa demais, então as pessoas não ouviam o que ela dizia. No dia seguinte, iria a uma fonoaudióloga, quer o chá funcionasse, quer não.

— Então… Qual é a de vocês, hein? — Karol achou graça, esfregando seus tênis encardidos e fazendo um barulho irritante de borracha contra o chão. — Ele fodeu sua vida no trabalho, ou o quê?

Jean ergueu o indicador pedindo para eles esperarem, e Elias murmurou algo que soou como *"não no trabalho."*

Ele pôs fim à conversa no telefone e finalmente respondeu,

arruinando de vez a história de Mariza:

— Epa, epa, epa, antes que o Elias comece a inventar coisas sobre mim de novo, deixa eu esclarecer isso aqui. Eu não fodi a vida dele, nem nada do tipo, tá bem? — Por alguma razão, ele continuava brandindo seu dedo, e não dava nenhum espaço para Elias retrucar. — Nós só… Putz, como eu vou dizer isso…?

Elias balançou a cabeça em negação, mas isso só fez Jean continuar.

— A gente namorava. Pronto, falei. A gente namorava e a gente acabou. Certo? *Certo*. Os incomodados que se retirem.

Karol arregalou seus olhos, que já eram grandes, e cobriu a boca com as duas mãos, dando um gritinho empolgado. Teófilo corou, ficando em um tom meio violeta que não combinava com sua peruca cor de mel. Elias levantou uma sobrancelha, e cruzou os braços. Mariza suspirou. *Não dá pra competir com homossexuais no que diz respeito a uma boa história*, pensou.

— Tá se achando muito, hein? — Elias riu, mas parecia a ponto de explodir de raiva. — Eu não chamaria aquilo de namoro. Não foi tão sério assim.

— Elias, se liga! Nós moramos juntos por três anos. Dá na mesma se você quiser admitir ou não! — Jean deu um tapa nas próprias coxas, como se convidasse ele a brigar mais. Karol gargalhou, seu sorriso metálico aparecendo entre os dedos. — Isso é mais casamento que a maior parte das pessoas hoje em dia!

Mariza não conseguiu evitar sentir uma certa curiosidade. Ela olhou para Elias com o canto do olho, vendo ele grunhir.

— Tanto faz, isso foi *milênios* atrás…

— Dois meses, Elias, *dois* meses! — Jean estalou a língua, como se não pudesse acreditar nas respostas do outro. Até que ele era bem apessoado, Mariza pensou, mesmo que de uma maneira um pouco estranha. A pele dele era de um tom bonito de castanho, mas tinha alguns pontos de hiperpigmentação ao redor da boca e do queixo, e seu nariz era torto para o

lado esquerdo. O gel no cabelo preto dele a fazia lembrar de Ricardo antes dele ter aquelas entradas horrorosas, quando ela ainda achava que ele era lindo.

Desgraçado. Careca, ridículo e desgraçado.

— Não é suficiente você correr pra escada de emergência cada vez que eu chego perto do elevador, agora vai fingir que nem me conhece?

— Cara, o que você fez pra deixar o Elias tão puto? — Karol parecia se divertir com o drama dos dois, como se estivesse assistindo uma novela ao vivo. O deputado, por outro lado, parecia extremamente interessado em uma parte da parede que estava sem tinta. — Aposto que o velho ali tá horrorizado de estar na mesma sala que dois gays.

— Bissexual, no meu caso — Jean respondeu.

Isso tirou Teófilo de seu transe silencioso, para a grande frustração de Mariza. O deputado era muito mais agradável quando estava quieto, apesar dela ter votado nele em 1986.

— Para sua informação, jovenzinha, a população GLS é uma parte considerável do meu eleitorado, e eu não tenho nada além de respeito por eles — ele falou, exasperado, gotas de suor descendo por sua pele que já estava laranja depois de tanto bronzeamento artificial. — Deve ser por meu programa de remédios gratuitos, ou pelas cores de minha campanha, que foram escolhidas por um de meus melhores estagiários, ou…

— Tanto faz. Elias, conta tudo! O que foi que ele fez?

A euforia de Karol fez Mariza reconsiderar sua ideia anterior de ter uma filha curiosa, e ignorar o pensamento intrusivo de compartilhar com eles a história de quando beijou sua melhor amiga na época da faculdade. De qualquer forma, não teve tempo de pensar em mais nada, não com o olhar triunfante no rosto curto de Elias.

— Aquele gambá cheio de gel é a pessoa mais vil e gananciosa que você jamais vai conhecer, Karol — disse Elias. Jean abriu sua boca enorme para responder, mas era a vez de Elias de levantar a mão no ar, pedindo para ele ficar em

silêncio. — Não dá pra confiar nesse projeto de ser humano.

— Ele te traiu? —Mariza perguntou em um sussurro.

— Eu nunca traí ninguém!

— Eu não teria certeza disso — Elias replicou. Assim como Mariza e Teófilo, Jean estava suando, e teve que tirar o paletó para continuar.

— Eu era um namorado exemplar! O que foi que eu fiz contra você, hein? Desembucha! O fato é que o Elias não consegue lidar com minha ambição saudável.

Elias não se mexeu. Suas sobrancelhas estavam arqueadas, e seus braços permaneceram cruzados.

— Jean, você é *persona non grata* em dois países da Europa, e um da América Latina.

— De novo com isso! *"Jean, você não é bem-vindo em quatro países diferentes"* — Jean imitou a voz de Elias, gesticulando. — Blá, blá, blá.

— Aumentou pra quatro, foi? Quando? Achei que nós tínhamos acabado apenas dois meses atrás.

— Isso é só um detalhe! — Jean exclamou, e virou-se para Teófilo, como se ele também o estivesse acusando. — Olha só, eu não fiz nada ilegal, falou? Foi só uma pequena desavença com um grupo de diplomatas, e…

— Hã…

Elias interrompeu Teófilo, que balbuciava:

— Senhor Abreu, ele queria o posto que pertencia, até aquele então, ao filho do embaixador da Bulgária, então ele decidiu inventar rumores a respeito do coitado. — Elias empurrou a franja para o lado, forçando-a a ficar atrás da orelha. — Para o senhor ter noção, ele disse que o garoto estava dormindo com a esposa de nosso chefe, com direito aos detalhes mais bárbaros e criativos que puder imaginar.

— *Homens* — Mariza falou, e Elias concordou.

— Ele literalmente causou um divórcio que nunca teria acontecido. Não assim, ao menos. E a pior parte é ter

que ouvir nosso chefe agradecendo e falando como o Jean é maravilhoso, e isso, e aquilo. Agora imaginem o que a pobre coitada da esposa dele deve ter passado.

— Calúnias! Calúnias! Eu tinha tanta prova quanto a dona Mariza aí tem — Jean procurou os olhos dela, e Mariza engoliu em seco.

Ela ajeitou o penteado com os dedos, e limpou a garganta.

— Hm, e o embaixador, ele não acreditou na história, acreditou?

— Claro que não. O cara acha a mesma coisa que o gnomo de jardim aí do seu lado — Jean apontou para Elias, que parecia não se importar com a comparação deselegante. — Parece que o embaixador conhece muita gente, e foi assim que eu acabei sendo desconvidado de alguns lugares do planeta. O que, como vocês podem imaginar, foi um exagero sem tamanho.

Mariza desistiu de observar os dois homens brigando, e decidiu focar nas luzes de neon. O brilho fazia seus olhos doerem. Por que alguém teria colocado esse tipo de iluminação em um templo espiritual? A risada de Karol, causada por algo que a dupla tinha dito, soava distante, como se ela não estivesse mais lá. Algo a respeito de um grupo de diplomatas, Mariza tentou se dizer, mas até os pensamentos dela eram nebulosos. Algo sobre um homem da Bulgária.

Tantos países em uma única conversa. Ricardo a levou uma vez para Buenos Aires quando ainda estavam noivos, mas, desde então, todas as viagens que faziam era para alguma praia remelenta no Brasil. Uma criança berrando, a outra fazendo xixi em um castelo de areia. “Me ajuda a controlar esses pirralhos, Ricardo, pelo amor de Jesus amado!” Mas Ricardo achava engraçado, e só Deus sabia como ela odiava aquela risadinha insossa dele. Aquele homem horroroso não fez nada para ajudá-la quando ela teve que correr para levantar a sunga de um dos filhos, antes que ele fizesse algo pior na

frente de todo o mundo.

"Da próxima vez, os meninos podem ficar com minha mãe, e a gente pode ir pra Belo Horizonte, o que você acha?"

Desgraçado. Maldito desgraçado! Ricardo podia enfiar o estado inteiro de Belo Horizonte no rabo. Ele podia levar a Jaque do Mato Grosso do Sul pra Belo Horizonte se quisesse, Mariza não se importava. Da próxima vez que ele contasse a história do filho fazendo xixi na praia como se fosse uma piada pro seu grupo de amigos, ela surtaria.

Se Ricardo realmente a estivesse traindo, ele poderia levá-la para algum lugar tipo Paris, Veneza, uma coisa dessas. Ou Amsterdam — o rapaz do telefone horroroso não tinha dito algo sobre Amsterdam?

Mariza estava tonta. *Desgraçado*, ela pensou de novo. Ricardo ia ter o que ele merecia, ia sim…

Elias tocou em seu ombro.

— Dona Mariza? Tudo bem com a senhora? Eles estão chamando você.

Mariza olhou para todos os lados. Os outros tinham parado de brigar, e agora olhavam para ela. Sorriu, um pouco fraca, e ficou de pé. Parte dela jurava não ter visto alto-falantes na sala de espera, mas ali estava ele, ao lado das lâmpadas fluorescentes. Aquilo não fazia sentido nenhum…

Uma voz sonolenta chamou seu nome uma e outra vez, e o som de um saxofone tocou ao fundo.

— Senhora Mariza Elaine dos Santos, por favor, dirija-se à cabine número dois.

— Sim, querido, está tudo bem — Mariza aceitou a mão de Elias, que a guiou até a porta.

As cadeiras na sala estavam alinhadas com as cinco portas côncavas, e a porta de número dois abriu-se quando o jazz parou de tocar. O lado de dentro era tão escuro que nem a luz vinda do centro da sala iluminava a cabine, impedindo Mariza de ver o que a aguardava. Ela espanou seu vestido

florido e segurou a caixa de sapatos com o braço.

Ela descobriria a verdade a respeito de Ricardo.

A porta se fechou atrás dela, e uma luz violeta e brilhante iluminou o quarto, bem quando tinha começado a se acostumar com a escuridão.

Mariza tentava entender a arquitetura, mas as coisas eram ainda mais absurdas naquele lugar do que no resto do templo. Mais do que nada, parecia um daqueles quartinhos debaixo das escadas que ela costumava ver em filmes estrangeiros na Sessão da Tarde, com o teto descendo até o chão, deixando só uns sete metros quadrados. Também a lembrava da matinê na qual ela e Ricardo se conheceram, no que parecia ter acontecido séculos atrás, antes da calvície, antes daqueles pirralhos que chamava de filhos.

Uma maca de hospital cobria a maior parte do espaço, coberta por um lençol barato e fino com desenhos de conchinha. As luzes eram tão roxas que Mariza nem conseguia dizer qual era a cor das paredes, fazendo-a se perguntar por que não podiam usar lâmpadas incandescentes como pessoas normais. Ao menos agora ela se sentia melhor, e não tinha um monte de estranhos olhando para ela.

Ela se aproximou da maca e notou um banquinho metálico, quase escondido pela cama. Havia dois objetos sobre ele: um copo de requeijão e uma jarra de plástico com formato de abacaxi, tipo os que camelôs vendiam e lembravam aquela novela chata de 1972. Qual era o nome do programa, mesmo? Bem, isso não importava.

Dentro da jarra, havia um papel dobrado, flutuando no líquido fumegante, com grandes letras que diziam: LEIA-ME.

~~*

COMO PREPARAR O CHÁ

** Insira seu objeto pessoal na jarra de chá – não tenha nojo!!!*

** Concentre-se em sua pergunta o tempo todo!!!*

** Mexa três vezes no sentido horário, e três vezes no sentido anti-horário*

** É essencial mexer o chá com sua MÃO ESQUERDA (serve para destros e canhotos)*

** Beba metade do copo, e deite-se imediatamente*

** RELAXE!!!*

NÃO ACEITAMOS RECLAMAÇÕES A RESPEITO DO SABOR

Por favor, dirija-se ao primeiro andar quando os efeitos acabarem. Você será instruído/a em como fazer o PAGAMENTO por um de nossos Atendentes.

Aceitamos dinheiro e cheque.

CREDICARD NÃO!!!

~~*

Mariza seguiu as instruções. Ela colocou a escova de dentes vermelha dentro do líquido, tirou seus tamancos, mexeu três vezes no sentido horário (Ricardo, Ricardo, Ricardo), três vezes no sentido anti-horário (Jaque do departamento de finanças, Jaque do departamento de finanças, Jaque do departamento de finanças), encheu metade do copo, e tomou a mistura.

O gosto era estranho. Meio oleoso, como suco de pêssego de caixinha, mas com um leve gosto de pasta de dentes mentolada. Ricardo nem tinha limpado a escova direito, o idiota. Não só isso, mas a escova também tinha gosto de loção pós-barbear, bem aquela que ele usava. Ridículo.

Mariza deitou. Sua garganta estava queimando, e olha que o chá já estava morno. Seu corpo começou a relaxar, e ela tentou imaginar o que aconteceria de tão extraordinário.

Nada aconteceu.

Sua mente viajava, que nem naquela vez que ela fez uma cirurgia espiritual em um centro kardecista para ver se sua enxaqueca melhorava — culpa do Ricardo, é claro. Ela só fez porque a mãe do melhor amigo de um de seus filhos tinha sugerido, mas ela não lembrava qual dos filhos. Pedro Paulo ou João Paulo? Ter usado o nome do seu sogro nos dois garotos tinha sido uma péssima ideia.

Teve uma memória vívida de fungar o ar naquele dia, tentando achar algo mágico na tal cirurgia, e da frustração que sentiu ao notar que não. Ela fungou de novo, e o cheiro de incenso e bala de funcho encheu suas narinas. Mariza estava de volta ao centro kardecista, fingindo concentração por quase uma hora, até que um homem suado usando branco murmurou coisas incompreensíveis. Hum, hum, hum…

Espera, eu não estou no centro, ela pensou. Eu estou na cabine. Outras imagens apareceram em sua mente, quando ela lembrou de Ricardo, com sua boca larga, o cabelo preto quase grisalho, e o terno marrom que mais gostava. Ela quase podia estar lá no trabalho dele, como em um sonho, diante da mesa em que ele trabalhava. Aquele ali era o Marcos, o eletricista? "Nós vamos lá pelas sete", Marcos dizia. "É aniversário da Janine".

As palavras ecoavam. Ela mal conseguia ouvi-los. Quem é Janine? Mariza estava furiosa. Ricardo nunca tinha contado a respeito desse aniversário. "Não posso, foi mal", Ricardo dizia, olhando para o relógio de pulso. "Minha mulher ia morrer de preocupação".

O corpo de Mariza deu uma sacudida. O cenário estava mudando. Marcos tinha sumido, e Ricardo esperava no aeroporto internacional de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Era um dia quente, ela conseguia sentir, e seu vestido de botões era pesado demais para o clima. Ricardo falava com alguém, e seu coração disparou.

Era uma mulher de cabelo quase raspado, bem maior que ele, usando uma camisa social e calça. "Ah", ele disse, entregando um presente nas mãos dela. "Eu trouxe isso para você",

A-ha! Mariza pensou, abrindo a parte de cima do vestido.

"Para sua companheira, na verdade. Como ela está? Ainda internada?"

Jaque sorriu. O presente foi colocado na bolsa de couro dela. "Está melhorando. Pedra no rim dói pra caramba". Mariza não entendeu o resto. Companheira? Pedra no rim? Não era isso que ela estava pagando para ouvir.

"Estou feliz de voltar para casa", Ricardo falou, e Mariza sentiu que ia vomitar.

"Saudades da patroa, é?", Jaque deu um tapinha no ombro dele, e Ricardo acenou com a cabeça. De repente, os dois estavam dentro de um carro. "Nós somos bem próximos", ele disse. "Casamos cedo. Os filhos que vieram tarde. Ela é minha primeira e minha única mulher".

Mariza arregalou os olhos, sem conseguir ouvir Ricardo. Pulou para for a da maca, sentindo seu rosto ficar vermelho. Era difícil se mexer assim, como se tivesse acordado de um sono profundo. Eu não vim até esse lugar pavoroso pra isso, pensou. Ela não acreditava que teria que pagar uma fortuna por isso. Raivosa, ela empurrou o copo de requeijão, mas o objeto não quebrou. Claro que não quebrou, ela tinha milhares desses copos, eles não quebravam mesmo que você os jogasse contra a parede. Botou os tamancos de volta, e correu para fora da cabine.

O CELULAR DA MINHA MÃE

WILSON FAWS

Há muito tempo, quando as pessoas andavam em carros com rodas, iam ao cinema e morriam de velhice, o aparelho celular já existia. Palms, smartphones, tablets, wearables. Eram importantes para a convivência social e para o trabalho, mas não eram realmente necessários. Gostaria que eles fossem assim agora, que só por hoje minha mãe não dependesse do dela para continuar viva.

Já reviramos a casa inteira, e estamos repetindo o processo. A principal suspeita é Guga, nossa cachorra, que costuma roubar as coisas para chamar a atenção. Acabei de olhar na casinha dela. Nada.

Meu celular está marcando 90.346… 90.345… 90.344… 90.343… Pouco mais de um dia. Ganhei-o quando fiz 14 anos e nunca mais o larguei. Não entendo direito como funciona, mas sei que a primeira vez que desmaiei aconteceu um ano depois de ganhá-lo. Alguns demoram poucos meses, meu bisavô disse ter levado três anos. Quando o celular me acordou, a mãe ligou para a família inteira, dizendo que eu havia virado "hominho", e que agora eu ia começar a crescer mais devagar. Depois dessa primeira vez, meu celular iniciou a contagem regressiva até o próximo desmaio. E, como todo mundo, eu comecei a me preocupar em não estar atravessando uma rua ou descendo uma escada quando acontecesse.

Estou no quintal, enquanto a mãe vasculha dentro de casa. Se Guga tiver pegado e escondido, deve haver alguma indicação de terra escavada recentemente.

— Procure defeitos na grama ou no terreno.

Dei uma volta com meu o celular enquanto ele escaneava. Tudo normal.

Fiquei preocupado. Quanto tempo ela tinha? Meia hora? Quinze minutos? Ela pode apagar a qualquer momento, e Deus me livre se o celular não estiver lá para acordá-la… Ele não

atende, o que quer dizer que está fora de área. Mas não está longe da mãe, senão a polícia teria sido acionada. Pode estar dentro, embaixo ou atrás de alguma coisa.

É isso! Essa tecnologia é antiga, mas vai servir.

— Ativar Bluetooth.

"Essa função possui falhas conhecidas de segurança. Tem certeza que desej…"

— Apoio. Concordo. Sim. Vai logo.

"Bluetooth ativado."

— Procure celulares numa área de 300 metros quadrados ao redor.

"Encontrados três aparelhos. Modelos Razer237, Jokla Fire e Willius Gold V2."

— Me mostre onde está o Jokla Fire.

Um indicador de posição apareceu em holoscreen. Voltei correndo para dentro de casa. Desviei de uma caixa de papelão no meio sala e de um doravante que estava a caminho.

— Mãe, Mãe! Está em algum lugar da cozinha!

Segui o ponto vermelho até o armário.

— Abrir armário superior. Descer todos os potes.

O armário se abriu e colocou os potes em cima da mesa. O indicador ficou mais forte perto do que tinha tampa azul. Abri e enfiei a mão no pó branco, até finalmente encontrar o celular. Tirei a farinha da tela.

17… 16… 15…

— Droga.

Corri o mais rápido que pude e subi as escadas em direção ao quarto dela. A casa nunca pareceu tão grande.

10… 9… 8…

Encontrei-a em seu quarto, ofegante, com a mão no peito.

3… 2… 1.

Cheguei perto dela com o celular e o coloquei em seu bolso. Medi seu pulso, seu coração havia parado. Desmaiada. Segundos

depois, o Jokla Fire emitiu um pulso elétrico e a acordou novamente. O contador resetou para 345.600… 345.599… 345.598…

Ajudei minha mãe a se levantar.

— Você está bem? Como seu celular foi parar dentro do pote de farinha?

— Eu mesma devo ter posto lá ontem à noite.

Olhei para ela com cara de quem não entendeu nada.

— Já conversamos sobre isso, amor. Há alguns meses fui diagnosticada com sinais de sonambulismo. Você deve ter se esquecido disso no seu último desmaio.

— Você me deu o maior susto, mãe. Não faça isso de novo.

Ela colocou a mão em meu rosto.

— Não se preocupe querido. Semana que vem é seu 350º aniversário, eu não perderia isso por nada! ●

EQUIPE

ANA RÜSCHE - Autoria

São Paulo, 1979. Publicou livros de poesia, sendo o último *Furiosa*, edição comemorativa de autora de 2016, traduzida ao inglês com seleção de Maíra Mendes Galvão como *Furiosa — a nautical chart and its monters*, lançada em Nova York em 2017. Em prosa, seu último é a novela *Do amor — o dia em que Rimbaud decidiu vender armas* (Editora Quelônio, 2018). É doutora pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) com a tese *"Utopia, feminismo e resignação em The Left Hand of Darkness e The Handmaid's Tale"*, obras de Ursula Le Guin e Margaret Atwood. Pesquisa ficção científica e fantasia.

NESSA GUEDES - Edição

Porto Alegre, 1990. Habita um país da Escandinávia, de onde cria a mistura da mula sem cabeça com os *vittror*. Também escreve códigos e programa uns robôs. Editora da única edição de *sci-fi*, com temática de tecnoxamanismo, do Zine Regador e escritora de horror. Participou de algumas antologias de contos, como o Ninho de Serpentes.

GEORGE AMARAL - Ilustrações

São Paulo, 1982. Escritor, ilustrador e designer gráfico. Publicitário e Mestre em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo — USP, Especialista em Roteiro Audiovisual pela PUC-SP e Designer Gráfico formado pela Escola Panamericana de Arte. É fundador do Gonf Studio de Arte e membro do conselho editorial da *Revista Fantástika 451*. Já publicou treze livros como ilustrador, no Brasil, EUA e Noruega, além de contos e histórias em quadrinhos. Pesquisa as possibilidades de reflexão crítica proporcionadas pelo estranhamento inerente às narrativas fantásticas.

A DESCONEXÃO TELEPÁTICA E SEUS ABALOS SÍSMICOS

PARTE 2

No capítulo anterior...

A notícia corre o planeta: a telepatia é chilena. O estadunidense William Fredrick Dogde quer patentear a fórmula do "Chá", fermentado feito com a levedura *Saccharomyces telepastorianus* que permite a telepatia. Dogde apropriou-se do segredo mantido por gerações na Sembrar, escola agroecológica situada no interior do Chile. Após a notícia, por pressão dos alunos, a professora María ensina os segredos de fermentar e tomar o Chá. Um estudante da escola, Paco, jura vingança contra William Fredrick Dogde por dois motivos: tanto por ter roubado o segredo telepático como por ter lhe dado um fora após um flerte. Carol, fisioterapeuta brasileira, a 3.700 km da Escola Sembrar, sem saber de nada disso, confessa que ainda precisa tirar umas férias. *****

5. MENTE NA MINHA MENTE

Desculpa, não suporto essa porra de meditar, como você aguenta? Na minha cabeça queimam umas sete mil coisas por segundo. Imagina agora: vou experimentar a porra da primeira dose de Chá.

Minhas pupilas devem estar do tamanho das canecas. Quem serve é a Lucía, a professora de yoga com cara de sono. Gosto dela. Inclusive, agora, durante o ritual, ela está de parabéns, viu? A postura, a seriedade.

Meu coração quer fugir, cavalo bravo escoiceando o peito.

Me dá cagaço, pois a *maestra traicionera* María foi quem tomou a primeira dose e parece terrivelmente distante. Em transe? Do outro lado da roda, o Jorge já vomitou pacas. Não foi o único. Espero que eu não passe vergonha.

As *maestras* sublinharam inúmeras vezes que nunca deram o Chá antes para uma turma tão despreparada espiritualmente. Não tenho a menor dúvida agora com meu peito escoiceado. É uma loucura, uma insanidade.

Vibro.

Aos poucos, a grande roda se dilui conforme a bebida é servida. Pessoas rolam na grama, despencam com o peso do Chá nos ossos. Está muito perto agora.

Nervosismo da porra. Este teste é vital para meu plano se concretizar. Não posso ficar vomitando como o Jorge, não posso me cagar nas calças. Preciso ser bom pacas nesse lance. Como recomenda a María, amarrar a própria casa pelo teto; fortalecer a mente para que, quando o corpo tremer, eu permaneça.

É minha vez.

Lucía não se afoba. Inclusive, parece nem me reconhecer com seus fleumáticos olhos sonolentos.

Estendo as duas mãos com um sorriso e aceito a caneca. Ela me serve com afeto e continua seu labor concentrada com

seus dedos roliços cheios de anéis de feira de artesanato. Serve a próxima sombra.

Toco a caneca, um arrepio de frio do lábio às costelas. As borbulhas, o cheiro me toma o estômago de assalto.

— Nossa, é ruim pra cacete.

Não posso pronunciar nada. Mordo a língua. Prendo a respiração, engulo tudo sem parar. Glup, glup, glup. Na língua, o líquido não é tão denso quanto leite nem tão leve quanto água. Puxo o ar aos pulmões, não quero vomitar como o Jorge. O gosto horrível. Procuro algo que me distraia.

— Onde está a Lucía?

Ah, ali. Agora ela verte sua própria dose, dois olhos amendoado fechados, um risco escurecido de responsabilidade.

Caramba. Arreio na grama. Nossa. Uau, isso que é o peso! É como se a terra me aprisionasse. Despenco, minhas costas recebem a umidade do solo.

O peso no peito. Me comprime, amassa a caixa torácica.

Tento gritar e nada sai. Nada se move. Pernas não obedecem. Minha boca é um sonho distante aberto na grama. Fecho os olhos, nada melhora. Sim, alguém nos explicou: o Chá se imiscui ao sono, amplia como uma grande lupa o despertar, cava a brecha entre consciência e inconsciência. É só uma paralisia muscular, Paco Matapaco, você não vai morrer. Fácil falar, aqui desta forma mortuária no próprio corpo.

Vai, Paco, aguenta o tranco!

Porra, preciso que isso funcione! Preciso disso para o plano!

A fogueira. A técnica da visualização. Vou ficar cego, mas não vou tirar os olhos da porra da fogueira, amarra bem este teto para que tudo trema e você permaneça.

Assassinos de minha mãe! A raiva bombeia toda lucidez possível ao cérebro. Brilho amarelo explode do âmbar dos meus olhos. Me despeço de mim a caminho das fagulhas, centelhas ao céu, a lenha, a brasa, o calor na sua forma mais deslumbrante.

Caminho no fogo, molho-me de chamas, lambe labaredas

lambe. A caixa mortuária está longe agora, não a sinto.

María gargalha logo atrás! Um riso cristalino, corredeira de riacho entre pedras.

Estou te escutando! Te escuto, maestra!, respondo afobado, embora não esteja utilizando as cordas vocais; estas seguem adormecidas num corpo desmaiado contra a grama.

Muito bem. O sorriso da professora é gigante, a raiva arrefece.

De dentro da fogueira, compreendo algo profundo: María não é seu verdadeiro nome. Que seu nome é outro, com mais suavidade e matizes. Um nome que não pronuncio. Embora ali consiga enxergar o nome.

María gargalha feliz. Entendi. É uma troca. Uma saudação. Um pacto de confiança, uma entrada. Fecho os olhos no corpo que talvez habite.

Uma labareda flui por minha pele. Surgem imagens de Bill, as mãos gigantes. A labareda que sou eu se reparte.

De um lado, *back off!*, o fora, um choro no travesseiro, um Paco fracote, apiedando-se por ser órfão de mãe, esquecido pelo pai, irmãs, precipício deprimido.

Do outro, um estalar da raiva contra o gigante, contra a escola. A língua de fogo ameaça a maestra, um som horripilante, rangendo como o vocalista de Brujería, *matando güeros! matando güeros!*, não consigo que pare, não quero que ninguém saiba disso, me agarro a uma lembrança de beijo no namoradinho da copiadora da faculdade.

Em algum lugar, coloco as mãos na cabeça no gesto "que vergonha!, que vergonha!".

Está tudo bem. Você irá se acostumar, Matapaco. María me responde de algum lugar que não existe e ordena: *Mente na minha mente.*

Em um instante, as labaredas desaparecem. Fumaça, brasa e noite. Mesmo com toda a lama, pressinto que algo mudou, estou no meu próprio corpo deitado, a corredeira de calma limpou a torrente de raiva. Em seu verdadeiro nome, a *maestra*

confere as boas-vindas àquelas mentes tão mal preparadas.

Desaparece.

Agora, consigo me mexer. Somente as costas. O gesto é mínimo e me sinto gigantesco. Miro a fogueira, me inundo de labaredas, agora com muito mais controle.

Avisto Lucía, um vendaval de cabelos que se perdem no escuro.

Lucía! Grito, o mais audível que posso, embora nada daquilo tivesse a ver com orelhas ou gargantas.

Paco!

Me fita. Quer me quer dizer algo, está aflita. Caminho em sua direção, me molho de fogo uma vez mais.

Lucía falha.

Deixa eu te ajudar. Peço encharcado de fogo, abro os braços.

Paco, por favor, sai. Eu… eu tenho medo.

Medo de quê, Lucía?

De mim!

Lucía então é vendaval, corrente de ar e impulsos que terminam com qualquer luz de fogueira, me engolfa, dou duas cambalhotas e sou levado que nem folha seca a rodopiar nos ares.

Lucía!

Faço força para não reagir, não machucar minha amiga, a amiga que adoro tanto, mas quando me vejo, sou duas cabeças, duas labaredas, a cisão, *desculpa, Lucía, eu…* Tento unir as partes, voltar a meu corpo. Do meu tronco gigantesco e cheio de gorduras, como o de Bill, brota uma cabeça gigantesca de touro.

O homem-touro que me tornei então faz o gesto horrendo à Lucía: a repulsa — com a palma de uma das mãos espalmadas a repele, *back off!*

Lucía grita! O vendaval cessa, o vento morre.

Não consigo me mover, a lentidão filha do horror do que não se pronuncia. Apagamos.

A escuridão não salva ninguém.

— Paco, Paco, onde você está? Posso te ajudar?

Os cabelos longos de Lucía se emaranham em fios de noite.

Não consigo movimentar nem as costas. Procuro meu próprio corpo. Expiro. Inspiro. Tremo demais. Procuro a grama, a textura das folhas pequenas, o orvalho. Que loucura.

Ao redor da fogueira, as pessoas se agarram, gritam. Aquilo é um beijo a três? Gente com roupas atiradas. Descubro que estou sem a camiseta, a jaqueta. Quando fiz isso? Eis que o avisto.

Olha o Jorge!

Com alegria, grito ao rosto conhecido barbudo. Entretanto, meu caro amigo não me vê. Que estranho. *Jorge!* Berro e entro mentalmente na fogueira mais uma vez. *Jorge, aqui é o Paco.* Não me responde. Com tristeza, aceito: Jorge não escuta, não faz contato. Gira em pé na grama úmida solitário. Nos alertaram sobre isso. Há pessoas que não conseguem. Não telepatiam. *Amaurósico*.

Com medo daquilo ser contagioso, me afasto.

De alguma forma, o peso do Chá foi estabilizado. Consigo levantar e caminhar com os dois pés, corpo junto à sua mente, espírito alinhado.

Uma vez mais vejo o vulto de Lucía.

Cabelos de noite. Com o máximo de cordas vocais que posso, pronuncio:

— Está tudo bem, Lucía, estou aqui.

Ah, Paco, eu… não tenho amigos, me sinto sozinha, muito sozinha… A garota desata a ladainha da vergonha que já foi a minha. A vermelhidão e o embaraço, os sinto nas minhas próprias juntas, não sei mais o que é corpo próprio, mente, Lucía, fogueira. Nos abraçamos até a vergonha nos inundar, uma lagoa densa, nos engolfa, agradeço seu corpo macio. Uso a ladainha:

Mente na minha mente.

A vergonha passa.

Ambos começamos a rir.

Nossa, se aquilo tudo fosse uma simples "saudação" no idioma telepático, a humanidade estava ferrada!

Com pulmões em uníssono, expiramos, inspiramos, assenhoreados de espíritos e corpos. Sentamo-nos na grama.

Mais calmo, pergunto à Lucía telepaticamente:

Lucía, o que você enxergou em mim?

A mulher transforma-se em vento uma vez mais:

Eu… eu vi muito, vi as maestras dormindo ou mortas, vi a escola ou era só no escuro, eu, eu ouvi você me chamando de cara de sono, vi você se repartir, olhos amarelos como de fogo, um monstro, era você, você estava bonito até, um dorso moreno, mas na verdade era aquele gringo, mas com a cabeça de búfalo. Você tinha um plano, Paco, cheio de letras verdes, cifras, códigos.

Meu coração dá um salto, como ela descobriu? A maestra também tinha lido meu plano? Abraço Lucía para que se cale. Mal respiro e uma cadeia de pensamento me inunda, avalanche:

Não gosto de mim, Paco.

Você? Você é a melhor aluna aqui, é até instrutora de yoga, Lucía!

Minha resposta não se faz perceptível. Agora estamos os dois em uma larga poça escura, molhados estão pés e joelhos. A paralisia de Lucía me paralisa, descubro um asco, uma culpa, ondas emanadas pela jovem, violências inominadas, imagens vívidas de gestos escusos, um rodamoinho, memórias que sobem rastejantes.

Lucía, não, vem para cá…, imploro.

Nada adianta. A jovem se esvai em visões, ampliações da adolescência, vejo um homem, eu descubro que sei quem é o cara, é o pai e está naqueles dias: a agarra pelos cabelos e a atira contra a cama, ameaças, gritarias, a mãe, minha mãe, uma avó de lágrimas secas e cabeça baixa, um quarto que se tranca, esmurro um travesseiro. A mãe do outro lado da parede, tapas surdos, murros contra paredes. A mãe que se esvai em chutes, socos. Coisas que se quebram.

Odeio minha vida, uiva vidrada na torrente de memórias, agarra os próprios cabelos.

Não, Lucía! Venha comigo, por favor. Quero te mostrar a minha…

Quanto mais perto chego, mais inútil me sinto, minha mesquinhez sem mergulho, minha vida sem brilho, sem perder alguém assim, minha mãe.

De algum lugar soa:

Mente na minha mente!

Corredeira transparente inunda meus sentidos, um alívio gigantesco.

Maestra! *Está tudo bem, eu…*

Acalma-te, você foi longe demais para um primeiro teste. Procure descansar.

A professora projeta então algo inesperado: meu verdadeiro nome. Como essa filha da puta poderia saber meu nome? Será que sabia algo mais? Desconfiava de meu plano? Paraliso.

Cuidarei de Lucía, me telepatia com secura.

Então, a mais velha é tragada pelo escuro, afundando-se em sons da noite.

Volta!, demando sozinho ao escuro. Com a raiva acesa, labareda alta e gigantesca, aceno com minha cabeça de touro nos meus ombros magros, com o abdômen desnudo apalpo a noite, esmago o frio, a lama, a grama molhada.

6. COLHEITA

Jorge estica os braços longos e entrega os maduros a Lucía, que acolhe a carga como preciosidades. Colhem figos. Paco não ajuda em nada na tarefa e chuta pedras, galhos. Ninguém mandou os três ali, embora precisassem de distrações, um gosto doce. A escola impõe rotina severa de alimentação e meditação, exercícios. Pela quarta vez haviam tomado o Chá.

Há uma superfície a ser rompida, assuntos. Lucía sabe muito bem: somente ela conseguiria sorrir, perguntar de

forma ingênua, gargalhar, tecer uma atmosfera de partilha. Ela gosta de estar ali para as outras pessoas, ser agradável. Um hábito incutido pela necessidade de dormir de favor na casa de tias fugindo do pai, vagar de favor na casa de amigas. Ensaia e procura um lugar para se sentar. Lembra das irmãs pequeninhas; as duas menores nunca entenderam sua fuga. Como berrar às caçulas cabeças duras, *eu escutei o pai bater na mãe até matar*? A avó nunca disse uma palavra. Um dia, uma viga do teto cedeu, não se sabe se foi por conta de um sismo. O pai foi morto e a casa condenada. As caçulas nunca quiseram a irmã mais velha perto. Lucía sumiu em definitivo, Santiago fora uma crisálida.

A cabeça dói um pouco. A atividade de colher figos trouxe-lhe calor; Lucía estende o moletom violeta surrado sobre o solo e apoia todo o peso contra uma árvore. Cerra brevemente os olhos. *Cansaço nos ossos*. De quando? Pisca surpreendida com o pensamento.

Acena para Jorge a imitar. Procura sorrir, balança os cabelos.

— Jorge, como é para você? Você não consegue sentir, hum, nada?

Modula da maneira mais meiga que consegue a primeira de três perguntas que a perseguem nos últimos dias. Desde que descobriram a incapacidade de Jorge, os três não conversaram sobre isso. Somente dispunham das instruções gerais que as maestras passavam em sala de aula. Denominavam "amaurose" a característica de quem não se desconecta de si mesmo. Na turma, Jorge e mais outra estudante se descobriram amaurósicos, incapazes de estarem em telepatia. Depois da segunda dose é impossível ocultar dos demais.

O contrário são as "pessoas rapinas": mostram capacidade acima do normal para telepatia. Lucía certamente pertence a este grupo, embora seja desconfortável se sentir melhor que Jorge ou Paco. Ainda mais que Paco é um ser competitivo. Lucía suspira.

Jorge afasta gravetos invisíveis, arruma os óculos

grossos, passa a mão pela barba cerrada a procurar um lugar para se sentar também. O cabelo preto crespo agora ganhou minúsculas folhas secas durante a colheita. A voz grave contrasta com o canto de pássaros:

— É como olhar pôster de mulher pelada, Lucía. No começo da minha adolescência foi assim: meninos olhavam pôster de mulher pelada. Levavam de casa, abriam no banheiro escondidos. Eu simplesmente não entendia. Não captava a graça. O segredo. Eram bonitas, podia entender isso, as mulheres. Mas tinha uma maldade que me faltava. Tinha que mentir, imitar os garotos, fazer comentários. — A voz lhe falta um pouco, pigarreia. — Hoje sei que isso tudo não era para mim. Simples. Quem sabe um dia não decifro essa maldade toda?

Jorge sorri sem jeito ao horizonte recortado de troncos, a risada soa oca. Lucía assente, afasta um inseto que teima grudar em seu cabelo preso em uma trança volumosa.

— E você, Paco?

Mordendo um figo recém-colhido, tendo o cuidado antes de ver se não há vespas dentro, o franzino desafia:

— Eu vendo maldade.

Gargalhadas sinceras ecoam pelas árvores. Logo mais o sol iria se pôr, precisavam ir. Era bom poder contar uns com os outros. Lucía comenta apaziguadora, refletindo sobre a segunda pergunta que rodeia sua mente:

— Jorge, talvez seja uma sorte a tua. Eu não aguento passar por esse banho de vergonha toda a vez que telepatio. Toda vez em que preciso transmitir algo, me envergonho mortalmente; só depois consigo dominar o fluxo. Será que toda a vez que entramos em telepatia precisamos necessariamente passar vergonha?

Mal pronuncia isso e pressente as costas pelando, como se tivesse falado algum segredo abissal, como se a estivessem vendo nua com todas as dobras, tremedeiras por ser avaliada, julgada, esmiuçada. Expira, e tenta se acalmar. *Está tudo bem,*

você está entre amigos. Fecha as duas fendas dos olhos escuros, encosta na árvore, fios de cabelo preto rebeldes desfilam na brisa. Ouve Paco retrucar:

— Talvez seja por isso que você é tão boa, Lucía. Eu estou longe de me envergonhar tanto quanto você. Um sem-vergonha!

Sorriem com a bravata, Lucía relaxa, é bom escutar besteira.

O mais alto torna filosófico:

— No fundo, compartilhar vergonhas é uma forma de lançar a ponte da empatia. Talvez seja uma forma muito eficiente de entrar em contato com os pensamentos dos outros. Uma forma de pedir licença.

Jorge tira os óculos para limpá-los na camisa xadrez de flanela. Lucía repara que é estranho ver Jorge sem óculos; os olhos se tornam menores, encapsulados. Desvia o olhar. Paco é quem tinha olhos bonitos, reflete, um marrom tão claro.

Com um susto, se recorda do semblante de Paco quando telepatia: olhos amarelos a queimar. Nunca contou algo que talvez seja importante — durante o transe do Chá, mais de uma vez, vira Paco queimando a foto da mãe que não conheceu. *Besteira da minha cabeça. Para quê magoar o cara, já tão inseguro?*

O calor da colheita não alivia; a tarde segue abafada. Uma última pergunta percorre a cabeça latejante de Lucía. Embora esta pergunta não compartilhe.

Quantas vezes ainda teria que ouvir a própria mãe morrer para depois poder alcançar uma outra pessoa?

7. NO CENTRO DO REDEMOINHO

— "Isso que é a telepatia? Que porra é essa?", foi a primeira coisa que falei. Nossa, acordei com a maior ressaca da minha vida. E olha que tenho experiência no assunto. — A mesa do bar sacode-se em risadas.

Em Santiago, Paco diverte-se contando, mais uma vez, a versão oficial de sua primeira vez com a droga diante de Jorge,

Lucía e muitas outras pessoas.

Durante o papo manjado de Paco, somente uma cara nova se mostra impressionada na mesa de bar: a de Carol. De regata e músculos aparentes, a fisioterapeuta escuta tudo vidrada. Miúda de pele branca bronzeada, bebe um suco de laranja. Não decifra muito nos excessos de gírias do chileno.

Maria Carolina é brasileira e está nos últimos dias de férias em Santiago. Passa as mãos nos cabelos anelados, agora curtos — num impulso, como despedida, visitou um salão de cabeleireiro em Vitacura pela manhã. Mandou um e-mail para a mãe de uma *lan house*, "você não sabe, cabeleireiro é *peluquería* em espanhol". Com batom forte e brincos, o corte ficara incrível. Ou talvez em Santiago os espelhos fossem mais generosos. Nesta última noite no Chile, veio parar no bar a convite de Lucía, que conhecera em uma aula de yoga aberta no parque.

Jorge, Lucía e Paco terminaram o curso de formação básica na Sembrar. Há seis meses estão de volta a Santiago e seguem uma amizade próxima. Bebem no bar Donde Robín, um prédio triangular de fachadas rabiscadas, cheio de gente de cabelo esquisito.

Faz um ano que provaram a primeira dose do Chá.

Paco está mudado. O mesmo mastigar de raiva entre as consoantes, a pele morena ainda macia como adolescente, embora o corte moicano tenha ganhado umas mechas cor-de-rosa, ombros seguros, ganhou músculos na magreza. Algum ajuste fino germinou sob sua pele.

Recém-empregado como professor assistente, Jorge exibe corte de barba bem desenhado, cabelo preto aparado, e veste um blazer de veludo azul. A armação dos óculos contrasta com a palidez da pele. Lucía mantém o rosto de lua cheia, alguma sombra agora marca o semblante de quem voa alto demais. O cabelo liso, abundante e comprido talvez precise de um corte, algumas pontas estão ressecadas, embora o sorriso insista em assegurar que está feliz a ouvir histórias naquela mesa.

Paco continua a pedir o centro das atenções com sua história.

— O alojamento da escola estava completamente nojento depois daquela vez. Teve gente que vomitou no corredor, que usou cobertor como pano de chão, caos total. Botas com lama. O banheiro era o portal do inferno. Nossa, tivemos que limpar tudo aquilo com uma dor de cabeça do além. Foda.

Ouvintes meneiam a cabeça. A plateia é de meia dúzia que escutou mais de uma vez aquela história de Paco. É engraçada mesmo. Ninguém se impressiona, quase todas as pessoas já tiveram sua primeira vez com o Chá.

Hoje a droga se espalha pelos quatros cantos do Chile, Peru, Argentina, um fogo a queimar planícies, incendiar cordilheiras. Apesar dos debates jurídicos e condenações sobre moral, assim como saúde física e mental, as redes pululam de receitas caseiras de fermentação, equipamentos de cerveja adaptados à parente telepastoriana. Nas cidades cinzentas, nos subsolos de metrôs cheios de fones de ouvido, as leveduras mágicas encontram um novo mosto denso para vicejarem. Não havia jovem de Santiago que não tivesse uma garrafa de chá em casa.

Carol toma seu suco de laranja e uma bola se forma no estômago. Ouvir a história de Paco a incomoda. Pessoas tão corajosas e cheias de aventuras. Qual história Carol poderia contar? O máximo que fez, nos últimos tempos, foi se rebelar e pedir as contas. Juntou o que pode para tirar duas semanas de férias. Talvez essa fosse sua maior aventura, uma coisa boba.

A que custo? Na clínica de fisioterapia no Rio, deixaram claro: quando voltar, haverá alguém em seu lugar. Despedida. Depois de três anos sem férias e certo azar do salário que atrasa, ponderou: foda-se. O corte de cabelo afirma isso.

Partiu ao Chile numa promoção de companhia aérea. O espanhol aprendeu no Colégio Pedro II. Mesmo com o fantasma do futuro desemprego assombrando o sono, visitou vinícolas, subiu colinas, entrou nas casas de Pablo Neruda, cortou o cabelo. Agora amarga o fim de férias, fim de aventuras. Amanhã tomaria o voo das 20h ao Galeão,

chegando já de madrugada ao Rio. A bola no estômago aperta em um nó.

Agarra-se aos próprios conselhos a pacientes: *você pode achar escolhas*. Lembra-se de uma senhorinha cujo marido ranzinza a proibia de fazer fisioterapia, "esses exercícios eram tudo besteira". Quantas sessões não foram necessárias, fortalecer a vontade antes dos músculos, contrariar o marido, até começar a fazer os exercícios em casa? Os olhos de Carol umedecem, mexe o suco com o canudinho.

Qual escolha teria? Seu maior sonho era voltar a ser pesquisadora. Vontade soterrada por excesso de trabalho. Falta de tempo, verbas poucas na universidade. Falta de coragem, de confiança. Passa a mão pelos cabelos curtos anelados.

Uma ideia estala na cabeça de Maria Carolina: quem sabe agora, demitida, não poderia voltar a pesquisar?

Diante da história de Paco, Carol começa a ter uma iluminação. Assusta-se com a ousadia das próprias ideias: que talvez sua rebeldia no emprego, tão rara, tinha a ver com algum plano astral, concerto divino — pouco crível a promoção da passagem aérea, a aula de yoga com Lucía, até o corte de cabelo, tudo girava até aquele ponto, centro de redemoinho, o ponto fixo da mudança.

Será que não poderia voltar a ser pesquisadora?

Pisca, afasta pensamentos arrojados. Tenta se concentrar no falatório de Paco. Para se mostrar interessada, pergunta o que aconteceu após provar a droga telepática:

— *¿Y qué pasó después?*

Quem responde é Lucía, em um espanhol transparente, muito mais simples de entender do que a algaravia cheia de weón de Paco:

— As professoras nos ensinaram muitas coisas, Carol. Na escola, passamos então por meses de treino mental e físico, por mais engraçado que possa parecer. Meditação, respiração, fazer tarefas físicas. Entrar em contato com o Chá é abrir a porta do quarto de bagunças da mente, nem sempre agradável

ver o que se guardou ali. Quando você toma o Chá, entra em contato não só com tua confusão mental, mas também com a confusão da outra pessoa. Desejos, aflições, medos. Histórias terríveis pessoais, lembranças horrendas. Não é simples. Antes de se comunicar telepaticamente com outras pessoas, você precisa fortalecer a própria mente, estar em plena sinceridade, amarrar bem o teto de sua casa.

Carol assente com cachos curtos. Finalmente conseguiu entender que Lucía devia estar junto com Paco naquela primeira experiência! Não ficou muito claro antes, a conversa em espanhol era rápida demais para ela compreender tudo.

Um outro homem da mesa, Jorge, alto e sisudo, pigarreia e toma a palavra em uma dicção professoral grave no melhor português que consegue:

— O Chá é una brecha. Amplia o período REM do sono, quando temos sonhos mais vívidos. Até antigamente denominado de "sono paradoxal". Bebês dormem muito mais em REM, sabia? Quando experimentamos o Chá, voltamos a ser infantes. *Ganamos* uma capacidade de conexão mental maior com o entorno. O Chá escancara una brecha entre a consciência e a inconsciência. Rompe consciente, inconsciente.

O sotaque faz com que o homenzarrão pálido pareça uma criança falando português. Carol implica com o jeito de sabichão do cara pálido de óculos, entretanto agradece a pronúncia pausada. A voz de barítono de Jorge prossegue:

— *Quiero ber* o que esses gringos da indústria farmacêutica irão produzir. A telepatia oferecida pelo Chá não é um telefonema, não é uma mensagem clara. É, ao revés, un enigma, uma confusão. É preciso sempre comentar, compartilhar o que você sonhou acordado para entender mensagens, discutir. E, mesmo assim, há algo que você não compreenderá, nunca compreenderá. Pura poesía.

Ao redor da mesa, sorrisos afloram em concordância. As notícias gritavam que, no próximo ano, a droga seria comercializada nos EUA. Jorge torna:

— *Cuándo* telepatimos, emitimos ondas, uma espécie de voz mental, um campo, uma perturbação. Da mesma maneira que uma corrente elétrica gera *una perturbación. Quieren* transformar isso *en una* realidade expandida pela internet, unir a indústria farmacêutica em indústria de *comunicación*.

Lucía reclama algo e segue-se uma discussão engalfinhada que Carol pouco compreende. Pesca que Jorge não deve conseguir se conectar com o Chá, embora seja um especialista no submundo em fermentar o troço. Discordam sobre os usos da substância?

Paco, sem paciência, bate na mesa com uma careta.

— Pode ver que experimentar o Chá é um ato muito íntimo, Carol.

As faces de Maria Carolina estão afogueadas com a conversa, com os próprios pensamentos ousados. Claro que ouvira falar do Chá antes, mas é muito diferente estar naquele lugar, naquele momento, para escutar aquelas primeiras histórias! Será que a droga não poderia oferecer um uso terapêutico? Seu faro de pesquisadora reacende. A carioca inquire:

— E vale a pena tomar?

— É como viver — filosofa Lucía, circunspecta. — Não é despido de medo, de pânico, da ideia de morte. Sempre há um risco. Há uma maravilha nisso também.

A mesa silencia. Sabiam qual o próximo passo. Entretanto, há uma certa etiqueta. A pessoa deveria desejar tomar o Chá. Desejar muito. Do contrário, é catastrófico.

Ninguém se adianta, pedem mais uma cerveja. Carol quase nunca se alcooliza; fora um tanto arrojada nas vinícolas, calcula os gastos, pede mais um suco, já bastava a cabeça girando de ideias malucas. Alguém comenta sobre uns livros de poesia. Se esquecem do assunto.

Até que a brasileira pede a palavra, pigarreia, pressiona as mãos uma contra a outra, agarra os cachos curtos:

— Gente. Desculpa. Eu… eu queria, hum, experimentar se vocês tiverem. É minha última noite aqui. Eu queria muito.

Mesmo. — Aperta as mãos em dois punhos.

O foda-se de Carol germina em um chamado.

8. PLANÍCIE QUEIMADA

Não há nenhum traço de humanidade no descampado, uma planície queimada pelo sol e chuvas ralas. María visita o riacho preferido, a música das águas acaricia ouvidos e pedras.

A turma floresceu, alegra-se, *dominam perfeitamente a arte do Chá*.

Sorri. María tinha uma preferida, Lucía. A garota possuía todo o necessário: força mental, constituição física invejável, respeito às sabedorias, rapina nas capacidades telepáticas. Embora jamais vá se livrar de seus pesadelos, filha de um pai que mata a mãe, família desfeita, pobre garota. O Chá nos retira o alívio de esquecer. Cansaço nos ossos.

Aquele estudante maluco com certeza daria trabalho. Mostra um sorriso à planície. A professora conhecia o estilo: Paco seguirá firme naquele plano bobo, conectar o Chá às máquinas.

— Qual a fascinação disso? — pisca e pergunta alto ao riacho risonho.

Quantas vezes não haviam tentado? Utilizar o Chá em contato com uma máquina? Que insistência idiota.

María lê o futuro. Sabe que Paco irá conseguir.

Ao mesmo tempo que Guillermo.

A desconexão: utilizar o Chá para acessar as redes.

Ambos irão, cada um à sua maneira, inventar uma forma de interface para que as redes possam ser potencializadas pelo Chá. Um fio, um protocolo, traduzir o corpo em números e ondas. Ampliar canais de comunicação de uma forma nunca antes prevista.

— Para comunicar o quê? — exaspera-se María com a inutilidade do esforço, seu coração fraco bombeia a irritação aos ossos. Estudantes perdem o dia inteiro digitando

grudados a monitores, trocando piadinhas, notícias truncadas, bobagens. Nada daquilo impede seu riacho de ser envenenado ou que a gente passe fome.

Ambos conseguirão. María vê o fato. Guillermo e Paco.

O fato de alcançarem a desconexão.

Cerra os olhos. Pressente num arrepio, será em breve. María prevê dois bólidos acelerando um em direção ao outro em uma rota de colisão destruidora. Pesquisarão, projetarão. Cada um com seus recursos.

Agora mesmo estão terrivelmente próximos.

Segurando o vestido pesado e desconfortável, ela desbravou a campina que separava a última muralha do castelo e um bosque. Era um desafio, mas não se apressou para cumpri-lo. Um arrepio percorreu seu corpo quando chegou à orla da mata. Estava no caminho certo. A magia ali estava quase palpável, e era exatamente naquele lugar que encontraria quem queria.

O outono havia feito as folhas secarem e se acumularem no chão, e o som delas estalando sob seus passos era delicioso de ouvir. Resistiu ao impulso de andar mais devagar para apreciar tudo ao seu redor, seguindo o caminho que a magia lhe mostrava. Seus cabelos da cor da neve balançavam suavemente diante do vento gelado que não parecia lhe incomodar. Ou pelo menos parecia lhe incomodar menos que o vestido.

Seu coração vibrou. Estava perto. Driblou algumas raízes altas, apoiando-se nos troncos; a casca seca era um estímulo interessante para seus dedos. A clareira que se abriu a sua frente era um cenário conhecido por ela. Apoiada a um abeto vermelho, ficou alguns instantes perdida na cena a sua frente, um sorriso bobo em seu rosto.

O enorme dragão de escamas bordô descansava tranquilamente. As patas serviam como travesseiro para a cabeçorra e as asas estavam recolhidas junto ao corpo. Se não fosse a cauda inquieta, poderia até acreditar que aquela criatura magnífica estava adormecida. Sempre que tinha oportunidade de observá-la daquela forma, se lembrava de que o dragão estava longe de ser um dos maiores de sua espécie, o que havia preocupado a fera durante anos… Mas nada daquilo importava naquele instante. Respirando fundo, decidiu dar o primeiro passo.

Os olhos amarelos se abriram para observá-la. Ofereceu um sorriso e se aproximou lentamente. Não queria fazer movimentos bruscos. Levou sua mão de dedos longos e tortos até o espaço entre as narinas da fera, que bufou. Soltou uma

risadinha, imaginando que havia causado desconforto por conta da temperatura de sua pele, sempre gelada. Do melhor jeito que pode, abraçou a cabeça do dragão, suspirando.

— Eu senti tanto sua falta — murmurou contra o couro quente. O dragão se moveu de maneira delicada, com receio de machucar a mulher. Um novo bufar mandou voando a tiara delicada que estava sobre os fios brancos. Ela riu do ato e se afastou para recolher o objeto — Sim, não estou aqui como uma rainha. Desculpe se estraguei sua surpresa, mas quando senti você… — Encostou sua testa na ponte entre os olhos da fera, que ronronou.

A maior ironia do destino era que estivesse apaixonada por algo que, no passado, sua família clamava cassar. Carregava a lembrança do genocídio dos dragões em seu nome e volta e meia sentia um peso enorme em suas costas. Mas sua herança não importava, não naquele momento.

— Você deve estar exausta, Billie, para ainda estar como um dragão. Passou tanto tempo assim como humana? — disse. Com um movimento extremamente sutil de sua cabeça e um piscar de olhos lentamente, o dragão concordou. Depois de tanto tempo juntas, se entender não era difícil, independente da forma que usassem — Há algo mais em sua mente?

O jeito como os olhos amarelos se voltaram para a rainha a fez rir. Após um rosnado, a fera virou sua cabeça, evitando os olhos e o rosto da mulher. Suspirou antes que um sorriso triste aparecesse em seu rosto e seus dedos longos afagaram as escamas no pescoço de Billie. Sempre se encantava no modo como aquele couro poderia ser tão poderoso, belo e prazeroso ao toque. Suas mãos deslizavam pelas escamas do mesmo modo que fariam em uma seda finíssima. Não era a toa que couro de dragão era caro e valioso — e, em alguns casos, proibido.

— Se quiser conversar, sabe que pode falar comigo, não é? — disse, e a resposta de Billie foi um grunhido — Agora… tirei a tarde para mim — sentindo os olhos amarelos fixos em si, se sentou apoiada contra as costelas de Billie — e, se não se

importa, eu vou tirar um cochilo lhe usando como travesseiro. Estou exausta.

Ela se aninhou e o dragão se enrolou ao redor dela, tal qual um gato. Não pôde deixar de rir com aquilo. Era um recado claro de que Billie estava se preparando para dormir junto de si. Mesmo naquela forma.

***

Acordou lentamente, mas permaneceu com os olhos iridescentes fechados. Estava sendo carregada no colo e, quando ouviu uma risadinha rouca que fez seu coração saltar, soube que seu teatrinho não havia dado certo. Só abriu os olhos para encarar quem a carregava quando pararam.

— Milady — o termo foi usado de maneira jocosa — sinto lhe informar que não poderei mais ser sua carruagem.

A rainha foi delicadamente posta no chão e encarou a figura feminina ao seu lado. A trança bordô caindo como uma serpente por suas costas, o rosto bonito, a roupa preta ricamente bordada… Seu coração acelerou. Havia acabado de se apaixonar por ela, mais uma vez.

Sem a menor cerimônia, alcançou os lábios cheios do dragão, que sorriu ao sentir o hálito frio. Quando o ar faltou, elas se separaram e Billie colocou algumas mechas do cabelo branco no lugar. Afagou a bochecha magra e encostou sua testa na dela, um de seus braços ao redor da cintura da rainha.

— Infelizmente nossa saudade vai ter que ficar para depois, Faye. Não estou aqui por um bom motivo. — A rainha suspirou. — Sinto muito ser sempre um arauto de notícias ruins.

— Você está fazendo seu trabalho. — A rainha espalmou as mãos sobre o peito do dragão. — Não é culpa sua.

Sorrindo, Billie devolveu a coroa para a cabeça de Faye, que suspirou.

— Uma coroa para uma rainha — Billie brincou, tentando diminuir a tensão.

Faye odiava o momento em que tinham que deixar de ser um casal e passar a ser Rainha e Conselheira. Mas um beijo em sua testa a fez sorrir.

Felizmente, não precisava carregar o fardo da realeza sozinha. Tinha Billie, sua filha, seu padrasto… Tudo ficaria bem, em algum momento, de algum jeito. ●

MAISA FONSECA

Maisa Fonseca é um halfling exilado nesse plano por crimes contra a conformidade. Apesar de fascinada com nosso mundo, especialmente nosso curioso conceito de "gênero", ela tem muitas histórias pra contar sobre outros lugares.

ALLIAH

Alliah/Vic é escritor, artista visual, pessoa trans não-binária bissexual e talvez uma alucinação coletiva. Suas criações habitam os multiversos da ficção fantástica, do estranho, da internet e da cultura pop. É autor de vários contos publicados em coletâneas e do livro ilustrado weird Metanfetaedro. Também atua como ilustrador, parecerista de ficção e leitor sensível.

AILTON BORGES

Cinéfilo e leitor compulsivo desde criança, trabalhei por alguns anos em blogs de temas sobrenaturais (no auge das creepypastas) à cultura pop, mas hoje reservo a escrita apenas para extravasar meus impulsos de criação na ficção especulativa. Atualmente, moro em Goiânia, capital de Goiás, onde tento equilibrar minha rotina entre estudos, escrita, sessões de RPG e podcasts.

ANDRÉ COLABELLI

André Colabelli é um André de Santo André, SP. Ele é um servidor público durante o dia e um nerd estranho durante todos os momentos. Após uma crise de meia idade, ele decidiu estudar Letras ao invés de comprar uma Ferrari, o que está sendo bem mais barato e um pouco mais útil. Ele não sabe o que é Facebook. Este é o seu primeiro trabalho publicado.

GERALDO CEBOLA JOÃO LUCAS

Nasceu a 25 de setembro de 1977, na cidade de Tete, província central de Moçambique. Fez o ensino primário e médio em Tete. É licenciado em História pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane desde 2007 e Mestre em Educação-Ensino de História pela faculdade de Ciências Sociais e Filosóficas da Universidade Pedagógica de Moçambique. É docente e investigador no Departamento de Ciências Sociais e Filosóficas da Universidade Pedagógica na Delegação de Niassa desde 2008. O autor tem contos como "O Pedaço da Minha Roupa Íntima" e outros publicados nas revistas *Litteris*, *Jangada*, *Germina*, *Soletras* e outras. E é autor de vários artigos científicos sobre género, educação e migrações publicados em várias revistas.

RODRIGO SILVA DO Ó

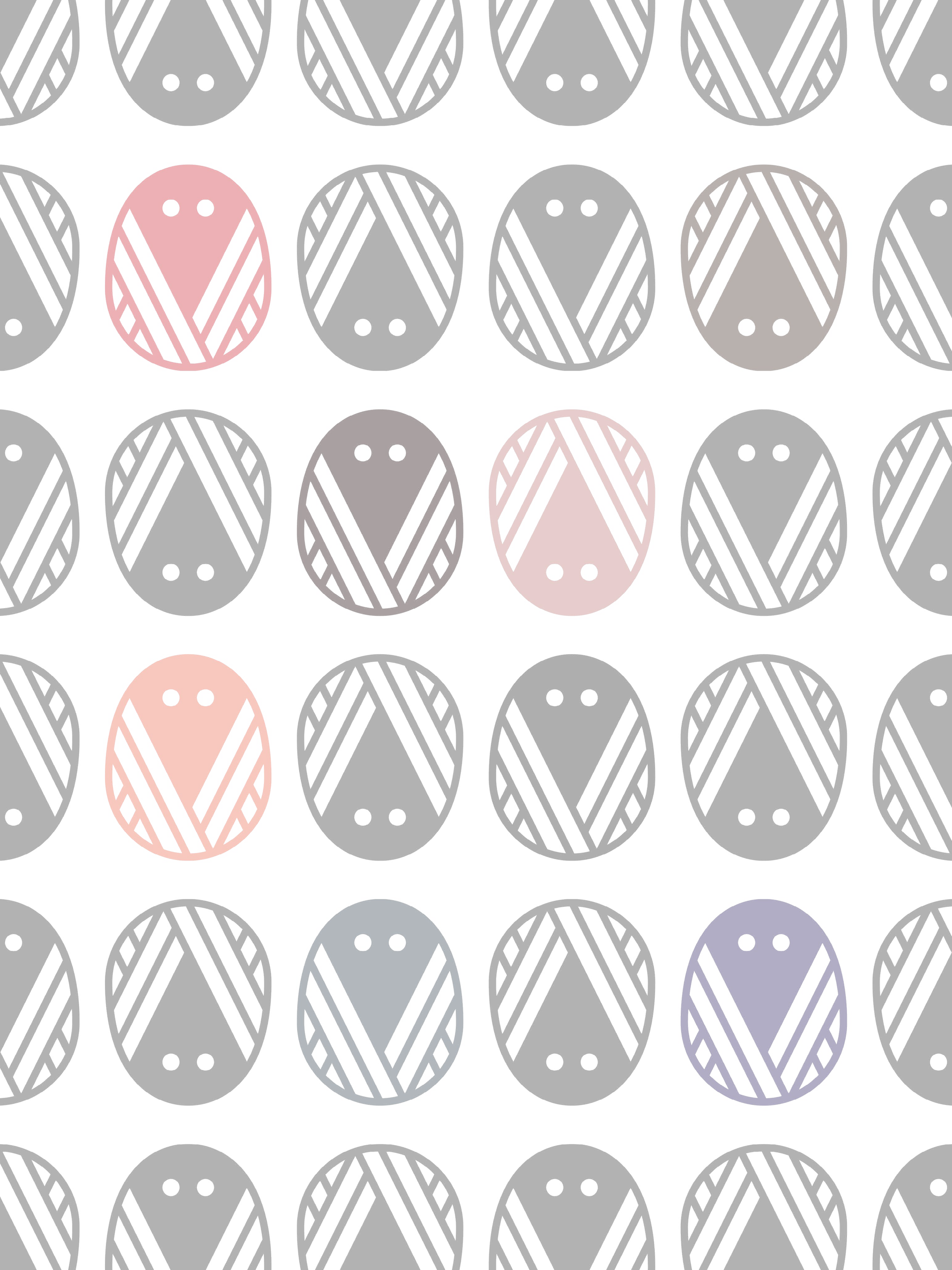
Rodrigo Silva do Ó tem 35 anos, é bancário e mora em Duque de Caxias. Em 2017 publicou o e-book "*Cyberfunk*", junto com o artista plástico Carlos Contente. Teve o conto Cyberfunk selecionado para a coletânea Cyberpunk, e o conto "Pinturas para o Templo" para a coletânea Evangelho de Cthulhu, ambos da Editora Draco, e o conto "Os Nômades das Estrelas", escrito com Júlio Azevedo, publicado no blog A Taverna. Escreve sobre um monte de coisas no blog *As Novidades de Sempre*.

RÚBIA DIAS

Rúbia Dias, nascida e criada em São Paulo, é formada em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e pós-graduada em Administração pela FGV-SP, mas isso não diz absolutamente nada sobre quem ela realmente é. Introspectiva e melancólica, sempre buscou na literatura e na fantasia seu refúgio. Há mais de quinze anos, resolveu começar a criar os seus próprios mundos, e neles vive até hoje.

WILSON FAWS

Wilson Faws é criador, questionador, adora inventar histórias, conhecer novas culturas, e tentar tirar as pessoas de suas bolhas, mostrando que existem outros lados. Nas horas não-vagas, trabalha com T.I. Possui alguns contos publicados em coletâneas, e também se aventura na escrita de roteiros para HQs, Cinema e Dramaturgia.

CLARA MONTEIRO

Clara Monteiro é fotógrafa e escritora amadora, jornalista de profissão, apaixonada por animações e fantasia, ama dragões e é um hobbit — talvez essas duas coisas tenham relação, mas nenhum Smaug foi encontrado para maiores declarações. Às vezes fala de si mesma na terceira pessoa, está dentro do espectro da assexualidade, é uma louca dos gatos e vive mais dentro do universo dentro de sua cabeça do que no mundo real. Pode ser encontrada na internet pela alcunha de Nimwen, é criadora de conteúdo multimídia por hobby e geralmente atua como suporte e tanque nos jogos online.